



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

VOLUME III

PORTUCALENSE EDITORA

P. Liberdade, 24 - PÓRTO

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICINAS GRAFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO BRASIL
BARCELLOS

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

HISTÓRIA TRÁGICO - MARÍTIMA

COMPILADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de
DAMIÃO PERES
Professor da Universidade de Coimbra

VOLUME III



150001

PÔRTO
1 9 4 2

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPLETA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO



NOVA EDIÇÃO

Procedida sob a direção de

DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

150001

VOLUME III

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA DE HISTÓRIA
1942

RELACÃO DO NAUFRÁGIO
DA NAU
SANTA MARIA DA BARCA

VI

Relação do naufrágio
da nau SANTA MARIA DA BARCA

RELAÇÃO DO NAUFRÁGIO

DA NAU

SANTA MARIA DA BARCA

De que era capitão

D. LUIZ FERNANDES DE VASCONCELOS

*A qual se perdeu vindo da Índia para
Portugal no ano de 1559*

H. G. /
30904

RELACÃO DO NAUFRÁGIO

DA NAU

SANTA MARIA DA BARCA

De que era capitão

D. LUIS FERNANDES DE VASCONCELOS

A qual se pertenceo vulto do Indico de
Portugal no ano de 1559

Naufrágio da nau Santa Maria da Barca no ano de 1559

No princípio do ano de 1557 mandou El-Rei D. João o III, de saudável memória, preparar cinco naus para mandar à Índia, de que deu a capitania-mór a D. Luís Fernandes de Vasconcelos, filho do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Menezes, que escolheu a nau *Santa Maria da Barca*, em que D. Leonardo de Sousa tinha chegado da Índia, para ir nela. As outras quatro naus eram: *Santo António*, de que era capitão Cide de Sousa; a *Assunção*, que levava por capitão Braz da Silva; a *Framenga* era António Mendes de Castro; e da *Águia* João Rodrigues de Carvalho.

Estando estas naus prestes e carregadas para darem à vela, abriu a nau capitânia uma água tão grossa, que se ia ao fundo, e chegou a ter em si catorze palmos dela; e acudindo os oficiais para a remediar, não somente lhe não puderam tomar a água, mas nem saberem por onde a fazia; antes viam que cada vez lhe crescia mais, porque nem bombas, nem barris, nem outras vasilhas, que corriam por andaimes, lha puderam esgotar em muitos dias, trabalhando de dia e de noite. Vendo El-Rei que

se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus à vela, e que aquela se descarregasse; o que elles fizeram, despejando-a tôda com muita pressa, para verem se lhe achavam por onde fazia esta água.

Vendo D. Luís Fernandes que já aquêlê ano não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era um fidalgo pobre e tinha gastado muito em se aviar, andava muito triste e descontente. Foi a nau revolvida e buscada de pôpa à proa, sem lhe poderem dar com a água; e andava grande borborinho entre os pescadores de Alfama sôbre aquêlê negócio, que afirmavam públicamente que Deus Nosso Senhor permitira aquilo porque aquêlê ano lhe tirara o Arcebispo aquelas suas tão antigas cerimónias com que veneravam e festejavam o dia do Bem-aventurado S. Pero Gonçalves, levando-o às hortas de Enxobregas com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capelas ao redor dêle, dançando e bailando. E porque nos não lembra vermos escritas estas cerimónias em alguma parte, o faremos aqui brevemente.

Têm todos os homens do mar tamanha devoção e veneração ao Bem-aventurado S. Frei Pero Gonçalves, e o têm por tão seu advogado nas tormentas do mar, que crêem de todo seu coração que aquelas exalações que nos tempos fortuitos e tormentosos aparecem sôbre os mastros, ou em outras partes das naus, são o Santo que os vem visitar e consolar. E tanto que acertam de ver aquela exalação acodem todos ao convés a o salvar com grandes gritos e alaridos, dizendo: «Salva, salva, Corpo Santo». E afirmam que quando aparecem nas partes altas, e são duas, três, ou mais, aquelas exalações, que é sinal que lhes dá bonança; mas se aparece uma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufrágio. E tão crentes e firmes estão nisto, que, quando aquelas exalações aparecem sôbre os mastarêus, sobem os marinheiros acima, e

afirmam que acham pingos de cera verde; mas elles não os trazem, nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora, passando por muitas vezes esta carreira. E, se os religiosos que vêm nas mesmas naus lhes querem ir à mão, dando-lhes razões para lhes mostrar que aquilo são exalações, e declarando as causas naturais por que se geram e por que aparecem, não falta mais que tomarem as armas e levantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé, que por tal o têm.

A festa deste Santo se faz e celebra nas oitavas da Páscoa; e aquêlê dia é de maior triumpho, de todos os pescadores que todos os outros, e em que elles fazem maiores gastos e despesas que em todos os mais. Esta pequena luz, que estes mareantes veneram em nome de S. Frei Pero Gonçalves, e os estrangeiros no de Santo Anselmo, é de tão antiga veneração, que já em tempo dos gregos se celebrava. Porque, segundo muitos autores seus contam, quando aquêles famosos argonautas iam na demanda do Velocino de ouro, em uma grande tormenta, que tiveram no mar, appareceu aquella luz sobre a cabeça de Castor e Polux, e logo lhes cessou a tormenta; o que movem aos homens a terem estes dois irmãos em tanta veneração, que os contaram no número dos Deuses. E assim Plínio, no segundo livro da Natural História, falando nesta luz, afirma que se via muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exércitos, e que o mesmo apparecia em as naus, e lhe chamaram *Stella Castoris*.

E tornando aos nossos mareantes: quando viram que só a nau do filho do Arcebispo deixara de fazer viagem, creram que o Santo se quisera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhe fizera, em lhe defender suas tão antigas festas; e assim o affirmaram ao mesmo Arcebispo, que vendo tamanha fé e devoção, movido daquelle zêlo, lhe tornou a conceder, depois que se achou a água; porque nas voltas que lhe deram, foi um marinheiro dar

com um furo de um prego na quilha, que estava destapado, que por descuido deixaram os calafates de lhe pôr prego, e quando a brearam se tapou o buraco, e por ali fazia aquela água. E permitiu Deus Nosso Senhor que acontecesse isto a esta nau estando no pórto, porque se não perdesse à ida; que, se fôra no mar, nenhum remédio tinha.

Foi tomada a água com grande alvoroço e tornou a carregar, porque disseram os officiaes que ainda tinham tempo, e que, quando não pudesse passar à Índia, ficaria invernando em Moçambique; e assim deu à vela a dois de Maio. E foram seguindo sua derrota; e na Costa de Guiné acharam tanta calmaria, que os deteve setenta dias; e tomando parecer sôbre o que fariam, assentaram que fôsem invernar ao Brasil porque era muito tarde; e logo se fizeram na volta da Baía de Todos os Santos, onde chegaram a catorze de Agôsto, véspera de Nossa Senhora da Assunção. D. Duarte da Costa, que aí estava por governador, foi logo desembarcar o capitão-mór e muitos fidalgos que iam na nau, a quem agasalhou, banqueteu e deu pousadas à sua vontade; e o mesmo fêz a tôda a mais gente da nau, a quem deu mantimentos enquanto ali esteve.

Das mais naus que tinham partido diante, a *Framenga*, de que era capitão António Mendes de Castro, foi tomar Melinde, onde invernou; a *Águia*, em que ia João Rodrigues de Carvalho, invernou em Moçambique, por chegar tarde; as duas, *Assunção* e *Santo António*, chegaram a Gôa. E D. Luís Fernandes de Vasconcelos chegou a Moçambique a dois de Maio do ano seguinte de 1558, onde o Viso-Rei D. Constantino de Bragança lhe fêz muitos gasalhados; e achando ali a nau *Patifa*, de que era capitão João Rodrigues de Carvalho, que por chegar tarde não pôde passar-à Índia, tomaram provimentos e água; partiram a cinco de Agôsto, e chegaram à barra de

Gôa a três de Setembro, onde estiveram até que no ano seguinte de 1559 despachou o Viso-Rei as naus para irem tomar carga a Cochim, e dali para o reino, onde se foi também embarcar D. Luís Fernandes de Vasconcelos na sua nau *Santa Maria da Barca*.

Partimos de Cochim aos dezanove de Janeiro, em uma quinta-feira, às oito horas do dia, e fomos nossa viagem até termos vista das Ilhas de Mamale, onde andámos três dias, em altura de dez graus escassos. Daí fomos nossa derrota não com vento, mas com calmarias e bonança, até aos nove de Março, que estivemos em vinte e cinco graus e dois terços. Ao meio-dia seríamos da Ilha de S. Lourenço sessenta léguas, e ao quarto da prima nos entrou o vento Sudoeste, e tomámos as velas e lançámo-nos ao pairo no bordo Lés-sueste, e andámos até o sábado ante-manhã, que foram onze do mês.

Estando dando à bomba no mesmo sábado ao quarto da madrugada, deram mais do que costumavam a dar, e então disse o guardião ao calafate que fôsse ver a baixo; e o calafate foi, e quando veio disse que dessem às bombas ambas, porque havia dois palmos de água sobre o palmejar, havendo dois relógios que davam à bomba.

Tanto que foram dizer ao capitão-mor que fazíamos água, mandou dizer ao guardião, que a êste tempo servia de contra-mestre, por o dito contra-mestre vir doente da Índia, que desse ao traquete. Ao que respondeu o guardião que piloto e mestre vinham na nau para o mandarem fazer, e mais que viria a manhã, e que então advertiriam o que haviam de fazer, e como haviam de ir arribando, com não haver tempo para o fazer. E o capitão-mor mandou logo que dessem à vela; e tendo-lhe tomado uns jegualhos, os tornámos a desfazer com mêdo do tempo nos não levar a vela; e fomos correndo todo o dia até à tarde com o traquete; e vindo a noite demos à vela grande, sem moneta, pela água vir em crescimento,

e irmos correndo ao Norte com o vento Sudoeste e Susudoeste. Seríamos da terra cinquenta léguas até sessenta, com darmos continuamente às bombas, sem levar mãos delas.

No próprio dia fomos à arca da bomba para vermos donde vinha a água, e nunca o pudemos julgar que com verdade fôsse, porque nunca as bombas puderam ser sem água; e com isto fomos ao paiol da proa, tanto avante como à arca da bomba da banda do estibordo; começámos a sondar e não achámos mais que rever a nau por todo o costado; e fomos ao outro paiol da banda do bombordo, correndo do paiol da pôpa até à bôca da escotilha do convés da água, e não achámos mais do que vimos da outra banda; com isto se veio a gente para cima sem fazer mais diligência, até se haver conselho do que havíamos de fazer. Assim andámos todo o dia dos onze do mês, sem fazer mais que correr tôda a nau por riba e por baixo, e não achámos mais que marejar por tôdas partes; e nisto gastámos o dia e a noite, sem fazer mais proveito que haver muitos rebates de achada da água, que só servia de nos dar muito desgosto e pena.

Ao domingo pela manhã quis Nosso Senhor, com darmos tôda a noite às bombas, e nunca levarmos mão delas, esgotar a água de maneira que pudemos julgar vir da pôpa; e com isto foi alvorôço tamanho na nau, que lhes parecia que já tínhamos acabado nossos trabalhos, ao menos a quem não entendia que mal era fazer água por pôpa. E nisto mandaram dar rijamente à bomba, e foi de maneira que aquêles que por mais honrados se tinham davam mais.

Com isto nos fomos ao paiol das velas, começámos de lançá-las no cabrestante com mais resguardo, do que depois, por nossos pecados, êsses poucos que escapámos lhes vimos dar fim; e tirámos muitos sacos de gengibre e lacre

para cima, e por serem de alvitres houve muitos homens que, não sabendo o que nisso ia, fizeram muitos requerimentos, parecendo-lhes que estávamos em tôda bonança e não olhando que fazíamos isto por proveito de todos; e o primeiro que se havia de botar havia de ser dos homens pobres, como se botou ou êles o botaram. Digo isto, porque neste tempo havia homens que em vez de ajudarem se punham a fazer requerimento ao capitão e ao mestre, que não bulissem com a fazenda, que se perderia. Isto foi causa de pôr a gente em tal estado, com tirar a fazenda arriba e tirar abaixo, que, quando veio ao tempo da maior necessidade, andando já desfeitos de tanto trabalho, nem eram homens para o fazer, nem havia fôrças que tanto os ajudassem.

A segunda-feira, treze do mês, fomos abaixo e começamos de tirar muitos sacos de gengibre e lacre, com fundamento de tornar abaixo, e botámos na tólda do capitão e alcácema, o qual fundamento nos saíu bem avêssdo do que cuidámos; e começámos de fundear a pimenta e baldear ao mar, o que o capitão-mor não queria fazer, dizendo que era de El-Rei, e a mandava deitar no cabrestante. Nisto se foi o guardião e alguns marinheiros ao mestre, e lhe disseram que não estava em tempo para aquilo, e que tinham bem necessidade de baldear e alijar tudo ao mar. Ao que respondeu o mestre que bem víamos nós outros que com êle mandar sòmente tirar os sacos de gengibre fora do paiol o queriam matar, que faria mandando-os deitar ao mar; que fôssem ao capitão-mor, que êle o mandaria fazer. Foi então o guardião com alguns homens falar ao capitão-mor, e êle mandou chamar o escrivão que visse o que diziam aquêles homens e que fizesse o que melhor lhe parecesse, e botassem ao mar tudo. À vista da resolução do capitão-mor, começaram a botar ao mar e a fundear, e não ficou ninguém que não botasse e ajudasse a tirar de baixo; e quando veio ao

meio dia tínhamos lesto o paiol da pôpa, e outro mais davante; e isto no porão. Nisto andámos o dia e a noite; e com darmos cotidianamente às bombas, e haver dias que a gente não comia por andar metida no trabalho, mandou o capitão-mor chamar o mestre abaixo, onde andava, e lhe disse que lhe parecia bem ordenar a um negro que fizesse de comer para aquela gente, se o pudesse escusar, e disto deu cuidado ao padre Frei Cristóvão de Castro e a Heitor Nunes de Góis.

A terça-feira, que foram catorze do mês, tendo acabado de fundear, que seria à meia noite, começámos de cavar o lastro e desfalcar; e, andando nisto, víamos que vinha respondendo a água da pôpa; e, quanto era o juízo dos que andavam debaixo, respondia tanto avante como a escrava do couce. Ver nisto a gente que andava debaixo levantar um choro de maneira, que uns abraçados com outros caíam para uma banda e para outra, começando a sentir seu mal, do que se lhes oferecia, causava assaz lástima. Começaram a cortar as escoas, para ver se respondia por alguma costura, e vendo que respondia de baixo, aumentaram o pranto de maneira que foi sentido dos de riba, e foram o guardião e carpinteiro dizer ao capitão-mor a sorte da água; ao que respondeu que fizessem seu officio o mais secreto que pudessem. E elles se tornaram abaixo; e, andando com o rastro, parece ser que fez alguma prêsa e não respondeu à bomba, e ficaram assim ambas as bombas sem tomar água; e com isto foi tamanho o alvoroço da gente, que diziam era já a água vencida, que lhes parecia que eram já nossos trabalhos acabados.

Neste comenos metemos três monetas, dizendo que a nau, ainda expedida da vela, não faria tanta água. Mandaram então dar à da gávea; e parece que forçou a nau e se desfez a prêsa, e se muita água fazia dantes, muita mais fazia então. Tornámos a tomar a vela da gávea, e

de; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vínhamos e que não havia na nau mais mantimento que o que êle trazia para si e para seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por êle, pôsto que todos lho queriam pagar por valer muito, e êle não quis por êle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos e se consolaram e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o demónio, que não sofre ver ninguém contente, semeou entre os marinheiros e passageiros que vinham na dita nau brigas e discórdias, com que se houveram de perder de todo; e quis Nosso Senhor, por sua piedade, que fôsse sabedor disso Jorge de Albuquerque, para meter a mão entre êles, como fêz; e os apaziguou e pôs em paz, com a qual sentíamos menos os trabalhos que passávamos.

Vindo, com as necessidades que tenho ditas, demandar as ilhas, uma segunda-feira, três de Setembro, fazendo-se o pilôto com elas, veio ter connosco uma nau de cossários franceses, artilhada e consertada como elas andam; e por a nossa vir desarmada e sem artilharia, como a maior parte delas ou quási tôdas andavam neste tempo, vendo o pilôto e mestre e os mais da nau que não tinham com que se defender, porque não trazíamos mais artilharia que um só falcão e um berço, e as armas que Jorge de Albuquerque trazia para si e para seus criados, determinaram de se render e entregar aos franceses. Ao que acudiu Jorge de Albuquerque, dizendo que nunca Deus quisesse nem permitisse que a nau em que êle vinha se rendesse, sem pelejar e se defender quanto possível fôsse; por isso que trabalhassem todos por fazer o que deviam e o ajudassem a pelejar, que com ajuda de Nosso Senhor, sòmente com o berço e falcão que tinham, esperava se defender. E para isso lhes fêz uma fala qual o tempo sofria, persuadindo-os a o ajudarem, com palavras

de muito esforço. Mas como a nau vinha tão despercebida de armas, e os mais que nela vinham fôsem tão fracos de coração, não achou Jorge de Albuquerque quem o quisesse ajudar a defender a nau, mais que sete homens que para isso se lhe ofereceram. E assim, com estes sômente, contra o parecer de todos os mais, se pôs às bombardadas, arcabuzadas e frechadas com os franceses.

Durou esta briga perto de três dias, sem nêles ousarem os franceses abalroarem, pela brava resistência que achavam na nau, pôsto que os que pelejavam eram poucos e a nau não trazia mais que um berço e um falcão, que Jorge de Albuquerque carregava e borneava e lhe punha o fogo, por não vir na nau bombardeiro, nem quem o soubesse fazer melhor que êle. E vendo o pilôto, mestre e marinheiros que havia perto de três dias que andavam neste trabalho e que a nossa nau e gente tinha recebido muito dano da artilharia e arcabuzaria dos franceses e que nos ia faltando a pólvora, requereram a Jorge de Albuquerque e aos que o ajudavam, da parte de Deus e del-Rei, que se dessem e consentissem render-se, pois não se podiam defender, e não quisessem ser causa de os matarem a todos ou de os meterem no fundo. Os que pelejavam responderam que se não haviam de render enquanto tivessem fôrças para pelejar.

E vendo êles sua determinação (parece que estavam aconselhados todos), mandaram dar súbitamente com as velas em baixo e começaram a bradar pelos franceses, que entrassem à nau, que já se lhes rendia.

Vendo Jorge de Albuquerque e os companheiros que o ajudavam um caso tão súbito e não esperado, quiseram matar o pilôto e o mestre por fazerem tamanho desatino e fraqueza; mas o tempo e o estado em que se viam os desviou disso, porque logo na mesma hora que amainaram (que era uma quarta-feira cinco de Setembro) nos entraram pela quadra dezassete franceses armados de ar-

mas brancas, com suas espadas e broquéis e pistoletes, e alguns deles com alabarcas, os quais, sem se lhes poder estorvar, se senhorearam da nau; e vendo-a da maneira que vinha, perguntaram com que artilharia e munições se tinham defendido deles tantos dias, e quantos eram os que pelejavam; e vendo que na nau não havia mais que o berço e falcão, que está dito, ficaram muito espantados, e muito mais quando lhes disserem quão poucos eram os que pelejavam. E sendo dito ao capitão francês que Jorge de Albuquerque fôra o que os fizera defender a nau todo aquê tempo (o que os nossos disseram e fizeram por carregarem nêle só tôda a culpa), chegando-se o capitão francês para Jorge de Albuquerque, com rosto soberbo e melencónico lhe disse: — «Que coração tão temerário é o teu, que quiseste provar a defender esta nau, com tão poucos petrechos de guerra, contra a nossa tão armada, que traz sessenta arcabuzeiros?» Ao que Jorge de Albuquerque respondeu com uma segurança mui grande: — «Nisso podes ver que mofino fui em me embarcar em nau tão despercebida, que se viera consertada e aparelhada como cumpria, ou que trouxera o que a tua traz de sobejo, bem creio que tivéramos, tu e eu, diferentíssimos estados dos em que estamos; mas a meus pecados ponho a culpa, pois por êles permitiu Nosso Senhor que me embarcasse em nau tão despercebida e desarmada como esta que vês, para me poder ver como me vejo; e também podes agradecer a boa ventura que contra mim tiveste à tredoíce de meus companheiros, piloto, mestre e marinheiros, que contra mim foram, que, se êles me ajudaram como estes soldados amigos e bons companheiros que me ajudaram, nem tu estiveras nesta nau como vencedor, nem eu como vencido».

Vendo o capitão francês a muita segurança e confiança com que Jorge de Albuquerque falava, lhe disse: — «Não me espanta o teu esforço, que isso tem todo o bom

soldado, mas espanta-me queres defender uma nau tão despercebida, como esta, com tão poucos aparelhos e menos companheiros; mas não te desconsoles, que isto é fortuna de guerra, que favorece hoje a uns e amanhã a outros; e por quão bom soldado que és, eu te farei muito boa companhia, e aos que te ajudaram a pelejar, que tudo isto se deve a quem faz o que deve e cumpre a obrigação de sua pessoa».

A nau dos franceses que abordou connosco trazia perto de oitenta homens, entre os quais vinham muitos ingleses e escocesses, e alguns portugueses e vinha a mais petrechada nau de guerra que podia ser, porque vinham quasi todos armados de armas brancas, com espadas, adagas, broquéis, alabardas, e alguns dêles com pistoletes, para abalroar, e arcabuz para pelejar, e cada um trazia estas armas na sua estância para lançar mão de qualquer delas quando fôsse necessário, conforme ao tempo; e vinham cerrados e empavesados de pôpa à proa com sua xareta falsa, e as gáveas cerradas e consertadas muito bem, e tão ensebados e limpos do costado, que parecia a nau andar caiada e que aquêle era o primeiro dia que saíram fora, havendo muitos meses que andavam no mar e tendo roubado já outros navios.

Vendo-se os franceses senhores da nossa nau, que importava muito o que trazia, começaram a caminhar para sua terra; e logo ao outro dia, que foram seis do mês de Setembro, houvemos vista das ilhas do Fayal e Pico e Graciosa. E passámos ao longo dela, e os franceses nos quizeram botar em terra a todos e ir-se com a nau; e não o fizeram por nos começar a ventar muito rijo e o mar andar alvoroçado. Por estes inconvenientes seguiram sua viagem em pôpa, navegando ao Nordeste com determinação de nos levarem consigo à sua terra, na mesma nossa nau, com que folgavam por ser nova. E o capitão francês, com os seus que nela iam, temendo-se de

Jorge de Albuquerque, o fechava de noite, com dois ou três soldados de sua companhia dos que o ajudaram a pelejar, em uma câmara; e de dia lhe fazia bom tratamento, tanto que não queria comer sem primeiro vir Jorge de Albuquerque, a quem fazia assentar na cabeceira da mesa. E pedindo-lhe um dia que benzesse a mesa ao costume dos portugueses, êle o fêz, fazendo o sinal da Cruz sôbre o que estava na mesa. Alguns dos franceses que a ela estavam o repreenderam por fazer o sinal da Cruz, ao que êle respondeu que com aquêle sinal da Cruz se havia de abraçar enquanto vivesse, e nêle esperava de se salvar de todos seus inimigos, e com êle se havia de armar, não uma mas muitas vezes. E benzendo-se outra vez, arremeteram com muita melenconia contra êle, e, se não fôra o capitão e outros dois franceses nobres que com êle estavam, correria muito risco: matarem-no ou botarem-no ao mar.

Entendendo Jorge de Albuquerque que eram luteranos, pediu ao capitão licença para não ir comer mais com êles, e poder comer em sua câmara o que lhe dessem. E pôsto que o capitão mostrou agravar-se disso, todavia lhe deu a licença que lhe pedia, e vinha êle algumas vezes comer com Jorge de Albuquerque. Neste tempo começaram os franceses a publicar-se por luteranos, tomando tôdas as contas e livros de rezar que acharam aos nossos, e botando-os ao mar; e desejando sôbre isso tratar mal aos nossos, e não fizeram por intercessão de um português que com êles vinha, conhecido de Jorge de Albuquerque, e que fizera já com êle uma viagem; e por meio dêste não fomos tão vexados dos franceses como se entendeu nêles que o queriam fazer.

Vendo Jorge de Albuquerque que os franceses se determinavam a levar-nos a França, descobriu aos soldados que o ajudaram a pelejar que êle determinava levantar-se contra os franceses e matá-los a todos, se o êles

quisessem ajudar; e elles responderam que o fizeram se elles tivessem alguma salvação nisso, mas que a nau que tinham lhes tolhia o tal acometimento, por ser muito zorzreira e aguardar mal a vela e ser ruim de leme, e sôbre tudo isto se ir ao fundo com a muita água que fazia; e a dos franceses, que nos havia de seguir, corria mais com só o traquete, que a nossa com tôdas as velas; e que por andarem sempre tão juntas, que quási iam à fala, parecia impossível fazerem-no a seu salvo. Ao que Jorge de Albuquerque respondeu com palavras de muito esforço, e esforçando-os e dando-lhes razões como era possível fazer-se o que tinha cuidado, dizendo-lhes que se elles matussem os dezassete franceses que estavam na nau, com as mesmas armas dêles se defenderiam da sua nau, e que já tinham êstes dezassete menos contra si, os quais por serem dos principais haviam de fazer muita falta aos seus; e que, com saberem os outros que estes eram mortos, haviam de descorçoar, e que nem sempre as naus haviam de ir à fala; e que pois elles se defenderam dos franceses com tão poucas armas perto de três dias, que muito melhor se defenderiam com terem mais, e tão boas como eram as dos mesmos inimigos; e tendo já dezassete menos, que tinham menos que recear; portanto, que se determinassem, que êle confiava na misericórdia de Nosso Senhor, cujos inimigos eram os franceses, pois eram herejes e luteranos, que êle os havia de ajudar; e que não temessem, porque êle lhes daria ardil como lhes fôsse muito fácil matá-los todos os dezassete, e muito depressa.

E respondendo-lhe elles que o ajudariam, lhes descobriu o ardil que a todos pareceu muito bem. Jorge de Albuquerque lhes encomendou a todos muito o segrêdo que cumpria ter em cousa que importava não menos que a vida de todos, e que estivessem prestes para lhe acudir quando fôsse necessário.

E assim iam todos esperando que o tempo lhes desse ocasião para pôr em execução seu desenho. E nestes dias se pôs a nau em altura de quarenta e três graus.

Estando ambas estas naus na altura que tenho dito, em uma quarta-feira, doze de Setembro, lhes sobreveio a maior e mais estranha e diabólica tormenta de vento Sueste que até hoje se viu, e pelo que fêz se pode julgar, porque, acalmando-nos de súbito o vento que trazíamos, nos saltou ao Sueste, que começou a ventar de maneira que todos tememos o perigo que se nos aparelhava, por ver a fúria e soberba com que começava a ventar. E com êste temor começámos a usar dos remédios que em tal tempo se usam, alijando a fazenda ao mar, por salvar as vidas; e assim alijámos tudo quanto se achou sôbre a coberta e debaixo da ponte. E embravecendo-se o mar cada vez mais, com o muito vento que de contínuo crescia, alijámos os mastaréis das gáveas e tôdas as caixas em que cada um trazia o seu fato. E para que isto não fôsse pesado a alguém, a primeira que se alijou foi a em que Jorge de Albuquerque trazia seus vestidos e outras cousas de importância. E vendo que tudo isto não bastava, e que cresciam os mares de maneira que nos queriam cobrir, lançámos ao mar a artilharia que trazíamos e muitas caixas de açúcar e muitas sacas de algodão.

Andando assim neste trabalho nos deu um mar por pôpa, que nos desmanchou o leme de maneira que daí a muitos poucos dias ficou por pôpa, ficando a nau de mar em través; e querendo-a nós endireitar e fazer correr em pôpa, nenhum dos muitos remédios que lhe fazíamos aproveitou nada. Vendo-se todos em tão temeroso passo, sem leme, com mares tão grandes e grossos, começaram alguns, quási todos, a desmaiar. E vendo Jorge de Albuquerque todos tão trespassados, e com tanta razão, pôsto que êle sentia o que todos e cada um por si sentia, os começou a esforçar com muitas palavras e animar a todos,

com dar ordem para se buscarem meios com que a nau governasse, e os demais se pusessem de joelhos a pedir a Nosso Senhor e a sua Mãe Santíssima os livrasse de tamanho trabalho e perigo.

Já a este tempo (que seriam nove horas do dia) a nau dos franceses não aparecia; e os que ficaram dentro na nossa nau, vendo a tormenta que fazia e o leme desmanchado e a nau atravessada e o grande rumor da gente, andavam tão atónitos que se lançavam no convés e se chegavam aos nossos, amigamente, e lhes diziam: «Já todos somos perdidos, nenhum de nós pode escapar, pois temos a nau sem leme, e o mar tão bravo». E assim andavam cortados de medo, que faziam tudo o que mandávamos, como se elles foram os mesmos cativos e roubados, e criados de todos. Ordenámos então um bôlso de vela para derredor dos castelos da proa, a ver se com isso queria a nau governar, e tendo-o feito, nos sobreveio uma cousa espantosa e nunca vista, porque, sendo às dez horas do dia, se escureceu o tempo de maneira, que parecia ser noite; e o mar com os grandes encontros que umas ondas davam nas outras parecia que dava claridade, por encher tudo de escumas. O mar e o vento faziam tamanho estrondo que quasi nos não ouvíamos nem entendíamos uns aos outros.

Neste comenos se levantou um mar muito mais alto que o outro primeiro, e se veio direito à nau, tão negro e escuro por baixo e tão alvo por cima, que muito bem entenderam os que o viram que seria causa de em muito breve espaço vermos todos o fim de nossas vidas, o qual, dando pela proa com um borbotão de vento, cafu sôbre a nau de maneira, que levou consigo o mastro do traquete com a vela e vêrga e enxárcia; e assim levou o mastro da cevadeira, o beque, os castelos de proa, e cinco homens que estavam dentro nêles, e três âncoras que estavam arriçadas nos ditos castelos, duas de uma parte e uma da

outra, e juntamente com isto abateu a ponte e a desfez de maneira que matou um marinheiro que estava debaixo dela, fêz o batel em quatro ou cinco pedaços e abateu tôdas as pipas da água e assim todo o mais mantimento que ainda aí havia; e destroçou êste mar a nau de proa até o mastro grande de maneira, que a deixou rasa com a água; e por espaço de meia hora esteve debaixo do mar sem nela haver quem soubesse onde estava. E vendo-se todos em tão grande perigo, ficaram assombrados e fora de si, temendo e julgando ser esta a derradeira hora de vida; e com êste temor se chegaram todos a um padre da Companhia de Jesus por nome Álvaro de Lucena, que com êles vinha, e a êle se confessaram com as mais breves palavras que cada um podia, porque o tempo não dava lugar para mais. E depois de confessados e de pedirem perdão uns aos outros, se puseram todos de joelhos pedindo a Nosso Senhor misericórdia, tomando por intercessora e advogada a Sacratíssima Virgem Nossa Senhora, Mãe do Filho de Deus, Senhora da Luz e Guadalupe. O mar e o vento cresciam cada vez mais, e andava tudo tão temeroso com os fuzis e relâmpagos que faziam, que parecia fundir-se o mundo.

Vendo Jorge de Albuquerque o miserável estado em que êle e seus companheiros estavam, tirando esforço da fraqueza (em que o tinha pôsto a desconsolação de ver seus amigos, e a si, como se viam), começou em altas vozes a os esforçar, dizendo: — «De muitos maiores trabalhos, companheiros e amigos meus, somos merecedores, os que aqui estamos, dos em que nos vemos, porque, se segundo nossas culpas houveramos de ser castigados, já o mar nos tivera comido; mas confiemos todos na misericórdia daquele Senhor cuja piedade é infinita, que, por quem é, se compadecerá de nós e nos livrará dêste trabalho. Ajudemo-nos das armas necessárias para êste lugar, que são arrependimento de coração das culpas passadas,

protestando de não cair em outras, e, com isto, firme fé e esperança na bondade de quem nos criou e remiu com seu precioso sangue, que usará connosco de sua misericórdia, não olhando a nossos deméritos, porque tudo cabe nêle, por quão poderoso e misericordioso é; lembre-nos que nunca ninguém pediu a Deus misericórdia com pureza de coração que lhe fôsse negada: portanto todos Iha peçamos e façamos de nossa parte o remédio possível, uns dando à bomba, outros esgotando a água que está no convés e debaixo da ponte, e enquanto temos vida trabalhemos pela conservar, que Nosso Senhor suprirá por sua grande misericórdia e bondade a falta de nossas mãos. E quando êle outra cousa dispuser de nós, cada um o tome com paciência, pois êle só sabe o que nos é melhor ».

Com estas palavras e outras muitas mais que lhes disse, foram logo uns dar à bomba e outros a esgotar a água de baixo e de cima. Os franceses que ficaram dentro da nossa nau (porque a sua logo no princípio da tormenta desapareceu), vendo-se neste trabalho, se puseram de joelhos com as mãos alevantadas a chamar por Deus, o que até então não tinham feito, e pediam perdão aos nossos portugueses, dizendo que por seus pecados viera aquela tormenta e que rogássemos a Deus por êles, que já se davam por mortos, pois a nau estava da maneira que todos viam.

Estando uns dando à bomba e outros esgotando a água, e os que não faziam outra cousa em joelhos pedindo a Nosso Senhor lhes valesse em tão grande trabalho, lhes deu outro terceiro mar, grandíssimo, pela quadra, com um borbotão de vento, que lhes levou o mastro grande, vêrgas, velas, enxárcia e camarotes e alguma obra de pôpa, e juntamente o mastro da mezena; e levou um francês dos principais; e os nossos que estavam dando à bomba espalhou pelo convés, quebrando a uns braços, e a outros pernas; e a Jorge de Albuquerque tra-

trou de maneira, que andou aleijado da mão direita perto de um ano. E a um seu criado, por nome António Moreira, quebrou um braço, de que morreu daí a poucos dias; e aos mais que com êle estavam cobriu o mar por tanto espaço que se tiveram por afogados todos os que estavam no convés.

Êste mar meteu tanta água dentro, por estar já a ponte abatida, que ficou a nau morta e debaixo de água por um grande espaço; e era a água tanta no convés e na tolda, que quási dava pelos joelhos. E mandando Jorge de Albuquerque ver debaixo da coberta que água fazia a nau, acharam que lhe não faltava mais que três palmos para se acabar de encher de todo e chegar arriba. Vendendo-se todos tão cercados de trabalhos, e que cada vez cresciam mais, cresciam também suas lastimosas vozes, pedindo a Nosso Senhor misericórdia com a desconolação que lhes causava a certeza da morte que viam presente. Jorge de Albuquerque, vendo-se a si e a seus companheiros no último da vida, e tão desamparados de remédios e fôrças e consolações, e vendo alguns tão fracos de coração se pôs entre êles, dizendo-lhes: — « Amigos e irmãos meus, muita razão tendes para sentir e temer muito o trabalho e perigo em que todos estamos, pois vedes que os remédios humanos nos não podem valer; mas isso é o que vos há-de dar muito mais motivo a confiardes na misericórdia de Nosso Senhor, com que êle costuma socorrer aos que de todo desconfiam de outro remédio humano; portanto vos rogo muito a todos que, confiando nêle como devemos a cristãos que somos, lhe peçamos que da sua mão nos dê ajuda, pois de tôda outra estamos desamparados. De mim vos afirmo que espero na sua bondade que nos há-de livrar do perigo em que estamos e que me hei-de ver em terra ainda, aonde hei-de contar isto muitas vezes para que o mundo saiba a misericórdia que Nosso Senhor usou connosco ».

Estando-lhes dizendo isto, viram todos um resplendor grande no meio da grandíssima escuridão em que vinham, a que todos se puseram de joelhos, dizendo em altas vozes: *Bom Jesus, valei-nos! Bom Jesus, havei misericórdia de nós! Virgem, madre de Deus, rogai por nós!* E cada um, com as mais devotas palavras que sabia e podia, encomendava a si e a seus companheiros à Virgem Nossa Senhora, advogada dos pecadores. O mar andava tão terrível e medonho, que creio que nunca se viu tão espantoso; os mares que andavam na nau eram tão grossos que a abriam tôda e metiam areia dentro que era cousa espantosa; e as pessoas em que os mares alcançavam as enchiam tôdas de areia, de maneira que quási as cegava e não podiam ver uns aos outros, pelo que suspeitavam estar em alguns baixos ou restingas de areia, porque parecia impossível meterem os mares tanta areia dentro da nau, senão com o fundo baixo; sem embargo, que era tal a tormenta, que bem se podia crer que do fundo do mar podia levantar a grande cópia de areia que nos metia dentro da nau. Ao redor da nau remoinhava o vento com tanto ímpeto, que não ousava nenhum a andar por cima dela, senão Jorge de Albuquerque e o mestre e duas ou três pessoas, que estavam esperando com o sinal da Cruz os mares que davam na nau, que parecia que a queriam abrir; e isto com tantos relâmpagos, que parecia que andavam ali demónios do inferno.

A estes trabalhos nos sobreveio outro maior e não esperado, nem crido, e que muito nos atribulou; e foi que o mastro grande, depois que a tormenta o quebrou e levou, ficou preso pelo calces, com a enxárcia de julavento; e ficando preso, se passou por debaixo da nau à banda do barlavento, e com qualquer mar que vinha dava tamanho encontro na nau, com o vai-vem, que parecia meter o castelo para dentro. Vendo estes encontros, todos nos demos por perdidos de todo, sentindo cada pancada,

que o mastro dava na nau, como se a dera em cada um de nós; e com cada trabalho que de novo sobrevinha ale-vantávamos todos as vozes, pedindo a Deus misericórdia e que nos livrasse daquele perigo em que nos punha o nosso próprio mastro. Prouve àquela infinita bondade que vieram uns mares que o apartaram da nau, e ficámos livres daquele não esperado trabalho.

Julgue cada um que isto ler quais podiam estar homens que se neste estado viam, cercados de tantas misé-rias e trabalhos, em os quais nenhum outro alívio recebiam, senão com as lágrimas e gemidos com que pediam a Nosso Senhor que se lembrasse dêles, não lhes lembrando comer nem beber, havendo três dias que o não fizeram, porque tanto havia que vinham com a tormenta, ainda que o mais forte dela duraria nove horas, mas todos os três dias andávamos quási debaixo da água, dando à bomba de noite e de dia, vendo sempre a morte diante e esperando por ela cada hora. E por mais certa a tivemos quando, no cabo de três dias, nos achámos sem ter leme, nem mastro, nem velas, nem vêrgas, nem enxárcias, nem amarras, nem âncoras, nem batel, e sem nenhuma água nem mantimento, sendo, com todos os franceses, perto de cincoenta e tantas pessoas, e com a nau aberta por muitas partes de maneira que se ia ao fundo, estando de terra duzentas e quarenta léguas. Foi tamanha esta tormenta, que, dando-nos em altura de quarenta e três graus da banda do Norte, nos pôs em quarenta e sete graus, sem mastros nem velas. Uma cousa posso afirmar: que o pouco que se aqui escreve é tão diferente do muito que passámos, como do vivo ao pintado.

No cabo de três dias que a tormenta durou, começando o tempo a abonçar, ordenámos um mastro para proa, que tirámos dos pedaços da ponte que o mar abateu, o qual seria de duas ou três braças em comprido; e de três remos do batel, que escaparam, fizemos vêrga, e

de uma velazinha de contra (que esta só escapou) fizemos um modo de traquete, e de alguns pedaços de cordas enxeridos uns nos outros fizemos enxárcia. Estando tudo isto aparelhado, por a nau ser grande e a vela muita pequena, parecia escárnio querermos navegar com ela. Neste tempo, por não haver mantimento, e os nossos estarem lastimados dos franceses, se quiseram levantar contra êles; e sendo Jorge de Albuquerque sabedor disso, os chamou a todos e desviou de tal propósito, dando-lhes razões para isso; e a principal era que, depois de Deus, nenhum outro remédio sentia para sua salvação senão a nau dos franceses, para nela se salvarem, porque, se ela escapara da tormenta, forçadamente os havia de vir demandar, por razão dos franceses que connosco iam, e vindo-nos buscar, não os achando vivos, nos matariam a todos. E assim lhes lembrou que não tinham água, nem vinho, nem mantimento, senão o que esperavam que os franceses lhes dessem; e que, quando a nau francesa não apparecesse em quatro ou cinco dias, então fizessem o que quisessem, que êle seria o primeiro que desse nêles. Estando nestas razões, appareceu a nau francesa, e tanto que a vimos lhe começámos a fazer muitos fogos; e ela acudiu a nós logo, um sábado, que foram quinze do dito mês de Setembro, também muito desbaratada, mas não destroçada como a nossa. E vendo-nos da maneira que escapáramos, ficaram espantados. E sabendo que os nossos se quiseram alevantar contra os franceses e que Jorge de Albuquerque lho estorvara, lho agradeceram muito e lhe disseram que, se se quisesse ir com êles, que o levariam de muito boa vontade, a êle e a três pessoas que nomeasse, e que o lançariam na primeira terra que tomassem se nela quisesse ficar. Êle lho agradeceu, mas que muito mais lhes agradeceria se os quisessem levar todos, que êle só não havia de ir, porque não era êle homem que desamparasse sua companhia em tal tempo; que o que Nosso Senhor

tivesse determinado fazer de seus companheiros, faria dele também; e que em nome de todos lhes tornava a pedir os quisessem levar consigo e os botassem na primeira terra que tomassem.

Responderam os franceses que não podiam, que a êle e a três companheiros levariam; o que Jorge de Albuquerque não quis aceitar, dizendo que, já que assim era, antes queria passar trabalhos entre os seus companheiros cristãos, que escapar dêles em companhia de luteranos, inimigos de Deus e herejes.

Ao segundo dia que os franceses chegaram a nós abonçou o tempo; e, sem haverem dó nem piedade de nosso destrôço, começaram com grande pressa a descarregar a nossa nau de muitas mercadorias que trazíamos, que escaparam da tormenta ou do alijar que nela fizemos; e sôbre roubarem a nau, não contentes com isso, começaram a despir alguns dos nossos dêsses fatos que sôbre si tinham, de maneira que tudo o que a tormenta nos deixou nos levaram os franceses. Alguns dos franceses, mais humanos, enquanto outros faziam o que tenho dito, andavam curando os nossos doentes, de que havia muitos do trabalho passado, e lhes davam de comer, o que os nossos faziam com sobeja alegria, por haver muitos dias que não comiam; e estavam fracos pela continuação do trabalho da tormenta. Tendo roubada a nau, se partiram de nós sem piedade alguma, a uma segunda-feira, dezassete de Setembro; e pedindo-lhes nós com muita instância que nos levassem e nos deitassem na primeira terra que tomassem, não sômente o não quiseram fazer, mas nem nos quiseram prover de cousas que levavam de sobejo, muito necessárias para nosso remédio, como eram enxárcias, velas e antenas, e se foram, esperando que em breve espaço se fôsse a nau ao fundo ou que à fome pereceríamos. E sendo muito importunados de nós, lembrando-lhes o desamparo em que nos deixavam,

nos deram dois sacos de biscoito, tão esmaltado de verde, preto e amarelo, por ser podre a bolorento, que ainda com a muita fome que padecíamos não havia quem o pudesse comer porque amargava como fel. E assim nos deixaram uma pouca de cerveja mais forte que vinagre, que muito poucos dos nossos a ousavam beber.

Vendo-nos desapressados dos franceses, que já eram de todo idos, e como ficávamos cercados de tantas misérias, necessidades e perigos, começámos todos de novo a encomendar-nos ao Bom Jesus e à Virgem Nossa Senhora Madre de Deus, Senhora da Luz e de Guadalupe, e a todos os Santos e Santas, que nos ajudassem e fôsem nossos intercessores; e com muita devoção, tal qual o passo da necessidade presente requeria, pusemo-nos então de joelhos a rezar o Salmo *Miserere mei Deus*, com as ladainhas. E acabado isto, mandou Jorge de Albuquerque buscar todo o mantimento que na nau houvesse; e nela se não achou água, nem vinho, nem mantimento, mais que obra de duas canadas de vinho em uma botija somente e uma redoma de vidro com obra de uma canada de água de flor e uns poucos de côcos e uns muito poucos punhados de farinha de pau e cinco ou seis tassalhos de carne e de peixe-cavalo.

Tendo tudo isto junto, com que já disse que os franceses nos deixaram, parecia impossível bastar aquêlê mantimento três dias para perto de quarenta pessoas que éramos. Contudo guardou-se para se dar e repartir por todos irmãmente, até se acabar e Nosso Senhor nos acudir com sua misericórdia a esta necessidade e às mais que padecíamos. O mantimento repartia Jorge de Albuquerque por sua mão com todos, dando a cada um maior quinhão do que tomava para si, cousa que a todos nos fazia espantar, ver quão pouco comia e quanto trabalhava de noite e de dia; e entendia-se nêlê que mais sentia as necessidades de seus companheiros, assim doentes

como são, que as próprias de sua pessoa, por não ter possibilidade para as remediar, como elles haviam mister e elle desejava.

O dia que nos deu a tormenta mandou Jorge de Albuquerque, por conselho de alguns companheiros, lançar no mar uma cruz de ouro, em que trazia uma partícula do Santo Lenho da Vera Cruz e outras muitas relíquias, amarrando a dita cruz com um cordão de retrós verde a uma corda muito forte, com um prego grande por chumbada, e o cabo e ponta desta corda ataram à pôpa da nau; e depois de passar a tormenta lembrou-se Jorge de Albuquerque do seu Relicário e chegou à pôpa da nau a ver se via a corda em que amarrara a cruz de ouro; e vendo-a estar embrulhada em uns pregos, rogou e pediu muito a Afonso Luís, piloto, que vinha por passageiro, que se quisesse embalsar em uma corda e fôsse desembaraçar aquella em que estava atado o Relicário. E Afonso Luís o fêz assim; e tendo desembaraçada a corda, disse que alassem por ela os de cima; e alando por ela um homem por nome Daniel Damil, acabando de recolher a corda tôda dentro na nau, caíu a cruz na coberta da tolda tôda desamarrada e sôlta, envolta em um pouco de algodão.

Vendo todos êste milagre, ficaram espantados e deram muitas graças a Nosso Senhor por nos consolar e esforçar com um milagre tamanho, no qual parece que nos queria mostrar que nos havia de livrar milagrosamente de tamanho naufrágio, assim como livrara de tamanha tormenta aquella cruz de Relíquias, a qual estava amarrada à corda com o cordão de sêda, êste mesmo cordão estava metido por uma argola da mesma cruz; e como se ela desatou e se teve e veio arriba, Nosso Senhor o sabe; basta que, em metendo a corda e prego dentro da nau, caíu a mesma cruz entre muitos dos nossos, desamarrada e com a argola quebrada, e o cordão de

sêda amarrado na mesma corda, quási da maneira que o lançaram.

Fazendo os nossos grandes extremos de alegria por tamanho milagre, os francezes que estavam na nau se ajuntaram muitos a ver o de que os nossos folgavam tanto, e beijando todos os nossos as Relíquias, com muita devoção, diante dos francezes, parece que permitiu Nosso Senhor que as não vissem êles, porque por sem dúvida tenho que se as viram as tomaram, por terem ouro, de que êles são tão cobiçosos. E não sòmente as não viram então, mas nem outros dias que as Jorge de Albuquerque trouxe consigo, porque, apalpando-o muitas vezes, para ver se trazia alguma cousa escondida, nunca lhas acharam; pelo que se devem dar muito louvores a Nosso Senhor, por êste milagre e pelos mais que fêz por nós outros todos que neste naufrágio nos achámos.

Não deixámos de notar, entre os que éramos, que porventura quis Nosso Senhor fazer-nos esta mercê pelo Lenho da Santa Cruz e pelo sinal dela que Jorge de Albuquerque fêz na mesa dos francezes, pelo qual sinal que fêz o quiseram matar ou lançar no mar. Parece que permitiu Nosso Senhor que esta cruz, com o Santo Lenho e Relíquias que nela estavam, se não perdessem e tornassem à mão do dito Jorge de Albuquerque, visto oferecer-se à morte por amor dêste Santo Sinal da Cruz, de que sempre em tôda a viagem se mostrou muito devoto; e nos dizia algumas vezes que desde menino o fôra sempre muito, e que lhe vinha esta devoção por herança, porque em todos os quatro escudos de armas que lhe pertenciam, por parte de dois avôs donde descende, todos tinham cruz, como são as armas dos Albuquerque, Coelho, Pereiras e Bulhões.

Despois de termos junto todo o mantimento que se na nau achou no mesmo dia que os francezes se apartaram de nós, logo ao outro dia deu Jorge de Albuquerque

ordem com que se fizesse uma vela de alguns guardanapos e toalhas de mesa que se acharam na nau, os quais mandou que se juntassem a uma velinha do esquife dos franceses que nos ficou; e de dois remos do batel fizemos uma vêrga; e sôbre o pé do mastro grande pusemos um pedaço de pau de duas braças em alto; e de uns pedaços de enxárcia que ficaram, e de cordas de rêde e morrões, fizemos enxárcia, por não haver na nau outra cousa de que se pudesse fazer, porque a tormenta tinha levado tudo: enxárcia, cabos, amarras, âncoras, batel, e tudo o mais de que nos podíamos aproveitar. O leme andava dependurado por um só ferro que lhe ficou, e lançámos-lhe umas cordas como bragueiros para que nos pudesse assim servir dois ou três dias. E com isto seguimos nossa viagem, tomando a Nossa Senhora Madre de Deus por guia, vendo e atinando ao nascimento do sol, por não trazermos astrolábio que prestasse, nem instrumento de marear de que nos pudéssemos servir, porque tudo nos levaram os franceses; e uma agulha de marear que trazíamos era tão quebrada e tal, que destemperava muitas vezes. Estaríamos, neste estado, do Cabo de *Finis terræ* duzentas e trinta e seis léguas, em altura de quarenta e cinco graus da banda do Norte, porque o mais tínhamos desandado com o Noroeste que até então nos ventara. O trabalho que tínhamos em dar à bomba de dia e de noite nos enfraquecia de maneira, que muitos, de cansados de darem à bomba, caíam no convés sem terem vista nos olhos, com pura fome e muito trabalho.

Continuando todo êste trabalho, rogou Jorge de Albuquerque a um marinheiro, grande mergulhador, por nome Domingos da Guarda, que se lançasse ao mar e visse se podia de mergulho tomar parte da muita água que fazia a nau, visto não se poder tomar por dentro, por ser muito em baixo, nas picas de proa e pôpa, e termos já cortado muitos liames de picas de proa para a poder-

mos tomar; e lhe prometeu que, se tomasse a principal água, além de nisto salvar sua vida e a de todos seus companheiros, elle lho pagaria muito bem. Foi cousa espantosa, e muito para louvar a Nosso Senhor, porque neste dia, que era vinte e três do mês de Setembro, esteve o mar tão manso como se fôra rio. E em se querendo o marinheiro lançar ao mar, nos pusemos todos os da nau de joelhos, pedindo misericórdia e ajuda a Nosso Senhor, que nos livrasse daquele trabalho em que nos víamos, como era irmo-nos ao fundo, com darmos à bomba de noite e de dia. Permittiu Nosso Senhor, por quem elle é, apiedar-se de nós e ouvir-nos, porque de três vezes que o marinheiro mergulhou tomou a maior parte da água que a nau fazia, cousa com que grandemente nos alegrámos e consolámos, por vermos que poderíamos ter mais algum refrigerio e descanso do trabalho de dar à bomba.

O marinheiro veio muito contente arriba, e de todos foi abraçado com muita alegria por ver quão bem o fizera; e Jorge de Albuquerque lhe cumpriu muito bem o que lhe prometeu, com lhe dar cousas com que elle ficou muito satisfeito.

Tomada esta água, logo ao outro dia, que foi vinte e quatro de Setembro, nos tornou a ventar o vento Noroeste, tão rijo, com tamanhos mares e frio, que nos não podíamos valer, nem nos podíamos ter dentro na nau com os grandes balanços que dava; as cadeias das mesas de guarnição, por andarem sôltas, faziam tamanha matizada, que pareciam uma espantosa ferraria, tanto que quasi nos não podíamos ouvir uns aos outros; os mares começaram a empolar de maneira que passavam por cima da nau, a qual por vir destroçada nos enchia de água; o mantimento, por ser pouco, se nos gastou em poucos dias pela gente ser muita, por mais regra que nelle se pôs. Chegou a regra a ser tão estreita, que três côcos se repartiam no

dia por perto de quarenta pessoas que havia, dando a cada um de quinhão tamanho como um testão pouco mais ou menos; e da cerveja, que era mais forte que vinagre, se dava duas vezes ao dia quanto pudesse molhar o padar; e o que se dava era cousa que não bastava para um trago e além disso era tão forte que muitos a não queriam beber.

Assim íamos seguindo nossa viagem para onde o mar e vento nos queriam levar, gastando todo o tempo em orações e em dar à bomba. Jorge de Albuquerque, sôbre todos estes trabalhos, a que ajudava irmãmente, tinha mais o consolar e animar seus companheiros, que tão quebrantados andavam das fôrças corporais e do espírito; e já não tinha com que os consolar senão com lhes trazer à memória a Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e o muito que por nós padeceu, para que com esta lembrança se lhes fizessem mais leves os trabalhos em que estavam, e lhes persuadia que, pois estavam esperando pela derradeira hora sem poderem ser ajudados de remédio algum humano, senão o da misericórdia de Nosso Senhor, que se encomendassem a êle para que por sua piedade dispusesse deles aquilo que mais cumpria a seu serviço e salvação de suas almas. Isto nos dizia com palavras tão amigas, brandas e devotas, que nos alevantávamos, quási sem nenhuma fôrças para tornarmos ao trabalho; e muitas vezes, dizendo-nos estas cousas e outras, lhe saltavam as lágrimas de compaixão de nos ver em o mesmo perigo em que êle estava, mas porventura menos lembrado de si que de seus companheiros. Uma cousa nos espantava muito a todos, e era ver que a maior parte da viagem viera Jorge de Albuquerque doente, por se embarcar mal tratado de algumas indisposições que o trabalho da guerra lhe causara, e depois que pelejámos com os franceses e nos sobreveio a tormenta nunca mais se queixou da má disposição, e o

víamos andar tão são e esforçado e tão continuador nos trabalhos, que nos espantava e envergonhava a todos.

Além de tôdas estas cousas que atrás digo, dizia que tinha tanta confiança e fé na misericórdia de Nosso Senhor, que nos afirmava, como se o tivera por certo, que nos havia Nosso Senhor de livrar daquele perigo e havíamos de ver a terra, como se a víramos ou tivéramos nau que nos pudera trazer a ela. Todavia com tudo isto víhamos tão faltos de fôrças, que quasi não havia quem pudesse ir dar à bomba. E vendo-nos êle assim quasi desesperados da vida, sem fôrças e sem mantimento com que as sustentássemos, com grande segurança de rosto se pôs no meio de seus companheiros e lhes disse:

« Amigos e irmãos meus, cada um de vós tem entendido o miserável estado em que estamos e quão alheios estamos de remédio humano, pois a nau em que navegamos não tem velas, nem mastros, nem leme, nem enxárcia, nem nenhum aparelho dos que para a navegação havemos mister; além disto não sabemos onde estamos, nem para onde caminhamos, porque de nenhuma cousa destas temos certeza; e o pior de tudo é que não temos em tôda esta nau cousa com que nos possamos sustentar, pois o mantimento é acabado. Bem sei que são tôdas estas cousas, que vêdes com os olhos, tais e tão inimigas de nossas vidas, que qualquer delas vos será, e pode ser a todo o homem, por esforçado que seja, muito temerosa, pois são cousas contra as quais não vale fôrça de corpo nem esforço de ânimo, que são: fome, fúria de mar, nau rôta e sem aparelho, e não saber caminho nem carreira. Mas — se vos lembrardes do que tendes nesta viagem passado, e não vos esquecerdes daquele terrível vulcão que nos deu e dos mares que nos cobriram, e de quantas vezes esta nau ficou amadornada e morta debaixo da água, e que todos vos destes por mortos vendo que tudo parecia conjurado contra nossas vidas: a água, vento, re-

lâmpagos, até o nosso mastro que nos queria alagar,—se nada disto vos esquece, vereis claro quanta razão tendes para confiar na grandeza da misericórdia de Nosso Senhor e terdes fé firme nêle, que vos há-de salvar; porque quem de tantos trabalhos nos livrou até agora, muito certo deveis de ter que vos há-de livrar dos que vos sobrevierem; pois se êle quisera por meios naturais alagar-vos, qualquer dos mares que vistes bastava para vos meter no fundo do mar. ¿E que sabeis se são estes trabalhos, com que quere provar vossa fé, mimos de Nosso Senhor? Eu, certo como se o visse, espero que Êle nos há-de levar à terra, para que a gente saiba êste milagre que connosco usa, por que não fique isto sem ser sabido, e a gente a cuja notícia vier êste nosso naufrágio dê sempre louvores a Nosso Senhor e glorifique e exalte com graças seu Santo Nome; e mais que nos não há-de levar a qualquer terra, senão à cidade de Lisboa, onde possamos contar cousas tão novas como estas; e não é necessário, para irmos seguros e confiados de isto ser assim, mais que fé em o Senhor, pois Êle diz em um dos Evangelhos que quem tiver fé fundada em pureza de coração, tamanha como um grão de mostarda, fará mudar e traspassar um monte de uma parte para outra. Portanto, irmãos meus, postos neste estado de fé e confiança neste Senhor, esperemos que neste pedaço de pau nos livrará do profundo abismo do mar».

Estas cousas e outras como estas, que êle dizia melhor do que eu as sei relatar, vinha dizendo à sua piedosa companhia, com que nós todos muito nos consolámos, e muito mais com o ver a êle andar tão ledo e com rosto tão prazenteiro, que parecia não ser êle aquêle que padecia os trabalhos e fomes que perseguiam a todos. E sempre andava consolando a quem lhe parecia que mais fraco estava, sem dar a entender que sentia o perigo em que vínhamos; mas ninguém o entendia me-

lhor que êle, porque algumas vezes de noite o achávamos em lugar apartado, com muitas lágrimas e exclamações a Nosso Senhor, pedindo-lhe tivesse por bem de nos salvar; e de dia a todos animava e consolava, e com tanto ânimo e esforço o víamos andar nestes trabalhos, que nos animávamos muitas vezes; e bem parecia nisto ser filho de seu pai e sobrinho de seu tio, o grande Afonso de Albuquerque, os quais é certo que imitava.

Era tão rijo o vento que trazíamos, que por as velas serem fracas, da matéria que tenho dito, se romperam por algumas partes, de sorte que foi necessário consertá-las; e estando-as consertando e remendando-as, se nos acabou de desapegar o leme e quebrar o ferro em que só vinha pegado, e de roer e quebrar as cordas com que o trazíamos atado; e assim, ficou por pôpa. Vendo-se o piloto e mestre, e a mais gente, sem leme, mastros, velas, enxárcia, âncoras e batel, e com o mantimento, que atrás disse, já gastado, e tão longe de terra como suspeitavam, caíram no convés descorçoados, com tristeza e fraqueza, dando-se de todo por perdidos, vendo-se desamparados de todo o remédio, porque, ainda que o leme lhes servia mal, por vir como vinha, assim com êle nos consolávamos muito.

Vendo Jorge de Albuquerque tamanho espanto na gente, foi cercado de grandíssima tristeza e dôr, por ver que já não tinha nenhum modo de mantimento, nem que beber, havendo já muitos dias que não bebíamos água nem vinho, e que o vinagre que se dava para molhar o padar estava já na bôrra, e que já não havia quem pudesse dar à bomba, nem terem-se nas pernas com fraqueza; pôs-se assim muito triste, a cuidar que meio teria para consolar seus companheiros, e súbitamente se levantou tão rijo e ledado, como se saíra de alguma festa, e começou a chamar a todos cada um por seu nome, e tirando de um livro de rezar, seu, que escondera dos franceses,

duas fôlhas (em uma delas estava Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, e em outra a Imagem de Nossa Senhora) as pôs pregadas ao pé do mastro, que todos as vissem, e chamando-os a todos lhes disse em alta voz: « Ora sus, companheiros, não haja quem enfraqueça nem desmaie, ponhamos os olhos naquelas Imagens, com cuja vista nos podemos alegrar e consolar, conhecendo que quem tanto padeceu por nós, pois é todo misericordioso e piedosíssimo, nos salvará dêste temeroso perigo e nos levará a salvamento, e mais tendo nós por advogada e intercessora a Sacratíssima Virgem Maria, Nossa Senhora, Rainha dos Anjos, por cuja intercessão, rogos e merecimentos eu espero e confio que nos havemos de ver fora de tamanho perigo; e torno-vos a dizer que não havemos de ir a qualquer terra, senão que pela intercessão da Virgem Nossa Senhora havemos de ir ter a Lisboa, para que nossa chegada em salvo faça notórios os milagres que por nós obrou. E sabei, amigos, quão confiado estou nisto, que antes me quero aqui convosco, que na nau dos franceses, porque, levando-me, não quis ir, como vistes, senão mantendo-vos companhia para ser testemunha de vista dos perigos que passámos e das grandes misericórdias que Deus connosco usou.

Acabando estas palavras, nos pusemos todos de joelhos diante das Imagens de Cristo Crucificado e de sua Mãe Santíssima, pedindo em altas vozes misericórdia, com tão dolorido e lastimoso som, que por sem dúvida tenho que de ninguém pudéramos ser ouvidos que se pudera nos não socorrera, doendo-se de nossa desventura, por duro e bárbaro que fôra; porque era cousa lastimosa e de grandíssima compaixão ver o estado em que esta mísera gente estava, de trabalhos e necessidades, e tão disformes e magros que nos íamos já desconhecendo uns aos outros.

Jorge de Albuquerque, pôsto que o não dava a entender a pessoa alguma, vendo que a miséria que passa-

vam não dava lugar a terem muitas esperanças de salvação nem vida, fêz uma declaração por escrito de cousas que cumpriam a cousas de sua consciência, a qual com outros muitos papéis, que relevavam, meteu em barril de pau pequeno, e o fechou e breou muito bem, para o deitar no mar quando se todos vissem na derradeira hora da vida, para que pelos papéis que se nêle achassem se soubesse o fim que todos houvéramos. Mas isto se fêz com tanto segrêdo, que nenhum de nós outros então o soube.

Vendo-nos sem leme, ordenámos um modo de espadela, como remo, de tábuas e paus que tirámos da nau, e tôdas estas cousas, e algumas mais que eram feitas, fazíamos com um machado vélho e um escopro; e os furos que se haviam de fazer com verrumas, os fazíamos com pregos quentes; e Jorge de Albuquerque era sempre o inventor de tôdas estas cousas, e dos primeiros que lançavam mão de tudo o que se fazia. A espadela, que fizemos em lugar do leme, aproveitou tão pouco, que não queria a nau governar com ela; e contudo, com caçar e alargar as pobres e fracas escotinhas, e com remarem dois remos por banda, dava a nau algum geito de si, e com uma cevadeira que fizemos de dois mantos com que se os companheiros cobriam; mas tudo isto não aproveitava por ser o vento rijo e os mares grossos, e sòmente nos servia quando havia bonança. Já Jorge de Albuquerque nos não consolava, senão que fiava que como se acabasse o mês de Setembro (que estávamos já a vinte e sete) se haviam de acabar os trabalhos, e com o mês de Outubro esperava que havia de vir bonança e o favor do Bom Jesus e da Virgem Nossa Senhora.

Aos vinte e sete dêste mesmo mês, que foi dia de S. Cosme e S. Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que nos morreram de fraqueza e com pura fome e trabalhos; e foi tanta a necessidade de fome que

padecíamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque e lhe disseram que bem via os que morriam e acabavam de pura fome e que os que estavam vivos não tinham cousa de que se sustentar; e que pois assim era, lhes desse licença para comerem os que morriam, pois êles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lástima e compaixão, e arrasaram-se-lhe os olhos de água quando ouviu êste espantoso requerimento, por ver a que estado os tinha chegado sua necessidade; e lhes disse, com muita dor, que aquilo que lhe diziam era tão fora de razão, que êrro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo, mas que bem via que, vendidos da necessidade presente, tomavam aquêles conselhos que lhes dava tão ruim conselheira como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque êle enquanto fôsse vivo tal não havia de consentir, e que depois dele morto podiam fazer o que quisessem e comê-lo a êle primeiro. Bem pode, quem quer que isto ler, julgar que tais estariam os homens, que chegaram a termos de fazer cousa nunca ouvida senão no cêrco de Jerusalém.

Começou Jorge de Albuquerque a consolá-los com palavras de esperanças em Deus, em cuja mão está todo o remédio. E vendo o perverso inimigo que os não podia levar fora da esperança em que as palavras de Jorge de Albuquerque os punham, e a particular confiança em Deus com que cada um de nós esperava de se salvar, desejando que afracassem nela, como inimigo de nossas almas, começou a usar um novo e não cuidado ardid contra nós, o qual foi êste. Vendo que a braveza do mar e fúria da tormenta nos não pudera acabar, encaixou nos corações de alguns dos nossos uma persuasão infernal de se não poderem salvar nem escapar daquêle perigo, e que todos havíamos de morrer forçadamente.

Vencidos de tão mau conselho do falso inimigo, consultaram alguns deles entre si que — pois não podiam escapar por nenhum caso, por estarem tão desamparados de todo o remédio humano, e a fome que padeciam lhes fazia ser a vida penosa — para escusarem a pena que padeciam com ela, que arrancassem uma tábua do fundo da nau para com mais brevidade se irem ao fundo, e com isso ficarem sem vida e sem trabalhos, que com a ter padeciam. Quis Nosso Senhor, por quem é, que se descobrissem estas danadas determinações e conselhos diabólicos a Jorge de Albuquerque, para poder impedir sua execução, como fêz. E pedindo a Nossa Senhora da Graça lhe alcançasse de seu Unigénito Filho graça para que pudesse remediar tamanho mal, e outro não menor que este, que juntamente veio a saber, e que era que estavam todos os que havia vivos na nau postos em bandos e brigas, estando tão vizinhos da morte, como dito tenho, sem fôrças e sem armas, porque na nau não havia mais que uns pedaços de facas e paus para poderem brigar e nenhum deles se podia ter nas pernas. Parece que a fome que padeciam e a desesperação que tinham concebida os punham em tamanho desatino e desconcerto, e principalmente o demónio, que com meio tão infernal os queria acabar em tão mau estado; e que uns aos outros acabassem o que nem o mesmo demónio, nem o mar, nem a fúria da tormenta, puderam fazer. E com assaz melancolia e agastamento se pôs Jorge de Albuquerque entre eles, e os começou a repreender do diabólico conselho que aceitavam em se quererem ir ao fundo do mar, e juntamente estando em estado tão piedoso quererem ter brigas, que era cousa vergonhosa; e sabida a razão por que as queriam ter, não era alguma mais que cizânia que o demónio entre eles semeava; pelo que, de novo lhes começou a rogar que quisessem estar em paz como irmãos e que, devendo fazer isto em todo o tempo, pois eram cris-

tãos, neste principalmente se haviam de envergonhar muito de lembrar-lhes cousa alguma de ódio para seus próximos; e que naquêl perigo em que estavam se não deviam lembrar mais que de sómente pedir a Deus misericórdia e ter firme fé em Cristo, Senhor Nosso, que pela sua infinita bondade os levaria a pôrto de salvamento, e que não desconfiassem nem quisessem tomar a morte com suas mãos, pois com isso matavam corpo e alma, cousa que todo o cristão deve tanto temer e fugir; e que quem naqueles trabalhos, ou em outros tamanhos (se os no mundo havia), se punha nas mãos do Senhor, recebia sempre mais e maiores mercês das que esperava; e que assim confiava êle em Nosso Senhor que, não sómente os havia de livrar do perigo em que estavam, mas que os havia de levar a Lisboa, como lhes tinha dito algumas vezes; por isso lhes rogava que lançassem de si todo o ódio e má querença, porque tendo ódio se faziam incapazes para mercês que esperavam da Divina Majestade.

Prouve a Nosso Senhor que, com estas palavras e outras muitas que lhes Jorge de Albuquerque disse, lhes tirou do pensamento os danados propósitos que tinham, e assim ficaram livres do diabólico laço que o inimigo lhes tinha armado, o qual era o mais perigoso passo em que se viram, pois com os outros perigos podiam morrer os corpos e salvar-se as almas, com a contrição que em todos parecia; e neste se perdiam corpos e almas, por quererem tomar a morte com suas mãos, desesperando da misericórdia de Nosso Senhor.

Aos vinte e nove de Setembro, dia do Anjo S. Miguel, pela manhã, houve vista de uma nau, à qual capeámos como desejosos de remédio para nos salvar, por vir muito perto de nós; mas tiveram tão pouca caridade, quem quer que eram, que nos não quiseram acudir, vendo-nos em um pedaço de nau, da maneira que víhamos.

Andávamos já todos de maneira, que quasi nos não podíamos alevantar com fome, com sede e com trabalho contínuo, que tínhamos em dar à bomba um espaço de hora, e outro descansávamos, porque, ainda que com a ida do marinheiro abaixo tomámos muita água, todavia nunca deixámos de fazer tanta, que nos era necessário dar à bomba. Estando no mísero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede e trabalho que contei, sem sabermos onde estávamos, nem para onde caminhávamos, a misericórdia de Nosso Senhor, que nunca faltou a quem por ela chama, nos socorreu tão favoravelmente, que milagrosamente, a dois dias do mês de Outubro, a uma terça-feira, sem o cuidarmos, nos achámos entre as Berlengas e a Roca de Sintra, defronte de Nossa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas de meio-dia, acabando-se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina que se fizera pela manhã. E porque quando vimos terra cuidávamos que podia ser Galiza, depois que conhecemos bem aonde estávamos nos alegrámos como cada um pode cuidar; mas fêz-nos tristes o não ter com que ir a ela. E chegando-se a nau para terra, muitos fizeram prestes tábuas e paus para se lançarem ao mar com êles, quando a nau desse à costa, na qual, se desse, pareceria cousa impossível escapar nenhum de nós, por aquela paragem de costa ser tão fragosa e brava como todos sabem. E querendo, por conselho do piloto e mestre, fazer jangadas para sair, lhes disse Jorge de Albuquerque: « Ah, senhores, que vergonha é esta? Tão pouca fé tendes, e tão pouco confiais na misericórdia de Nosso Senhor, que livrando-nos de tantos trabalhos e perigos, vos havia de trazer à vista da terra para vos perderdes? Não creiais tal, porque quem vos aqui trouxe, e à vista de tal casa, como é a de Nossa Senhora, não há-de permitir que nos percamos, senão que nos salvemos todos, porque eu espero que nos leve a parte onde todos saltemos em terra a pé enxuto, assim como eu

vo-lo disse algumas vezes lá nesse golfo, bem longe de terra, que agora vemos. Neste comenos houve vista de muitas velas, às quais capeámos, e o bem era que, quanto mais lhes capeávamos, mais se desviavam de nós; e alguns dos nossos cuidavam que haviam medo de nossa nau, por lhes parecer fantasma, porque nunca se viu no mar cousa tão des-selhada para navegar como o pedaço da nau em que vínhamos.

Ao outro dia, três de Outubro, véspera do Bem-aventurado S. Francisco, amanhecemos muito perto da Roca e da rocha; e indo já quasi a nau para dar à costa, passou por nós uma caravela que ia para a Pederneira, e pedindo-lhes nós outros que à honra da Morte e Paixão de Nosso Senhor nos quisessem socorrer, dando-lhes conta de todos nossos trabalhos, e que, além de fazerem serviço a Nosso Senhor, lho pagaríamos muito bem, que nos tomassem consigo para nos porem onde quisessem, pois estava em sua mão salvar-nos; e pedindo-lhes isto com a instância que nossa necessidade requeria, nos responderam que Jesus Cristo nos valesse, que elles não podiam perder tempo de viagem. E se foram sem nenhuma piedade de nós outros. Vendo-os assim partir ficámos tão desconso-lados, que não houve nenhum de nós que se lhe não arrasassem os olhos de água, por vermos a cruza que conosco usavam homens portuguezes e nossos naturais. Foi cruza esta muito para se estranhar, e para um Rei mandar castigar. E indo assim já para darmos à costa, sem termos remédio algum de salvação, pela parte em que íamos dar, nos socorreu a misericórdia Divina com uma barca pequena que ia para a Atouguia, a qual vendo-a começámos a capear e a bradar, postos de joelhos, gritando e pedindo-lhe da parte de Jesus Cristo nos valesse; e estando a barca de nós um tiro de berço, nos acudiu com muita pressa, como próximos e cristãos. E tanto que os da barca chegaram a nós, ficaram espantados de nos ve-

rem da maneira que vínhamos, e nos disseram que logo, pôsto que estavam longe, nos ouviram o requerimento que da parte do Nome de Jesus lhes fizemos — cousa por certo muito para notar, porque, não podendo nenhum de nós, de fraqueza, falar alto, foram ouvidas nossas vozes tão longe.

Na barca vinha um Rodrigo Álvares da Atouguia, mestre e senhorio dela, e Francisco Gonçalves de Aveiro e João Rodrigues da Atouguia e um moço filho do mesmo Francisco Gonçalves; e todos estes, em vendo os nossos e o perigo em que estávamos, nos começaram a consolar e esforçar, dizendo que não temêssemos, que êles nos não desamparariam, ainda que se pusessem a risco de perder-se, e que todo o possível fariam para nos pôr em terra, a salvamento; e que por êsse trabalho não queriam prêmio algum, porque o queriam fazer por serviço de Nosso Senhor, visto como parecia cousa milagrosa tê-los trazido ali, onde havia três dias que se não podia ir para diante nem para trás, andando sempre dando bordo ao mar e bordo à terra, para fazerem seu caminho; que parecia que Nosso Senhor não quis que se pudessem ir dali, porque esperassem por nós para nos levar à terra, e que em lhe nós bradando nos ouviram e logo nos acudiram com muita pressa, vindo com vento em pôpa para nossa nau, que até então lhes não ventara. E vendo a nau tão destroçada e qual vinha, e a nós outros tão disformes de fome, ficaram atónitos; e com muita compaixão começaram a chorar, e nos deram logo do pão, água e frutas que para si traziam. Dos nossos, uns não puderam comer, de sobeja alegria de ver terra e em que ir a ela, e outros por terem já o padar cerrado da fome e necessidade passada; e averiguadamente, se andáramos mais dois ou três dias no mar, não ficara nenhum de nós vivo, porque os que vínhamos vivos não nos podíamos ter nas pernas pelo trabalho de dar à bomba e haver dezassete dias que não bebíamos água.

nem vinho; e quasi em todo este tempo não comíamos cada dia mais que três ou quatro côcos, se eram pequenos, porque se eram maiorzinhos três somente repartíamos por todos, que éramos perto de quarenta pessoas.

O senhorio da barca, tanto que nos acabou de dar de comer, nos deu um cabo com que afastámos a nau da rocha, e assim à toa trouxeram a nau ao longo de terra, até a porem em Cascais a horas de sol pôsto. E em as barcas que logo acudiram de terra se passaram alguns de nós, que desembarcaram em Cascais; outros viemos desembarcar a Belém, a pé enxuto. Uns e outros logo dali começaram a cumprir suas romarias que traziam prometidas, dando muitas graças a Nosso Senhor pelas grandes e misericórdias mercês que connosco usara. Jorge de Albuquerque, antes que se desembarcasse, satisfez ao senhorio da barca e aos mais companheiros seus a boa obra que nos fizeram em nos trazer até ali; e na mesma noite que chegámos ficou a nau amarrada por pôpa da barca, por não ter com que se amarrasse; e, com a barca não ter mais que uma só fateixa ao mar, se teve a si e à nau toda aquela noite, até o dia seguinte que foi quinta-feira, quatro de Outubro. No mesmo dia, o Infante D. Henrique, Cardial neste reino de Portugal, que neste tempo governava, mandou uma galé para que trouxesse a nau pelo rio acima, como fêz, e se pôs a dita nau defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia; e por espaço de um mês ou mais que ali estive ia tanta gente vê-la, que era cousa espantosa; e todos ficavam admirados, vendo seu destrôço, e davam muitas graças e louvores a Nosso Senhor por livrar os que nela vinham de tantos perigos como passaram.

E assim parece razão, que toda a pessoa a cuja notícia vier a grande misericórdia que Deus usou connosco lhe dê muitas graças e louvores, por nos trazer a salvamento em um pedaço da nau, estando afastados de terra duzentas e quarenta léguas, sem termos leme, nem velas,

nem mastros, finalmente nenhum aparelho daqueles de que se tem necessidade para navegar, e a nau aberta que se ia ao fundo; e sôbre tudo isto fome e sêde, sem ter que comer, nem que beber, andando vinte e dois dias, como tenho dito, em dezassete dos quais nenhum de nós bebeu água, nem vinho, nem comemos mais que três ou quatro côcos, repartidos cada dia por quarenta pessoas.

Moveu-me escrever êste discurso do nosso naufrágio querer que soubesse tôda a gente os trabalhos que nas navegações se passam, e quão forte fraqueza é esta de nosso corpo, a qual, se se lhe representassem para passar os trabalhos com que pode, cuidado por certo que desmaiaria de os ouvir; e mais para que todos vejam claro com quanta razão devemos todos esperar e confiar na misericórdia do Senhor, a qual não desampara ninguém em trabalhos, por grandes que sejam, se a buscarmos com pureza de coração, com que é necessário aparelharmo-nos para a recebermos; e para que se saibam as grandezas da misericórdia de Nosso Senhor, e as maravilhas que usa com os pecadores que na sua bondade e misericórdia confiam, me pus a escrever êste compêndio de trabalhos, que servirão de espelho e aviso e consolação, para os que se vi-rem em quaisquer outros semelhantes a êste saberem ter grande fé e confiança em a misericórdia de Nosso Senhor os livrar e salvar, assim como fêz a nós. E por tudo seja o Senhor sempre bendito e louvado.

Posso afirmar com verdade a todos os que isto lerem que não escrevo aqui metade de tudo o que passámos, porque nem quando passei estes trabalhos tinha lembrança nem comodidade para os escrever, nem depois de passados me sofria a memória querer que se lhe representassem; mas sômente é aquilo que me pode lembrar do muito que padeci nesta viagem; mas seja louvado o Nome Santíssimo de Jesu, cuja bondade e misericórdia me trouxe a salvamento. Os que chegámos à terra vi-

vos foram estes: Jorge de Albuquerque Coelho, que foi o que mais trabalho sofreu e perda recebeu neste naufrágio, o piloto Álvaro Marinho, o mestre André Rodrigues, Afonso Luiz, piloto, mas não da nossa nau, André Gonçalves, Domingos da Guarda, António da Costa, um homem por nome o Vélho, um moço por nome António, Baltazar Álvares, um padre da Companhia por nome Álvaro Lucena, um filho bastardo de Jerónimo de Albuquerque, Gabriel Damil, Simão Gonçalves, Simeão Gonçalves, Gomes Leitão, dois irmãos por nome os Bastardos, um Vélho, mestre de fazer açúcar, Braz Álvares Pacheco, uma escrava de Jorge de Albuquerque por nome Antónia, e outros escravos mais.

A gente que o mar levou foram: o contra-mestre Torfbio Gonçalves, António Fernandes, um moço por nome António, filho do Vélho, Gaspar Mouco, um francês piloto, Domingos Gonçalves e António Moreira. Os mais morreram pelo caminho com fome, sede e trabalho. Uma só cousa quero contar, para se poder ver o muito trabalho que sofremos e a que estado nos chegou este naufrágio: que saindo Jorge de Albuquerque com alguns que o acompanhámos em Belém, e encaminhando em ro-maria a Nossa Senhora da Luz, pelo caminho de Nossa Senhora da Ajuda, sendo sabido na cidade dos parentes e amigos que era chegado ali, D. Jerónimo de Moura, seu primo, filho de D. Manuel de Moura, e outras muitas pessoas o foram logo buscar; e sabendo que era já desembarcado e aonde ia, e que caminho levava, foram após elle, e chegando o primo a nós outros, que íamos juntos, nos saudou, perguntando-nos se éramos nós os que nos salváramos com Jorge de Albuquerque. E dizendo-lhe que sim, nos perguntou: ¿Jorge de Albuquerque vai diante ou fica atrás, ou tomou por outro caminho? E Jorge de Albuquerque que estava diante dele, lhe respondeu:

— Senhor, Jorge de Albuquerque não vai diante, nem fica atrás, nem vai por outro caminho. Cuidando D. Jerónimo que zombava, quasi se houve por desconfiado e lhe disse que não gracejasse, que respondesse ao que lhe perguntava. Disse-lhe Jorge de Albuquerque: — Senhor D. Jerónimo, ¿se virdes Jorge de Albuquerque, conhecê-lo-eis? Disse êle que sim. «Pois eu sou Jorge de Albuquerque, e vós sois meu primo D. Jerónimo, filho de D. Izabel de Albuquerque, minha tia; aqui podeis ver e julgar o trabalho que passei». E criando-se ambos, não havendo mais que um ano que se deixaram de ver, sendo muito amigos e conversando muito tempo, o desconhecia de maneira que nem com isto o pôde acabar de conhecer. Foi então necessário a Jorge de Albuquerque mostrar-lhe sinais na pessoa, por onde com muitas lágrimas o abraçou, espantando-se de quão des-selhado vinha êle; e assim vinham todos os mais. A tudo isto fui testemunha de vista, por isso o contei. Seja louvado Nosso Senhor, que me chegou a êste estado de poder escrever isto, cousa que muitas vezes cuidei que não poderia ser; mas somente Deus é o que sabe tudo. Seja êle bendito e louvado para todo o sempre.

IX

Relação do
naufrágio da NAU SANTIAGO

IX

Relação do

naufrágio da NAU SANTIAGO

RELAÇÃO

DO

NAUFRÁGIO DA NAU SANTIAGO

No ano de 1585

E itinerário da gente que dele se salvou

ESCRITA

POR

MANUEL GODINHO CARDOSO

E agora novamente acrescentada com mais
algumas notícias

RELAÇÃO

DO

NAUFRAGIO DA NAU SANTIAGO

No ano de 1882

E illustrado de gravuras que dão ao leitor

ESCRITA

POR

MANUEL GODOINHO CARDOZO

E agora novamente actualizada com mais

algumas noticias

Naufrágio da nau Santiago no ano de 1585

PARTIU de Lisboa a nau Santiago uma quarta-feira, primeiro de Abril de 1585, com outras que iam para a Índia. E nesta ia por capitão-mor Fernão de Mendonça; piloto, Gaspar Gonçalves; e mestre, Manoel Gonçalves. Deram à vela entre as oito e nove horas, mas logo deitaram ferro defronte de Santa Catarina de Ribamar e ali estiveram aquêlê dia, por o vento não ser capaz. À quinta-feira se levantaram, ajudados das galés pelas proas; e por o vento ser ruim tornaram outra vez a surgir, a nau capitânia e a nau Santo Alberto já no cabo da barra, e as outras à torre de S. Gião. À sexta-feira saíram estas duas naus pela barra fora com as gáveas amainadas, esperando pelas companheiras que ficavam atrás; mas elas, por não terem lá o vento que estas tinham não saíram naquele dia; e assim nunca mais as viram.

Desta sexta-feira até à segunda da Semana Santa andaram ora em calmarias, ora às voltas de um bordo a

outro, por o vento se mudar muitas vezes, até que à terça-feira, entrando no que chamam Vale das Éguas, começaram a experimentar a fúria daquelas mares, arrebatando todos estes bagares em uma tormenta desfeita, onde estiveram quasi perdidos porque começou o vento a correr todos os rumos, e os mares com êle tão empolados, que, indo a nau Santo Alberto à fala com êles, umas vezes a não viam, pelas grandes serras de água que entre uma e outra se levantavam, outras vezes a viam enforçada nas ondas, tão alta que parecia ficava nos abismos a capitânia.

Durou esta tormenta todo aquêlê dia com tanta fúria, que houve muitos que se desejaram em Lisboa; e alguns, ainda dos mais esforçados, eram de parecer que arribassem a Baiona, pelo grande risco que corriam porque andavam os mares tão cruzados, que para nenhuma parte punha a nau a proa que as ondas a não encontrassem; mas o que maior mêdo fêz a todos foi verem quebrar o mastro do traquete à nau Santo Alberto, e que arribava para Lisboa, receando os officiaes da capitânia não lhes acontecesse outro tanto. Mas quis Nosso Senhor que amainou logo o vento, pela virtude do *Agnus Dei* e das Relíquias que deitaram no mar.

À quarta-feira pela manhã tiveram vista de duas velas, uma grande e outra pequena. E cuidando que eram franceses, se começaram a pôr em ordem de pelejar, ainda que não vinham para isso, porque, além de os mais virem enjoados, estava o convés empachado com pipas e caixas (como sempre no princípio da viagem vai) e as espingardas ferrugentas da chuva, e tudo tão mal aparelhado, que, por mais feros que os soldados se faziam, se chegaram a abordar houveram de dar muito trabalho; mas proveu Nosso Senhor a isto, porque a horas de jantar, conhecendo uma delas ser nau da Índia, se chegou a ela; e viram que era uma caravela de Sezimbra que ia para

as Canárias, a qual disse que a outra era uma inglesa que andava após ela, e ainda à sua sombra a não quis largar até o outro dia. Desassombrados com estas novas, tornaram muitos ao enjoamento que o medo lhes tinha tirado, que foi grande estôrvo para se não fazerem os officios daqueles dias, como os padres desejavam. Todavia tiveram suas Trevas debaixo da tolda, onde o altar estava.

À quinta-feira de manhã ouvi missa, e de tarde Mandato, que prêgou o padre Pedro Martins, da Companhia de Jesus, e de noite procissão com sermão da Paixão, que prêgou o padre João Gonçalves; e à sexta-feira pela manhã officio com adoração da Cruz, mas eram ainda tamanhos os mares e balanços que a nau dava, que em logar de diácono e subdiácono estavam dois homens no altar, pegados no padre que fazia o Officio, para que não caísse.

Ao sábado, que eram doze dias desde que se embarcaram, foi Nosso Senhor servido dar bom vento e esperto, com que saíram do enfadamento desta primeira provação, que não foi pequena parte para no domingo seguinte festejarem a Resurreição de Cristo Senhor Nosso com maior alegria e solenidade; e assim na manhã de Páscoa fizeram uma procissão pelo convés, disparando algumas peças de artilharia, e depois houve missa cantada; e ainda que fôsse sem o Santo Sacramento, não foi sem devoção, por se verem já fora da tormenta passada e quasi resuscitados com Cristo da morte que nela viram tanto diante dos olhos.

Iam nesta nau o padre Frei Thomás Pinto, da Ordem dos Prêgadores, que ia por inquisidor à Índia, e seu companheiro o padre Frei Adrião de S. Jerónimo; e, da Companhia de Jesus, o padre Pedro Martins, o padre Pedro Álvares, o padre João Gonçalves, o padre Sapata, o irmão Manoel Ferreira, o irmão Manoel Dias. Assentou logo com elles o padre Pedro Martins que, pois vinham ali tan-

tos religiosos, houvesse missa todos os domingos e dias Santos; e assim a houve dali por diante, dizendo também missa todos os sábados a Nossa Senhora, além de outros muitos dias em que se dizia como por devoção, e foi sempre tão contínua e solenizada nas festas, que diziam os marinheiros de quinze e vinte anos desta carreira que nunca víram em nau haver tantos e tão solenes Offícios Divinos como naquela se faziam.

Quando sucedia festejar algum Santo, elegeram-lhe Mordomo que lhe fizesse a festa, e estes andavam com inveja de quem melhor o faria, intentando capela de canto de órgão com harpa, para as vésperas e missa, e várias armações de guademecins que iam de venda para a Índia. Ordenou-se também que se elegeisse um enfermeiro cada semana para os pobres que adoecessem, tomando o capitão-mór a primeira, ainda que depois, porque êle e outros dois que depois foram o fizeram de maneira que deixaram grandes obrigações de caridade e liberalidade aos sucessores, pareceu melhor que houvesse um enfermeiro certo para tôda a viagem, fazendo, ao padre Sapata prefeito dos doentes, com encargo de lhes buscar de esmolas todo o necessário, porque, ainda que o capitão-mor queria prover os doentes à sua custa e avisou ao padre não pedisse a outra pessoa nada, todavia outros homens graves que iam na nau pediram que se curassem os pobres com as esmolas de todos, porque queriam êles também contribuir com a sua; e assim se fazia comumente.

E como nas naus, por mais prègações que haja, se não pode desterrar totalmente o jôgo, o padre Sapata, para que os tafues não pagassem tudo no purgatório, andava pela nau correndo as mesas, e que dessem barato para os doentes, em recompensa de alguns excessos, se os houvesse no jôgo; e era tão aceito de todos pelo bom modo e edificação com que fazia isto, que da

primeira mão que jogavam tiravam a esmola para os doentes, de maneira que quando ia já lha tinham de parte, e muitas tão grossas que além dos doentes podia socorrer a muitos soldados pobres, comprando-lhes vestidos comumente; e assim, cuido que depois de Deus esta foi a principal causa de terem muito poucos doentes em tôda a viagem, até que se perderam, sem falecer mais que um só homem, e êste ainda não era dos pobres que o padre tinha à sua conta, porque comumente os que morrem nestas naus são os mesquinhos, que vêm no convés mortos de fome e despídos, ao sol e chuva e sereno da noite.

Ordenadas assim estas cousas, que eram as mais principais, e a que se podia prover em geral, tendo o padre Pedro Álvares tomado a doutrina à sua conta, quis o padre Pero Martins ao domingo de Páscoa dar principio às prêgações, mas o sábadô antes adoeceu de febre acesa, que deu bastante em que cuidar; mas quis Deus tirá-lo dêste receio, porque, com três sangrias que lhe deram, se achou sem febre em obra de oito dias.

Continuando o caminho com bom vento, entraram na costa da Guiné e nas calmarias daquela paragem, tão celebradas dos marinheiros da Índia; começaram em três graus da banda do Norte, e daqui até outros três ou quatro da banda do Sul, em que se acabaram, gastaram desassete dias, passando a Linha a vinte e sete de Maio, de calma tão enfadonha e tão ardente, que as do Alentejo ficam como frios da Noruega em comparação das daquela paragem. Andando nestas calmarias tiveram um grande susto, porque viram no mar uma vela, e, cuidando ser da Índia por parecer não chegariam tão longe naus francesas, mandaram lá sete ou oito homens no esquite, mas ela não querendo ser conhecida lhes atirou com uma peça grande, para que se tornassem, e por muito pouco os não meteu no fundo.

Passando a Linha, três ou quatro graus da banda do Sul lhes deram uns ventos que os marinheiros chamam gerais, porque cursam ali geralmente quando as naus vão para a Índia, e costumam as mais vezes ser tão escassos que deitam as naus para a Costa do Brasil, com grande perigo de se perderem em muitos baixos que ali há, a que chamam Abrolhos. Mas livrando-os Deus d'este perigo passaram por entre as Ilhas de Martim Vaz, que é a melhor navegação que há, por estarem muito afastadas dos Abrolhos do Brasil.

Viram estas ilhas véspera de Santo António, com tanta alegria na nau como se viram a barra de Goa, e houve homem que perguntou se tinham aquelas ilhas raízes em baixo, no fundo do mar, ou se andavam sôbre a água como boias. Concluiu-se este gôsto, como todos os mais do mundo, com tristeza, acalmando o tempo que os fêz andar entre elas. Cursou quatro dias, e daí por diante foi sempre ou pela proa, que estavam no paio, ou tão pouco que escassamente governava a nau, que parece os ia Nossô Senhor detendo, como que não podia acabar consigo chegá-los ao desastre do naufrágio que os estava esperando.

Da ilha de Martim Vaz por diante começaram a ter alguns pronósticos de ruim viagem, porque aqui deram com um peixe que ninguém soube determinar que peixe era. A feição era de uma baleia não muito grande, fusco e mal encarado, o qual logo afugentou todo o outro peixe que vinha com a nau; e nunca os desamparou até a noite em que se perderam, porque ainda aquela tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nau lançando grandes refolhos de água, como que folgava, ou avisava do que havia de suceder.

Mas como tôdas estas calmas e pronósticos não acalmaram nunca os exercícios da devoção e Offícios Divinos; antes sempre em maior crescimento, e assim festejaram os

dias dos Santos que neste tempo vêm, como Santo António, S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, e outros mais, com a maior solenidade que podia haver no mar; e para que diga de alguma em particular, contarei mais miudamente a de *Corpus Christi*. Alguns dias antes da festa se elegeram quatro mordomos para que pudessem melhor aparelhar o necessário para a procissão; e assim, à quarta-feira à tarde, fizeram fora da tólda com guadamecins um modo de capela e levantaram um altar com o seu frontal de sêda de várias côres e dois ou três retábulos que até então não tinham saído, por serem de pessoas particulares que do reino os levavam para a Índia em grande estima. Puseram um *Agnus Dei* grande, engastado com muitos anjinhos dourados, de uma e outra ilharga, com velas pintadas na mão, além das de cera que nos cantos do altar ardiam em castiçais de prata. Como foi tempo, tiveram vésperas com canto de órgão, e a *Magnificat* safu um padre, com suas tochas diante, a incensar o altar, para o que estava feito um turíbulo de um brazeirinho de barro vidrado, com uns fios de arame por cadeias.

À quinta-feira, acabada a missa, fizeram sua procissão; e já que lhes faltava a principal cousa da solenidade e devoção, que era o Santíssimo Sacramento, nas demais cousas de festa procuraram quanto possível arremedar as que naquela manhã se fazem neste Reino, porque engeharam uma Cruz com sua manga de sêda, que no princípio da procissão levava entre duas tochas um mancebo vestido em uma sobrepeliz, e detraz da Cruz ia uma folia e uma dança, que por festejar a memória do Santo Sacramento fizeram homens oficiais da nau. No coice da procissão iam os religiosos com os cantores e depois o padre que disse a missa, debaixo de um pálio que para êste dia fizeram, com o *Agnus Dei* na mão e acompanhado de dois meninos em figura de Anjos com alenternas nas mãos; e com muitos círios e tochas foram até ao outro altar, que

na proa estava bem concertado, onde o padre descansou e pôs o *Agnus Dei*, e os das danças lhe disseram suas prosas.

Representaram também as Tentações de Cristo no deserto — a primeira logo no princípio da procissão, a segunda no castelo da proa, quando chegou, e a terceira junto da tolda, quando já se recolhiam — no cabo das quais botaram o diabo abaixo, para o fogão, como que ia para o Inferno, ficando Cristo vencedor. E para que não faltasse a festa que é própria desta procissão, fizeram os mordomos uma tourinha, que não foi pequena invenção para que os grumetes e chusma da nau se acolhessem às antenas e deixassem o convés despejado para a procissão ir melhor ordenada.

Com esta festa e solenidade festejaram o dia de *Corpus Christi* com muita devoção, que todos tinham, tendo entre as ondas do mar (morada própria dos peixes) tanto desejo de honrar o Sacramento e tanta aplicação ao culto Divino. E na verdade que causava maior devoção uma procissão destas, assim pobre, com o turíbulo de barro, que as muito solenes dêste reino, com tôda a sua prata e ornamentos de brocado. Os religiosos da Companhia fizeram também neste dia a sua festa; e quinze dias antes encomendaram nas prègações e práticas familiares que se confessassem, o que fizeram quási todos, e a maior parte se confessaram geralmente de tôda a vida, que parece adivinhavam já a necessidade que daí a dois meses haviam de ter de estarem bem confessados.

Mas tornando à viagem, com as calmarias e pouco vento, que digo, chegaram ao Cabo da Boa Esperança a doze de Julho, esperando que até catorze, que era dia de S. Boaventura, lhes daria o mestre a *boa viagem* de o terem dobrado; mas acalmando-lhes de todo êsse pouco vento que levavam, gastaram ali doze ou quinze dias, sem poderem andar sessenta léguas que lhes faltavam para o

passar. Aqui disseram o mestre e alguns marinheiros, que na mesma nau tinham ido o ano passado, como naquella paragem deitaram ao mar o Padre Pedro da Silva da Companhia de Jesus.

Passado o Cabo entraram na terra do Natal, nome que eu cuido lhe puseram porque quem escapa das grandes tormentas que nela sempre há pode com razão dizer que nasce; o que bem experimentaram, porque em dois ou três dias que a passaram tiveram tamanho vento, que, levando tôdas as velas em baixo, com só a moneta do traquete cingida ao redor do castelo da proa, diziam os officiais que andaram cada singradura mais de cincoenta léguas. Mas logo tornaram as calmarias como dantes, que os puseram em risco de fazer viagem por fora, e tanto que, querendo embocar por entre a Ilha de S. Lourenço e a terra firme, mandou o capitão-mór ver os mantimentos e água que havia na nau, se bastariam até Cochim, se não pudessem ir por dentro a Goa, e achando que bastariam, fêz consulta dos officiais e mais homens experimentados, chamando também o inquisidor e o padre Pedro Martins, e assentaram que, se um pouco de vento Ponente que então tinham acalmasse, e viessem Levantes antes de chegarem à altura de um baixo, que chamam da Judia porque o descobriu uma nau de um cristão novo (a que elles dando o nome de seu dono chamavam a nau Judia), o qual baixo está em vinte e dois graus, que tomassem o caminho por fora, por ser já tarde e irem arriscados, se fôsem por dentro, a invernar em Moçambique; e dêste acôrdo fizeram um têrmo que todos assinaram, tirando o padre Pedro Martins, que se tinha escusado de votar, dizendo que não podia dar parecer naquelle negócio por não ter experiência de nenhum daqueles caminhos.

Nesta matéria aconteceu um caso, que não sei se foi profecia, ou um muito grande e occulto juízo de Deus

como depois mostrou. Há, ordinariamente, nesta viagem que chamam por fora, muitas doenças, inchações de pernas e gengivas, e tantas mortes, que dizem os homens da carreira que em cada ano que a cometem, além da grande fome e sede que os pobres padecem, morrem mais de cem pessoas. Algumas pessoas da nau que levavam mercadorias para vender receavam que, como era já tarde, indo por dentro invernassem em Moçambique; e por isso persuadiam, quando nisso falavam em conversação, a ida por fora, antepondo o que haviam de ganhar, indo à Índia aquêlê ano, às vidas e saúdes que na tal viagem os pobres haviam de perder.

Determinando, pois, a consulta que, faltando o vento até à paragem daquele baixo, voltassem por fora, costumava dizer muitas vezes o padre Pedro Álvares que receava muito que, em castigo do desejo que alguns tinham de ir por fora, estimando mais o pouco interesse que por ali aventuravam tirar que o muito dano que nas saúdes e vidas os pobres recebiam, os levasse Deus a Moçambique e os fizesse ali invernar, para que os pobres vivessem e os ricos perdessem mais do que com suas mortes queriam ganhar. Invernaram em Moçambique os que por não gastarem um pouco do muito que levavam o perderam todo; e começaram a passar o inverno na terra dos cafres, despídos, descalços, mortos de fome, desejando i-lo acabar a Moçambique.

O tempo em que se fêz esta consulta seria até quatro ou seis de Agôsto, e como em todo o discurso da viagem tinham recebido muitas mercês de Deus, por intercessão da Virgem Nossa Senhora, e tiveram muita confiança que na festa de sua ida lhes havia de vir vento com que pudessem ir seu caminho; e assim no dia da Assunção tirou o padre Pedro Martins uma imagem das de S. Lucas, a qual puseram no altar no tempo da missa e prêgação que fêz o padre João Gonçalves. À tarde, para a ladaf-

na, mandou o padre que tornassem a pôr a imagem no altar, e que se juntassem nove meninos dos mais pequenos da nau, que estivessem com suas velas acesas todo aquêlo oitavário, enquanto se cantava a ladaíña, para que com estas cousas se despertasse mais a gente a pedir e esperar com maior confiança de, por intercessão da Senhora, alcançarem tempo próspero para continuar a sua navegação. Não ficaram elas enganadas, porque, ao segundo dia depois da Assunção da Virgem, lhes veio um vento em pôpa bem esperto, com que ficaram todos tão contentes, que começaram a tratar de tomar ainda Mocabique, para aí se refazerem de refrescos e água.

Aos dezoito de Agôsto, e também o dia antes, tinham visto uns pássaros, a que os marinheiros chamam alca-trazes, os quais não andam senão junto da terra, onde possam fazer o ninho. O piloto entendeu que estavam perto do Baixo da Judia; aos dezanove tomou o sol, achou-se em vinte e dois graus e um têtço, que podiam estar do Baixo sete ou oito léguas, pelo rumo do Nordeste, a que governava. Aqui discordam os officiais da nau em contar o conselho que tomaram àcêrca do que fariam nesta paragem, contando todos de diversas maneiras, pretendendo cada um tirar de si a culpa da perdição, e carregá-la sôbre os outros; e eu, que não sei o que êles passaram em sua consulta, e ainda que o soubera me pesara muito escrever cousa que pudesse condenar alguém em matéria tão grave. E, porque na verdade cuido que mais temos nesta parte que temer os occultos juízos de Deus, e louvar a secreta ordem com que sua Divina Providência permite tôdas estas cousas, que culpar os conselhos dos homens, deixando o parecer que cada um diz que deu e as diligências que fêz de sua parte, contarei o desastre da perdição da maneira que aconteceu.

Aquêlo dia à tarde houve uma grande e geral alegria, cuidando que tinham já passado o Baixo; e, assim

como foram horas, todos os que não haviam de vigiar se deitaram entre as camas muito alvoroçados para a bonança do mar, que dali até Goa lhes diziam os marinheiros haviam de achar. Senão quando, estando todos na fôrça do primeiro sono, a nau, levando tôdas as velas enfunadas com um vento em pôpa, o melhor e mais esperto que em tôda a viagem tiveram, por justos e ocultos juízos de Deus, merecendo-o assim os nossos pecados, deu de meio através no Baixo, cegando Deus aos marinheiros que vigiavam do gurupés e a vigia dos soldados que estavam pelas antenas, que não vissem a escuma do mar que rebentava no Baixo, e tapando-lhes os olhos e ouvindo que na quietação da noite não ouvissem o roncar das ondas, que com tanta fúria quebravam nas pedras, que a grandes duas léguas se podiam ouvir.

Deu esta nau, quando tocou, três pancadas temerosíssimas, e logo largou o fundo, que ficou no alto por o Baixo ser muito alcantilado, o qual depois as águas lançaram sôbre o arrecife; os altos foram dar sôbre o Baixo; duas das cobertas vieram por êle feitas rachas, e duas com as velas tôdas com a fôrça do vento vieram encalhar no arrecife; o que por todos foi julgado milagre — irem duas cobertas de uma nau à vela, sem o porão, e cavalgarem por onde nunca se cuidou que um pequeno barco passasse. Com a fôrça que a nau levava rebentou o mastro cerce pela cobertura debaixo pelo tamborete; cortaram-lhe a enxárcia e rebentou segunda vez; e assim caiu de todo. Isto é certo: que qualquer cousa que o vento fôra mais escasso, tôda a gente da nau ia a pique ao fundo por espaço de um Credo. Das ilhas de Martim Vaz até o Baixo, em que a nau tocou, a seguiu (como já disse) um baleato; e o dia em que se a nau perdeu foi diante dela, como que a guiava para alguma desventura.

O que fêz esta perdição mais medonha foi ser de noite, e tão escura que mal se viam uns aos outros.

A grita e confusão da gente era grandíssima, como de homens que se viam sem nenhuma esperança de remédio, no meio do mar que bramava, com a morte diante dos olhos, em mais triste e horrenda figura que imaginar-se pode em nenhum dos naufrágios passados. O quebrar da nau, o estalar da madeira, que se estava tôda moendo, o cair dos mastros e antenas, faziam então um tom e ruído temerosíssimo, tal que parece cousa impossível lembrar depois a quem o escreveu. Tôda a gente, não tratando já mais que da salvação das almas, por quão enganada se viu da dos corpos, pedia confissão aos religiosos que na nau iam, com muitas lágrimas e gemidos, com tão pouco tino e ordem, que todos se queriam confessar juntamente, e em voz tão alta, que se ouviam uns aos outros, excepto homens fidalgos e outra gente nobre, que se confessavam em segredo. Era a pressa tanta nas confissões, que um homem, não podendo esperar, começou a dizer a um dos religiosos que o ouvisse de confissão, e sem mais aguardar dizia suas culpas em voz alta, tão graves e enormes, que foi necessário ir-lhe o religioso com a mão à bôca, gritando-lhe que se calasse, que logo o ouviria de confissão; o qual homem, depois de confessado, gritava de longe perguntando ao padre se o absolvera, tão alienado andava com o acidente da morte.

Nesta tão grande aflição fizeram muito fruto os padres que na nau iam, dando grande exemplo de paciência a todos. E o padre Frei Tomaz Pinto, recolhendo-se ao chapitêu da nau, foi ferido na cabeça de um aparelho da antena, que caiu, e, tendo a mão posta na ferida, com grandes dores assistia no ofício das confissões. Antes de amanhecer se confessou tôda a gente da nau, que passavam de 450 almas; e depois das confissões os religiosos fizeram muitas práticas para animar a todos a se conformarem com a vontade de Nosso Senhor. Houve ladafnhas, fêz-se confissão da Fé e tudo o mais que necessário

era às consciências. Assim se esteve até sair a lua, que seria duas horas antes da manhã, muito fermosa e resplandecente; e como até então esteve a gente em tal escuridade, que escassamente se viam uns aos outros de muito perto, vendo a claridade e resplendor da lua, foi tão grande o abalo que na maior parte dela isto fêz, que começaram a levantar as vozes, e com lágrimas, brados e gemidos chamavam por Nossa Senhora, dizendo que a viam na lua.

Começou a romper a manhã, e já muitos diziam que viam terra e alguns afirmavam ser terra firme; mas acabando de aclarar o dia se desenganaram de todo, porque o que parecia terra e árvores eram os quartéis da nau, em pedaços, e pipas e caixões que as águas levaram para aquela parte onde apareciam, e onde por ser mais baixo encaharam. Viu-se o Baixo, o qual estava lançado na forma seguinte.

Êste baixo é redondo e lança mais alguma cousa de Noroeste-Sueste, por onde vem a fazer uma figura como ovada; rebentava em flor do Noroeste até o Leste, pela banda do Sul, e tudo o mais dava jazigo. Dentro dêste arrecife há uma caldeira ou lagamar, que terá de travessa como duas léguas; e terá a partes três até quatro braças de água, a partes duas, e menos. O arrecife, tomando-o donde começa até dar na caldeira, terá uma légua; por onde o Baixo todo virá a ter quatro léguas de travessa e doze de roda pouco mais ou menos. Por cima do arrecife haverá dois palmos até três de água de baixamar; de preiamar, na maior parte dêle, se não tomava pé duas léguas e meia da nau até três escassas. Correm de Aloeste para o Norte muitos penedos postos todos a fio, dos quais para a banda do Nordeste se apartaram três maiores, que vistos de longe parecem ilhéus. Todo o arrecife e lamagar está cheio de muito coral branco, vermelho e verde; de branco se vai fazendo pardo; de pardo, roxo e

depois vermelho. E nenhum é perfeito: o vermelho é tão mole, que em lhe pondo a mão logo se desfaz, ficando como sangue coalhado. Neste coral se feriu a gente tôda, porque andar por cima dêle era como por cima de vidro; as feridas eram peçonhentas, mostrando-se nelas a côr do mesmo coral, e parece que a mesma água em que êle nasce é também venenosa.

Houve grande dúvida se era êste o Baixo da Judia, se outro. Não falta quem sustente ser êste o Baixo da Judia. As razões que por esta parte há são as seguintes. Primeiramente dizem que o Baixo em que se esta nau perdeu está na mesma altura que o da Judia, em vinte e um graus e meio, e que não há tal baixo como este situado nas cartas antigas de marear, que agora por novo baixo se quere escrever, nem há pilôto na carreira que o visse ou tivesse notícia dêle; e que o sol do pilôto e do sota-pilôto, no dia da perdição, não foi bem regulado (vinte e dois graus e um têrço escasso que o pilôto tomou, vinte e dois graus justos que tomou o sota-pilôto), porque houve marinheiros que também tomaram o sol em vinte e dois graus e meio, que era o verdadeiro, e logo disseram que iam aquela noite encalhar no Baixo da Judia. E quanto a dizerem que o Baixo da Judia tem árvores e areia, o que neste não havia, respondem que foi até agora engano de pilotos; porque as naus, que de longe vêm ver êste Baixo, dos três penedos grandes de que atrás se falou fazem terra; das pequenas árvores e do coral branco que junto aos penedos há, areia; e com êste engano da vista vem a parecer ilha; no qual também cafu o mestre da nau, Manuel Gonçalves, segundo depois dizia, com os mais que iam no esquife atravessando o baixo de uma parte a outra, até que junto aos penedos se desenganaram, vendo o que era.

Pressupostas estas razões, dizem os que as dão que a causa da perdição desta nau esteve em duas cousas.

A primeira na proa que o piloto tomou a noite do naufrágio, porque três vezes mudou a proa: a primeira a Nordeste, com a qual foi a nau a sangradura atrás, e se por este rumo fôra sempre, se caçava de todo o baixo, ficando a Loeste por jilavento; a segunda ao Nornordeste, e também assim se caçava o baixo, que ficava por barlavento da banda do Leste, e esta proa levava a nau à segunda-feira, em que se perden, do meio-dia até entrar a noite, em que o piloto tornou a mudar a via ao Nordeste, quarta do Norte, e ficou tomando o baixo de meio a meio, proa e rumo em que se só podia perder. A segunda razão, por o piloto se não fazer em outra volta vindo a noite, já que entre dia não teve vista do baixo. E dizem que é má desculpa fazer-se êle com o baixo, porque a nau *Tigre* no ano de cincoenta e oito, capitão Pero Peixoto, houvera de dar neste baixo só por se fazer com êle passado, e no ano de sessenta e oito correu o mesmo perigo, e pela mesma razão a nau *Reis Magos*, capitão Felipe Carneiro, — a nau *Tigre* logo em anoitecendo, a nau *Reis Magos* no quarto da madorna —, afóra outros pilotos que de dia se acharam enleados com êle.

Estas são as razões que por esta parte se dão. Os que dizem não ser este o Baixo da Judia movem-se por razões mais urgentes, que são as seguintes. O dia antes da perdição da nau marcaram pela agulha o piloto, sota-piloto e mestre; e todos fizeram uma só marcação, que foi três quartos e uma oitava escassa, que era estar a nau mais de vinte léguas Leste do Baixo da Judia para a Ilha de S. Lourenço. Tomaram o sol ao meio-dia, e ficaram em vinte e quatro graus; daqui se governou a nau a Nordeste. Vindo a noite entrou o vento em pôpa tão esperto, que pelo menos era vento de quarenta léguas de sangradura, navegou-se pelo mesmo rumo até ao outro dia ao tomar do sol, que por razão do abatimento da agulha, e da água que corria têsá para dentro, lhe dava o piloto a

via do Nordeste. Tomou-se o sol; achou-se o piloto em vinte e dois graus e um têrço, e o sota-pilôto em vinte e dois graus, que era estar Leste-Oeste em o Baixo da Judia, ou pouco menos; por onde quando veio a noite com tôda a proa se tinha o Baixo passado; quanto mais, que conforme a desmarcação da agulha sempre se ficava entre êle e a ilha.

Além disto, sábadô, dezassete do mês de Agôsto, três dias antes da perdição, se viram muitas aves, guaraginhas, alcatrazes e garajaus; ao domingo se viram muitas mais aves destas; e à segunda-feira, que foi o dia em que se a nau perdeu, quando veio a tarde, havia já muito poucas, havendo de ser pelo contrário, se êste fôra o Baixo da Judia, porque são tantas as aves nêle, que se não podem valer com elas; e é certo criarem-se estas aves no Baixo da Judia; e neste em que a nau tocou havia muito poucas, que vinham de jilavento, e entrando a noite tornavam-se para trás. Mas todos dizem que o Baixo da Judia tem areia, praia, terra e árvores, e neste Baixo não se viu nada disto; e houve nau que passou já tão perto do Baixo da Judia, que aos que iam nela parecia que estariam légua dêle, e que viram conhecidamente árvores e areia; e o mesmo se viu da nau *Chagas* no ano de sessenta e oito, tornando do Cabo a invernar a *Mocambique*, vindo nela o Vice-Rei D. Antão, piloto Vicente Rodrigues, menos de légua dêle; e no ano setenta e quatro, a pouco mais espaço de meia légua, se viu o mesmo de quatro naus juntas: *Reis Magos*, capitânia, *Belém*, *Caranja*, S. Mateus, capitão-mor D. Francisco de Sousa.

Finalmente, vistas as informações que há do Baixo da Judia, e cotejadas com o que se viu neste baixo em que se a nau perdeu, não há maior despropósito que quererem à força de contenção fazer de ambos os baixos um só; porque, quanto à altura, êste em que se a nau perdeu está em vinte e um graus e meio e o da Judia está em

vinte e dois. Respondem a isto que é erro das cartas, e que o Baixo da Judia está em vinte e um graus e meio, o que parece engano de alguns pilôtos, que tomaram vinte e um graus e meio no Baixo da Judia; e que na verdade o baixo a que tomavam a altura era este em que se a nau perdeu, que pelo não conhecerem o tiveram pelo da Judia, porque André Lopes, pilôto mais antigo desta carreira, afirmava que passara cingido o Baixo da Judia sete vezes, e duas tomara o sol, e que tomara vinte e dois graus escassos e um sêsmo menos. E muito era de ambas as vezes este pilôto tomasse mal o sol, e de ambas o erro fôsse no sêsmo. Quanto mais, que o pilôto Vicente Rodrigues, na nau *Chagas*, tomou vinte e dois graus no Baixo da Judia no ano de quinhentos e setenta, e o mesmo sol dizem que tomou o pilôto Francisco Sedenho.

Quanto às mais confrontações, o Baixo da Judia pela banda da terra firme corre Nornordeste-Sussudoeste, e tomada quarta do Norte-Sul terá de comprido duas léguas e mais; pela banda da Ilha de S. Lourenço faz umas enseadas em que rebenta o mar, e umas manchas de areia por cima, onde acaba; lá para o Nordeste tem umas pedras grandes, em que também o mar rebenta. E nada disto conforma com o baixo em que se a nau perdeu; o que facilmente se pode ver pela descrição que dêle acima se fêz, e pela sangradura da nau, conforme ao vento e proa que levou o dia da perdição, e pelo sol do pilôto e sota-pilôto no mesmo dia, e pelo que tomou João Dias, no mesmo baixo, passageiro natural de Oeiras, homem do mar e que tinha bom conhecimento desta carreira. E se entende este baixo estar pegado com o Parcel de S. Lourenço, trinta léguas da Ilha, em vinte e um graus e meio, como está dito. E nesta altura dizia Rodrigo Miguéis, sota-pilôto da nau, que o viu apontado em uma carta que achou, muito antiga, o dia da perdição. Prova-se ser isto assim, porque a nau *Garça*, em que o

Vice-Rei D. Constantino foi à Índia no ano de quinhentos e oito, vindo correndo perto da Ilha de S. Lourenço, por esta altura de vinte e dois para vinte e um graus, amanhecendo com êste baixo e achando-se enleado o piloto, mostrou o sota-piloto uma carta em que êle estava pôsto na mesma altura em que o viram; e já antes disto o mesmo sota-piloto se fazia encalhar nêle. Mas foi tamanho o descuido de pilotos e carteiros, que já em tempo de D. Constantino não andava nas mais cartas.

Resta agora responder às razões em contrário. Que não sejam urgentes as razões dos que dizem ser êste o mesmo baixo que o da Judia, se mostra do que acêrca disto atrás fica dito, donde se vê claramente estarem estes dois baixos em diferentes alturas; e o não haver tal baixo nas cartas, diferente do da Judia, foi descuido de pilotos e carteiros, pôsto que não faltam homens de crédito que afirmam terem visto cartas antigas em que o viram situado, referindo o que se contou da nau *Garça*. Quanto mais que nem todos os baixos estão descobertos, e cada dia se podem de novo descobrir muitos. Quanto ao sol dos marinheiros, que tomaram vinte e dois graus e meio o dia da perdição, a isto se responde que mais crédito se devia dar ao sol do piloto, homem vélho e experimentado nesta carreira, e ao sota-piloto, que também tem muito bom nome, que ao de dois marinheiros não conhecidos. Quanto mais que nenhum deles foi avisar ao piloto ou algum outro oficial da nau, a quem o pudera dizer. Quanto ao engano dos penedos, que à vista parecem ilha e árvores, e o coral branco e areia, viram êste baixo algumas naus tão de perto, que não podia ser enganarem-se. Sôbretudo não respondem às razões das aves que no Baixo da Judia há, não as havendo neste em que a nau tocou, senão muito poucas, que vindo a noite como está dito se recolhiam para jilavento, que era o mais certo sinal delas virem do Baixo da Judia mariscar

a este baixo, e recolherem-se para o mesmo baixo donde saíam.

Na culpa que se dá ao piloto parece que há pouca razão, porque a derradeira proa que tomou foi tendo já o Baixo da Judia passado, mais de dez léguas a pouco andar (pois ao meio-dia estivera Leste-Oeste com êle ou pouco menos), se se não disser que eram as correntes das águas contra a nau tão grandes, que a tinham pela barba, o que nem foi por experiências que nisso se fizeram, nem o piloto podia suspeitar que fôsse, por elas irem nesta paragem sempre em favor das naus, tão rijas que quando parece aos pilotos que terão andado trinta léguas acham terem andado cinqüenta e mais. Após isto o piloto, além do resguardo que dava à nau nas dez léguas que podia andar do meio-dia até à noite, mandou pôr muito boa vigia nela, de quatro ou cinco homens, todos de confiança, entre os quais entrava o sota-piloto. E ao pôr do sol os avisou que atentassem para onde se recolhiam as aves; tiveram êles tento e disseram que se recolhiam para jilavento da pôpa, e que não viam por proa nada, o que era prova de se ter passado o baixo, pois as aves se recolhiam em anoitecendo por pôpa, e não se podia presumir recolherem-se a outra parte que ao baixo, por onde ficava claro ficar êle atrás. E não se podia dar outro resguardo, porque, virando a nau, ¿como podia pôr a proa onde trazia a pôpa? Quando muito podia aportar para onde se recolhiam as aves, que era ir buscar o baixo, se atrás ficava. Aos exemplos que trazem das naus *Tigre e Reis Magos*, se responde que não correram nelas tão particulares razões como as que estão dadas. Quanto mais que podia muito bem ser que o baixo que viram fôsse este mesmo em que a nau deu, e que, pelo não conhecerem, o julgassem pelo da Judia, tendo-o já passado, como acima se disse. Isto é o que se pode dizer deste baixo, assim pelo

que se viu e experimentou, como por informações que houve.

Tornando à história do infelice naufrágio desta nau: em as duas cobertas assentando sôbre o arrecife, logo se fizeram em partes, formando de si um triângulo, pôpa, proa e costado; não cerrou de todo o triângulo, porque para a banda do Norte ficou uma pequena aberta por onde depois saíram algumas jangadas. Recolhiam estas três partes da nau dentro em si um grande tanque, que de preiamar cobria um homem, por grande que fôsse; de baixamar dava pelo giolho. Botou-se logo o esquife ao mar, em que se meteram o capitão-mor, Manoel Gonçalves, mestre da nau, Manoel Rodrigues e Vicente Jorge, passageiros, Diniz Ramos, barbeiro da nau, o mestre dos calafates com alguns marinheiros, que por todos eram dezanove, e entre êles um menino de nove anos, filho de Vicente Jorge, que se escondeu dentro do esquife por indústria do pai; diziam que iam descobrir o baixo e ver se achavam terra, e que logo haviam de tornar. Também se meteu no esquife o padre Frei Tomaz Pinto, levando uma agulha de marear na mão, mas o capitão-mor lhe pediu que se saísse, prometendo-lhe com muitos e graves juramentos que êle tornaria por êle, que não ia a mais que a sondar o baixo e ver se havia terra. O padre Frei Tomaz Pinto se saíu, dando crédito aos juramentos do capitão-mor, e por atalhar as desordens e motins que em tal ocasião podiam succeder. Muitos homens fidalgos, e outra gente nobre que estava para entrar no esquife, não cometeram entrar nêle, vendo que dêle se saía o padre Frei Tomaz Pinto.

Indo-se contudo o esquife, e vendo-se a gente em tanto desamparo entre bravas ondas, que de tôdas as partes bramiam, sem ver mais que céu e mar, e o destrôço e a ruína de tão fermosa máquina como era a da nau, então acabaram de entender quão grande êrro fôra

deixaram ir assim o esquife sem mais consideração; porque se o tiveram, com êle e com o batel que depois se consertou, tomaram os homens mais ânimo, e fizeram-se mais jangadas, melhores e com mais ordem, e pudera-se salvar mais gente. O esquife não tornou, pôsto que se sabe que o capitão-mor pedira com muita instância ao mestre da nau e aos mais companheiros que tornassem, mas não quiseram, pôsto que muito o sentisse o capitão-mor, a quem também conveio obedecer pelo transe em que se via.

Neste tempo olharam pelos que faltaram, e achou-se que seriam mortos como dez ou doze homens, que ficaram dentro dos camarotes e por baixo entre as cobertas, e outros feitos em pedaços dos aparelhos que caíram sobre êles; outros tantos morreriam nesta mesma manhã saindo-se da nau por cobiça em busca do fato, que viam estar em sêco, e dos quarteis da nau que apareciam, para deles fazerem jangadas; mas era tão grande a ressaca que tirava para o mar, que os levava para fora e os afogava. Quebrava esta água com grande fúria no arrecife e saía logo mui têsá para o Nordeste, para onde as águas ali parece que corriam.

Houve esta manhã muitas lágrimas, com grandes demonstrações de contrição e arrependimento de culpas, disseram-se as ladaínhas, pediam todos misericórdia a Deus, houve muitos que se davam grandes bofetadas com grandes mostras de sentimento e dor, outros traziam alguns retábulos de Nossa Senhora, mostrando-os de algum lugar mais alto donde melhor se pudessem ver, punham-se todos de joelhos, e com grandes gritos e muitos soluços e lágrimas, que eram contínuas, chamavam pela Senhora que lhes valesse em tão espantosa aflição; e já lhe não pediam outra cousa mais que remédio para as almas, que da salvação dos corpos estavam todos desconfiados.

À vista destas calamidades, um moço, cativo de Manoel Rodrigues, passageiro, começou a fazer muita festa, alegrando-se e comendo dos doces, que não faltavam, saltou com muito contentamento na água dentro no tanque, que a nau em si recolheu, onde nadando dava muitos mergulhos, zombando dos mais, e dizendo que já era fôrro, que não devia nada a ninguém, tão seguro e sem medo como se nadara no rio de Lisboa. Donde se vê que às vezes a bruteza obra nos bárbaros os mesmos efeitos que nos bem instruídos a lição e filosofia, porque naquele estado, para se não mostrar muita tristeza e sentimento, era necessário que um homem fôsse ou pilôto ou bruto.

Na esta nau, como todos diziam, a mais rica e próspera que havia muitos anos saíra do reino; estava o chapitêu alastrado de moedas de oito *reales* em grande quantidade, agora muitos sacos que se botaram ao mar; estava o dinheiro debaixo dos pés, tão pouco estimado, que não havia naquela ocasião quem olhasse para êle, pôsto que com alguns poucos da gente comum pôde a cobiça tanto, que encheram as sacas de *reales*, os quais pretendiam levar e salvar nas jangadas que faziam.

No primeiro e segundo dia depois da perdição não se fêz caso do batel, pôsto que muitos tratavam de o concertar, porque os mais cuidavam que, se havia alguma esperança de salvação, poderia ser por meio das jangadas que se ordenavam. Neste tempo andavam todos cingidos com duas ou três cordas para se atarem às jangadas, e, depois de darem muitas voltas com as cordas pela cintura, para andarem mais lestes davam com elas outras tantas pelos pescoços. Era tão triste o espectáculo, que pareciam todos, assim, com os barações nos pescoços, condenados à morte. Neste mesmo dia abriu a nau pelo costado, e a modo de parto lançou de si o batel com um têrço menos; lançaram-no as águas para o mais baixo do arrecife, e encalhou três tiros de espingarda da nau;

o primeiro que se lançou a êle foi um genovês, homem nobre, chamado Scipião Grimaldi. Foram-no ver alguns homens do mar, disseram que não tinha nenhum consêrto; contudo outros se deixaram ficar nêle, e com uma bandeirinha faziam sinal aos da nau dando-lhes a entender que se fôsem para lá, que ainda podia o batel presar. Assim o fizeram muitos, entre os quais foi Duarte de Melo, natural de Baçaim, e Diogo Rodrigues Caldeira. O pilôto e outros elegeram, todos de comum consentimento, por seu capitão a Duarte de Melo, fidalgo digno por certo de outras maiores honras.

Feita a eleição, determinaram-se muito de propósito ao consêrto do batel, e de tábuas de caixões calafetadas com camisas, com uma ponta de faca, e queijo de framenços amassado em breu, lhe fizeram a pôpa, e com o mesmo pano e queijo calafetaram muita parte dele, porque estava mal, que quási por tôdas as partes fazia água. Deram-lhe também cinco ou seis arrochos de cabos de arretaduras do mastro, e nem assim bastava para vedar a água, e era necessário a dois baldes lançá-la de contínuo fora, com muito trabalho da gente; e isto enquanto o batel esteve no baixo para se poder ter em nado, que depois que se fêz viagem sempre houve quatro gamotes vivos, revezando-se a êles todos os que estavam para isso.

Os que estiveram no batel enquanto se consertou passaram muito trabalho de fome e sêde, porque não bebiam mais de duas vezes ao dia, cada um sua vez de vinho puro, sôbre talhada de marmelada ou de queijo. E dormiram a primeira noite com água pela cinta; a segunda muito apertados no batel, porque eram muitos, ainda que com menos água; alguns estiveram de fora do batel encostados a êle com água pelos peitos. Nesta obra se ocuparam de têrça-feira à tarde até à quinta. O padre Frei Tomaz Pinto, levando consigo Jerónimo da Silva, contra-mestre da nau, foi ver o batel, para ver se devia

antes fiar-se dele que das jangadas, entre as quais havia algumas bem feitas; pareceu a ambos que mais seguro era o batel. Deu logo Jerónimo da Silva ordem com que da nau viessem mantimentos, água, vinho, biscoito, queijo, marmeladas e algumas conservas. Ordenou-se nêle a cevadeira de um lençol e de uma teada de pano de linho, o mastro se fêz de uma barra de cabrestante, a vêrga de dois piques, o mastro da cevadeira de três piques, a vêrga de dois. Depois se emendou a vêrga do mastro grande, e fêz-se de outra barra, e os lais de duas pontas de piques, a enxárcia se fêz de linha de pescar e de fios, e a amarra de doze balços de marinheiros com mais uma peça de linho de trinta e oito varas torcida a modo de corda, a fateixa de seis cunhas de braços com mais um saco em que iam mil e trezentos cruzados; serviam de leme duas pás, com que se teve muito trabalho.

Aguardou-se pela maré; e muita gente da nau, vendo que se ia dela o padre Frei Tomaz Pinto com o contra-mestre, veio-se para onde estava o batel, e, como era muita, temeram-se os que nêle estavam que houvesse ao embarcar algum grande trabalho, como em tais ocasiões acontece, o qual para se evitar foi grande remédio pedir então o capitão Duarte de Melo ao padre Frei Tomaz Pinto que por algum bom modo houvesse as armas daquela gente, dizendo-lhe que pelo muito respeito que lhe tinham lhas entregariam, para assim se atalharem as desaventuras ordinárias nos naufrágios. O padre Frei Tomaz Pinto com muita brandura lhes pedia as armas, as quais muitos lhe entregaram, pôsto que alguns houve que as não quiseram entregar; mas tinha tanta autoridade o padre Frei Tomaz Pinto entre tōda a gente da nau, que alguns recusando dar as armas, pondo-lhe o padre brandamente a mão nelas lhas entregavam. Isto foi parte para mais a salvo e pacificamente se poderem embarcar os do batel, porque, sem dúvida, gente que se via sem

nenhum modo de remédio, deixada no meio do mar para se afogar em menos espaço de meia hora, se se vira com as armas na mão tudo acometera.

Neste tempo era já crescida grande parte de água, e cinco jangadas que se fizeram se chegaram ao batel, no qual se embarcaram os que se nêle pretendiam salvar, com muito trabalho, defendendo-se a embarcação, aos mais que a vinham a demandar, à espada, porque não havia outro remédio; algumas mulheres que na nau iam se ferravam ao batel, às quais os que nêle estavam feriam, como aos homens que o intentavam. Foi o espectáculo dêste dia o mais triste e lastimoso que se podia ver. Estava todo o arrecife cheio de gente, a qual não queriam recolher, nem os do barco, nem os das jangadas; a maré vinha enchendo, e êles não podiam tomar pé, por onde logo se começaram a afogar todos os que não sabiam nadar; e os que sabiam também se afogavam, dilatando contudo um pouco mais a morte. Andava grande quantidade de homens nadando, uns para as jangadas, e outros para o batel; e assim se afogaram todos, e duas mulheres que iam para se meter nas jangadas, em que iam muitas outras. Um moço de quinze anos nadou quasi meia légua, e chegou ao batel afastado de tôda a mais gente que nadava; puseram-lhe uma espada diante, a qual êle naquele conflito não temeu, mas antes, como se lhe fôra dado cabo, pegou dela; e não se desapegou dela sem o recolherem, a trôco porém de uma grande fenda na mão. Os que, assim navegando no batel, olhavam para as ruínas e quartéis da nau viam que nêles ainda estava gente, e que tôda andava de barretes vermelhos e umas sobre-vestes a modo de couras segadoras, feitas de peças de escarlata, que na nau havia, e de algumas sêdas de côres, dando fermosa vista para tempo mais alegre. As jangadas também iam muito para ver, porque pareciam fustas com velas de damasco verde, carmezim e de outras côres.

Seguindo o batel sua via, foi ter por noite duas léguas e meia donde partira, junto aos penedos de que atrás se falou; indo assim caminhando cuidavam os do batel, por bom espaço, que os três penedos maiores eram ilhéus, até que de muito perto se divisou que eram penedos. Estavam estes penedos cheios de gente, que da nau a êles se recolheu, com intento de acabar antes nêles que na água. Quando aqui chegou o batel era noite; e tão fria, que ela só bastara para acabar a todos; e trás esta se seguiram outras frigidíssimas. Aqui se viu o mais horrendo espectáculo de todos os do naufrágio, porque, assim os das jangadas como os que estavam nos penedos, esperando ter algum refúgio no batel, se saíram deles e vinham, nus, com água pelos peitos, estando tôda a noite em um perpétuo grito por razão da frieza da água e incompatíveis dores. Não se ouviam outras vozes mais que ais, gemidos e grandes lástimas; bradavam pelos do batel, que lhes valessem, nomeando a muitos por seus nomes e lembrando-lhes o estado em que se viam. Entre estes um dos que mais gritava era D. Duarte de Menezes, primo com-irmão do capitão-mor Fernão de Mendonça; mas não foi ouvido, nem Rui Mendes de Carvalho, homem fidalgo. Recolheram ao condestabre da nau com uma só palavra que disse,

Ao outro dia pela manhã, que foi sexta-feira, vinte e três do mês, estando os do batel para se partir, pareceu ao piloto, em sua consciência, e ao contra-mestre e a alguns homens do mar, comunicando o primeiro com o capitão Duarte de Melo, que o dito batel não estava para poder navegar com tanta gente, e que, como tivesse mais de quarenta e seis ou quarenta e sete pessoas, que se não atrevia a navegar; e todavia, parecendo a algumas pessoas, que se tinham apoderado do batel, que o guardião não contara bem a gente, por o batel estar pesado assentaram entre si que se lançassem ao mar algu-

mas pessoas; e elles sòmente consultavam e determinavam quais haviam de ser estes condenados. Os desta parcialidade deram conta a Duarte de Melo do que o pilôto dizia, e da diligência que se mandara fazer pelo guardião, e mostrando Duarte de Melo, capitão, muito sentimento cristão, não sabendo como se pudesse escusar a execução de tão cruel obra, se mandou ver por quatro ou cinco pessoas a gente que no batel estava; levaram as espadas nuas nas mãos, para assim mais facilmente podessem executar as sentenças e miseráveis sortes dos condenados.

Lançaram fora do batel dezassete pessoas, entre as quais entrou Jorge Figueira, homem fidalgo e conhecido por tal, que trabalhou no consêrto do batel como se fôra um grumete, do primeiro dia que se nêle entendeu até à hora em que partiu. E em se determinando que fôsse ao mar fuão, o botavam logo os executores, deixando-o todavia falar a Duarte de Melo, se o requeria, mostrando nisto alguma humanidade, com que em parte se moderava o rigor da sentença. E estando já botadas ao mar onze pessoas, disse um dos do batel, que se não nomeia por evitar escândalo, que não era justo que quando se lançava tanta gente ao mar, que se salvassem dois irmãos, os quais eram Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, homens honrados, naturais de Lisboa. Isto que esta pessoa disse foi mui estranhado, porque Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, por serem pessoas honradas e de bom procedimento, tinham muitos amigos no batel; pôsto que não faltou quem dissesse que dizia bem aquela pessoa. E consultando os que davam a sentença, se mandou que um deles fôsse lançado ao mar; e pegando logo os que davam à execução em Gaspar Ximenes, que pôsto que mais vêlho era menor de corpo que seu irmão e mais delgado de carnes, e sendo Gaspar Ximenes levado pelo ar dêstes diligentes ministros, saltou seu irmão Fernão Xi-

menes donde estava, e com o amor fraternal com que o amava o tirou das mãos de todos, puxando por êle pela roupeta, e dizendo que o deixassem falar com Duarte de Melo, com ambas as mãos pegadas em seu irmão, sem o largar, se virou para Duarte de Melo e lhe disse: « Ah! Senhor Duarte de Melo, ¿ não há remédio senão ir um de nós ao mar? » Duarte de Melo lhe não respondeu mais que chorando pelos olhos e levantando os ombros, como quem lhe queria dizer que não podia ser. Respondeu Fernão Ximenes com muito espírito — que Deus lhe devia dar porque o que fêz parece mais obra sua que de homem — que, já que não podia ser outra coisa, que ficasse seu irmão, que era mais vêlho que êle e pai de suas irmãs, e que o lançassem a êle ao mar; e em dizendo isto o lançaram, ficando com tanto ânimo como se o botaram em uma praia de gente amiga, sendo golfão de mar de mais de cento e vinte léguas da primeira terra, lembrando-se mais êste generoso mancebo da obediência que devia a seu irmão mais vêlho, que êle conhecia por pai, e do bem e do remédio de sua mãe e irmãs, que do que convinha à sua vida, tendo esperança na misericórdia de Deus Nosso Senhor que se lembraria de sua alma.

Foi esta fineza bem digna de se perpetuar e nunca esquecer na memória dos homens, onde no amor ficou mais levantada que na amorosa contenda de Pilades e Orestes, porque se devia ver poucas vezes com tanto ânimo dar um irmão a vida por outro, como êste fêz. Mas como foi obra tão subida e de tanta caridade, não deixou Deus Nosso Senhor a paga para muito longe; antes no mesmo dia lha pagou, porque indo-se todos os que lançaram fora do batel recolher a uns penedos altos, e dizendo estes a Fernão Ximenes se queria ir para lá, respondeu que ali havia de esperar sua ventura, o qual pondo-se em cima de um pequeno penedo, onde lhe dava a água

quási pelo pescoço, e abaixo do penedo era muito alcantilado, e vendo como o batel começava de se desamarrar e fazer-se à vela, tendo duas camisas vestidas (como quási todos fizeram), querendo-as despir para se pôr em feição de nadar, e tendo a cabeça tôda dentro nelas, vindo por baixo um mar grande lhe furtou os pés do penedo em que os tinha, e assim ficou no pego do mar com a cabeça tôda dentro nas camisas; e vendo-se daquele modo, segundo depois contava, no conflito e acidente da morte, estrebuchou com tanta fúria e fôrça os braços, por ser mancebo robusto, que abriu as camisas por diante até baixo, com o que ficou livre da cabeça, ficando-lhe as camisas vestidas nos braços. Tornou-se nadando ao penedo, onde as despiu de todo, e se lançou atrás do batel, o qual seguiu nadando por espaço mais que de três horas, rompendo grandíssimas correntes das águas, dando muitos e lamentáveis brados por Jesus Christo Nosso Senhor, e pela Virgem Sacratíssima sua Mãe, que quisessem valer-lhe naquele tão grande conflito. E seu irmão Gaspar Ximenes estava tal no batel e tantas lástimas dizia, vendo o trabalhoso transe de seu irmão, de quem pouco antes tal benefício de amor tinha recebido, não lho podendo pagar mais que a trôco de lágrimas e gemidos, de modo que um amigo seu se chegou a êle e lhe disse, manso, que se calasse, que estavam todos tão molestados de o ouvirem que diziam que o deitassem também ao mar pelo não ouvirem mais. Pelo que conveio a Gaspar Ximenes calar-se, chorando sòmente no coração e pedindo misericórdia a Deus, encomendando-se com muita devoção à Virgem Nossa Senhora dos Prazeres da freguesia de S. Cristóvão de Lisboa, onde ambos se haviam criado.

Permitiu Nosso Senhor chegar a hora em que queria pagar a êste mancebo tão grande obra de caridade como fizera: andando já que se não podia bolir do trabalho de nadar, os mesmos que o condenaram que fôsse botado

fora do batel requereram da parte de Deus que o recolhessem, e que, sendo necessário à navegação do batel botarem-no fora, que se faria; e chamando-o que viesse entrar, foi necessário deitarem-lhe um pique para se pegar nêle, o que êle fêz, e puxando-se do batel por êle o meteram dentro, o qual vinha já inchado da água, e virando-o com a cabeça para baixo deitou grande quantidade dela, o qual vendo-se livre da morte, dando muitas graças a Deus e à Virgem Nossa Senhora dos Prazeres, à qual tinha grandíssima devoção, se pôs a dar ao gamote no batel, com os mais que o faziam, no qual trabalho foi contínuo até o dia em que se tomou terra. Afora Fernão Ximenes se tomaram outros dois dos que estavam lançados fora do batel. Nestas execuções que se fizeram não se intrometeu nenhum dos religiosos que no batel iam, vendo o decreto do capitão e dos mais de sua parcialidade, pôsto que muito o sentissem, por ser negócio mui alheio de suas profissões; e deviam os do conselho entender bem isto, porque a nenhum propósito falaram nesta matéria com os religiosos, pelo que lhes conveio calarem-se.

Indo assim navegando o batel pelo baixo onde a nau se perdeu, se via na água (que estava muito clara, tanto que pareciam no fundo as mais pequenas pedrinhas) um fermosíssimo prado de coral, e pela maior parte verde, entresachado algum vermelho. Via-se uns montezinhos baixos de dois ou três palmos de roda, com umas fôlhas de comprimento de um dedo, e de largura de três, de um verde finíssimo, que pouco alegrava em tão espantoso infortúnio. Aconteceu, aqui, que querendo botar ao mar o tanoeiro de sobressalente, o qual tinha trabalhado muito bem no consêrto do batel, e vendo o pobre homem que não tinha nenhum remédio, pediu que lhe dessem uma talhada de marmelada; deram-lha, e sobre ela bebeu uma vez de vinho, e assim se deixou lan-

çar ao mar, indo-se logo a pique ao fundo, sem mais aparecer.

Entre os que lançaram ao mar, foi também botado um moço, o qual vindo nadando muito espaço pela esteira do batel, fazia muitas instâncias que o recolhessem, sem se querer apartar do batel, dizendo que Nossa Senhora lhe apparecera e lhe dissera que se havia de salvar o batel, pedindo, por tão boas novas como dava, o quisessem tomar; e tanto importunou e soube dizer, que, movidos a piedade os que por então mandavam tudo, o recolheram a êle e a um marinheiro. E levando ferro para se partirem daqui, se acharam no batel cinqüenta e sete pessoas, cujos nomes se aqui põem. O padre Frei Tomaz Pinto, e seu companheiro Frei Adrião de S. Jerónimo, da Ordem dos Prêgadores; e da Companhia de Jesus, o padre Pedro Martins, o padre Pedro Álvares, o padre João Gonçalves, o padre Sapata, o irmão Manoel Ferreira, o irmão Manoel Dias; e fidalgos, Duarte de Melo, D. Fradique de Larcão, D. Rafael de Noronha, Rui Pereira, João de Melo de Lima, Gaspar Ximenes, Fernão Ximenes, seu irmão, de que atrás se fez larga menção, Diogo Rodrigues Caldeira, Fernão Rodrigues Caldeira, Henrique Pinto, António de Abreu, Scipião Grimalde, genovês, Jorge Soeiro, Jerónimo de Castilho, Pedro Vaz Lobato, Manoel do Basto, escrivão da nau, Afonso Gomes que ia despachado por capitão-mor da Costa de Melinde, Duarte Gomes, Diogo do Couto, Gaspar Gonçalves, pilôto da nau, Jerónimo da Silva, contra-mestre, António Gonçalves, guardião, Luis de Caminha, cirurgião da nau, Manoel Ferreira, condestabre, João Dias, feitor de Fernão de Mendonça, Manoel Pinhão, soldado; marinheiros, Silvestre Vicente, Simão Pais, Gonçalo Preto, Bento Lobato, Diogo Dias, António Vaz, Diogo Vieira, Gonçalo Fernandes, Manoel de Araújo, gajeiro, o despenseiro do feitor da nau, Marcos Álvares, carpinteiro da viagem, António Ferreira,

carpinteiro de sobressalente, Manoel Sobrinho, Agostinho de Almeida, Salvador Borges e Salvadorinho, moços do piloto e Pedro Teles, criado de Duarte de Melo.

Teve-se por milagre chegarem a terra cinqüenta e sete pessoas em dois terços de batel, arrojado com cordas, fazendo tanta água por tôdas as partes, que a quatro gamotes de dia e de noite se não estancava, atravessando nêle cem léguas de golfão ou mais. E se se atribue a milagre (como na verdade o foi) ir o batel à terra, também pudera ir por milagre, mediante a misericórdia de Deus, com os que lançaram fora dele ao mar. Mas deixada esta matéria e tornando ao fio da história: dois dias depois da partida se ordenaram ao batel umas falcas de veludo verde e carmezim, que foram muito necessárias para a navegação. O mantimento que havia se entregou ao padre Frei Tomaz Pinto para o repartir todos os dias pela gente, dando-lhe um marinheiro bom homem que o servisse neste tão importante ministério. Dava-se de regra cada dia, a cada pessoa, de biscouto quanto cabia na mão, uma talhada de marmelada e um copo de vinho bem aguado; a água, como era muito pouca, não se dava senão a um doente. Com isto se passava; a sede todavia era grandíssima, porque o vinho, aos que não eram costumados a êle, não lhes mitigava a sede, e alguns diziam que mais lha acrescentava. Iam todos tão apertados no batel, que nem mover-se podiam, uns por cima dos outros; o frio da noite era insuportável, e de dia ardiam todos com calma. O descuido dos marinheiros que iam às escotas da cevadeira era tal, por andarem alcançados de sono, que não era possível podê-los ter de noite acordados, e assim tomava o batel a cada passo de luva. O padre Frei Tomaz Pinto com muita vigilância espartava sempre os marinheiros e os dos gamotes, porque nestas duas cousas, depois de Deus, parecia estar a salvação do batel. Todos os dias se rezavam as ladaínhas, e todos se

encomendavam de contínuo a Deus, pois só nêle havia esperança de salvação. Nesta agonia, e em meio de tão evidente perigo, não faltavam escândalos entre a gente do batel, indo no estado como fica dito, que só a misericórdia de Deus lhes podia valer, com a morte tôdas as horas diante dos olhos. Havia grandes juramentos e muito extraordinários, diferenças e ruins palavras, e ameaças para a terra, que tão distante estava e tão mal merecida por esta desordem.

Desta maneira se caminhou oito dias fazendo sempre a via do Nor-noroeste. À quarta-feira, vinte e oito do mês de Agôsto, viu-se a água amassada, que parecia de fundo: lançou-se o prumo, acharam-se quinze braças, e logo doze, e oito, e seis; e em seis se deu fundo, sem se ver ainda terra. Ao outro dia pela manhã, quinta-feira, vinte e nove do mês, se viu claramente a terra, e se encalhou às três horas depois do meio dia; contudo não se pôde tomar sem perigo, porque, como a terra por ali é mais baixa que a água, não viram que rolava o mar senão quando já se acharam dentro do mesmo rôlo; as ondas eram muito grandes, e vinham de longe encapelando e quebrando a muita distância da terra; o batel era o que está dito. Parecia neste trabalho que não havia mais que fazer, que cruzarem os braços e entregarem-se de todo à morte; julgavam êste por maior perigo, que todos os passados. O pilôto e contra-mestre de tudo desconfiavam, chamando por Nossa Senhora, e não sem lágrimas; os marés davam todos por pôpa no batel, que, a tomarem-no atravessados, nenhum remédio de salvação havia. Logo se lançaram do batel dois homens confiados em saber nadar, aos quais dava a água por cima dos peitos, e assim foram tirando para terra, com o rôlo, que era grande, mas tomaram-na sem perigo. Nisto veio-se chegando o batel até de todo encalhar; e assim saíram sem perigo todos os que nêle vinham.

Saídos destes trabalhos do mar, começaram a experimentar os da terra, que os estavam esperando, porque no mesmo dia que desembarcaram deram alguns cafres sobre eles, e os despiram a todos, dando duas azagaiadas ao padre Frei Tomaz Pinto e ferindo num olho a um marinheiro; e esta foi a boa hospedage que na terra tão desejada de todos acharam, livres dos perigos do mar. Os cafres, depois de fazerem o assalto, levaram consigo por força a Jorge Soeiro e a Fernão Rodrigues Caldeira; os mais que ficaram tomaram a praia contra o nascente, sem saberem onde estavam, nem para onde iam; depois se soube que encalhara o batel entre Luranga e Quizungo. Nisto anoitecia já, o frio era muito grande, e todos estavam nús, sem terem abrigo algum. Era lastimoso teatro ver gente em tal estado, religiosos tão graves e doutos, tantos homens fidalgos e nobres, e outra mais gente em tanto desamparo, em uma praia de bárbaros, vendo de uma parte o mar, de cujas furiosas ondas ainda estavam assombrados, da outra, terra de inimigos tão crueis como estes cafres são.

Desta maneira caminharam três horas da noite, mas o frio, que era insofrível, fome e sede de tantos dias, e cansaço, os debilitaram de modo, que não podendo dar mais passo se recolheram a um mouchão que a praia fazia, onde, metidos em covas que fizeram e cobertos de areia, passaram a maior parte da noite. E em rompendo a manhã, sexta-feira, trinta do mesmo mês, tornaram a caminhar pela praia acima com grande fome e sede, sem poderem descobrir água, nem cousa que comessem, salvo umas favas do mato, que nasciam junto com a areia, as quais alguns não comeram, tendo-as por venenosas; contudo, muitos, apertados da fome, comeram delas, mas pagavam-no logo com trabalhosos vômitos e outros accidentes que lhes sobrevinham. Em saindo o sol esperavam ter algum refrigério do frio passado, mas tudo era sair da

neve e entrar no fogo, porque a poucas horas o sol era tão quente, que os assava; assim esfolou a todos pelos braços e ombros, ficando tais que nem a própria mão sofriam pôr nêles.

Foram assim caminhando até às dez horas, que saíram a êles alguns cafres, e diante deles vinha uma negra, muito alegre, que por acenos, com bom rosto, os convidava a seguirem-na. Aos negros se deram alguns barretes que ainda levavam, mas êles são tais, que, mal contentes do que lhes davam, os despojavam ainda de alguns pedaços de panos que o dia dantes puderam salvar. Foram-se atrás dos cafres pela terra dentro, e a pouco caminho deram em um paúl de água malíssima, mas não deixaram todos de se meter nêle. Tão lastimados iam de sêde, que, bebendo muitos mais terra que água, lhes parecia que bebiam água fria do Rio Douro ou Minho. Os negros por acenos gritavam que não bebessem, dando a entender ser a água peçonhenta, mas nenhum deixava por isso de beber, porque tal era a sêde que nem às pancadas os puderam tirar.

Partidos daqui, chegaram a umas aldeias que chamavam Paté, no distrito de Quizungo, rio conhecido dos nossos; a menos de légua dêste rio acharam uma aldeia, em que os cafres os meteram, e nela estava um negro muito velho, que era cabeça sua, marido daquela negra que o primeiro dia que desembarcaram lhes appareceu com os negros. Êste negro os recebeu bem, e depois de assentados lhes mandou pôr diante um ramo de figos verdes dos da Índia, os quais comeram assados; após estes figos vieram farelos de milho, que em tal tempo sabia tudo muito bem. Entretanto cozia-se milho, e em quantidade; e alguns cuidavam que seria o seu jantar dos cafres, mas deram-no a todos, e assim ficaram bem hospedados com esta iguaria, tendo-se por banquete; mas daí por diante lhes foram estreitando a regra de maneira, que em mui

poucos dias vieram a todo extremo de fome, porque muitos dias houve que cada um não comia mais que um figo pequeno e verde, ou, falando mais próprio, em leite, Comiam neste tempo cascas de patecas e farelos de milho, dos quais algumas vezes faziam bolos, que, por serem pegajosos e se ajuntarem mal, era necessário fazerem-nos com fôlhas de figueiras, envoltos nelas ao modo de requieijões do reino, e assim os assavam nas brasas, e meios assados os comiam, que a tanto chegava a ânsia da fome. E quando dêstes farelos cabia a cada um seu bôlo, ainda que pequeno, tinham-se por ditosos no jantar.

Aquí passaram grandes fomes, em tanto, que do milho cozido não davam a cada um mais que duas colheres dele para todo o dia, vedando-lhes os negros que não fôssem ao mato buscar fruta para comerem, nem buscar ervas, porque os tinham dentro de um pequeno circuito entre umas figueiras, como presos; e se algum se afastava um tiro de pedra dos outros, faziam-no logo tornar à prisão, dando-lhe algumas vezes pancadas. O gasalhado da noite era incompatível, porque têm estes negros algumas choupanas sôbre estacas de um côvado de altura, as quais lhes servem de celeiros; debaixo de duas destas se recolhiam todos os do batel, de noite, e, ficando sempre alguns de fora, estavam tão apertados, que muitos por esta causa não podiam dormir tôda a noite; a cama era de erva tão áspera, que ficava tôda estampada no corpo. Assim passavam, nus, e por ser ainda inverno nesta terra o frio era grande; valiam-se nesta ocasião do fogo tôda a noite, porque nesta terra havia muita lenha, e tão boa que a verde ardia melhor que a sêca de Portugal; mas como traziam o frio nas medulas e ossos, se de uma parte se aquetavam, da outra se sentiam enregelados; onde se experimentou quão errados vão os que dizem «na Zona torrida não há frio», o que parece se deve entender nos que habitam junto à Linha equinocial; e nesta terra não

durava mais o frio que até uma hora depois do sol saído, e todo o mais dia até o pôr do sol era a calma insupportável. Por duas vezes cometeram saírem-se dali, mas os negros os faziam tornar-se, saindo-lhes ao caminho concertados com suas azagaias e arcos, com grandes gritos, tornando-os a despir de algum pedaço de camisa ou gibão, que alguns esconderam dos roubos atrás.

Estando nesta miséria, veio um dia ter ali um negro com um chapéu de tafetá preto na cabeça; foi isto causa de tanta alegria em todos, que lhes parecia que viam a algum português; saíram-no todos a receber; o negro tirou o chapéu, e com semblante triste, como homem que tinha lástimas de os ver naquele estado tão miserável, falou-lhes em português, dizendo-lhes que se não agastassem, que eram cousas de Deus, mostrando que sentia muito vê-los em tal aflicção, que a êle lhe chamavam Bano e era sobrinho do Xeque Bano de Luranga, que lhes trazia cartas de Fernão Rodrigues Caldeira e de outro português, e ordem para os tirar dali. Então lhes deu as cartas; uma vinha para Diogo Rodrigues Caldeira, irmão de Fernão Rodrigues, e outra para todos; nelas diziam como os negros, que forçadamente os levaram quando encalharam com o batel, ao outro dia logo os levaram a Luranga, que era dali perto, onde foram bem tratados do Xeque, e que acabaram com êle que mandasse aquêlê seu sobrinho em busca deles, com recado bastante para os levar consigo.

Começou êste negro de tratar logo do resgaste de todos êles, mas desta vez não acabou nada com os cafres que os tinham. Tornou-se êste negro sem lhes falar, e, segundo depois se entendeu, fêz isto porque, como determinava de tornar com melhor aviamento, não quis ouvir lástimas desta triste gente, pôsto que todos ficaram muito desconsolados pela ausência dêste negro, que não sabiam se tornaria. Mas o padre Frei Tomaz Pinto ani-

mava a todos a esperarem pela tornada do negro, pelo bom conceito que dele tinha, e assim o sustentava; contudo pareceu bem a todos, visto como sabiam já para onde Lurangá estava e ser o caminho breve, mandar lá um par de companheiros a descobrir terra e tratar com o Bano de seu resgate. Foram para isso eleitos Afonso Gomes, que ia provido por capitão-mor da Costa de Melinde, e um marinheiro chamado Gonçalo Francisco; e porque êles depois de partidos tardaram em mandar recado do que passava, devendo tornar um deles com novas do que achasse como entre todos ficara concertado, despediram outros dois, que foram o padre Frei Adrião de S. Jerónimo, da Ordem dos Prêgadores, companheiro do padre Frei Tomaz Pinto, e Manoel Ferreira, Irmão da Companhia de Jesus, e com êles se foi também Manoel do Basto, escrivão da nau; uns e outros iam fugidos, porque os cafres não davam licença. Tinham-se antes deles ido pelo mesmo modo D. João de Menezes, filho de D. Francisco de Meneses, e Manoel da Silva, marinheiro.

Após o padre Frei Adrião se foram na mesma noite nove ou dez, no que fizeram má obra aos que ficavam, porque os negros, caídos na conta do que passava, ao outro dia depois deles idos, vieram com muita cólera gritando, meteram a todos os que ficaram em um curral, como gado, dentro de uma pequena choupana, na qual nem assentados cabiam e era forçado estarem em pé a caírem de fraqueza; os que estavam encostados às paredes, como estavam nus e elas estavam mal retocadas, magoavam-lhe as pedras muito a carne; êste foi um dos grandes trabalhos que nesta desventura padeceram, porque entre êles havia homens de muito entendimento, que se persuadiam terem-nos ali os cafres para porem o fogo à casa, e assim queimarem a todos juntos. Ajudava esta presunção ouvirem gritar um marinheiro, que ficou fora, que o afogavam, isto com vozes muito lastimosas; e o

caso era que dois moços cafres lançaram uma corda ao pescoço do pobre homem, e, pretendendo mais espantá-lo que matarem-no, o arrastavam puxando por êle; mas como o marinheiro tinha as mão sôltas, pegava do laço e desta maneira se defendia deles; e como a tenção dos cafrinhos era de zombar, acabou-se o jôgo em lhe darem muitas pescoçadas.

Enquanto assim estiveram davam-se todos à oração, o mais do tempo, e a práticas espirituais. Faziam-se promessas de diferentes votos, quais nestes conflitos da morte se soem fazer; pediam uns aos outros perdão, amigando-se todos os que estavam em ódio e diferenças, que ainda em tão tristes jornada não se falavam, porque tal é a fraqueza humana que ainda à vista da morte não perde ponto em matéria de honra.

O padre Frei Tomaz Pinto depois de persuadir a todos, em uma prática que fêz, as razões que havia para se todos conformarem com aquêle estado de que Deus fôra servido, mostrando os proveitos da alma que de tal consideração se seguiam, lhes dizia que em nenhum tempo houvera melhor ocasião de estarem consolados, e com esperanças de remédio das vidas, tão desejado de todos, como no presente em que se viam, porque estarem todos os portos tomados por onde lhes podia vir era o mais certo sinal e argumento que se podia ter de Nosso Senhor haver de acudir com sua misericórdia, por ser êste o tempo em que êle mais costumava usar dela, como quem era; e foi assim que, estando tão desconfiados de remédio, naquele dia à tarde chegou um negro de Luranga com uma carta do padre Frei Adrião e do Irmão Manoel Ferreira, em que diziam como eram chegados a Luranga e que nas costas do portador ia Bano, o moço, com bastante recado para resgatar a todos e levá-los consigo.

Não se pode exprimir a alegria que em todos causaram tão boas novas, estando já entregues à morte. O Bano

veio com três negros concertar-se com os cafres em corja e meia de roupa por resgate de todos. E assim saíram de Quizungo uma quinta-feira à meia noite, doze de Setembro. Caminhou-se o que restava de noite, e ao outro dia, ao meio dia, treze do mesmo mês, chegaram a Luranga, distância de oito léguas donde saíram. Em Luranga foram bem recebidos do Bano; seria êste negro de perto de oitenta anos, grande de corpo e de boa presença. Tôda esta terra é sujeita a êle, e a seus irmãos e sobrinhos; é gente nobre; são os mais bem dispostos negros e gentis homens de tôda esta terra; são muito temidos dos vizinhos, por se não atreverem com êles; contentam-se com o que possuem, por onde vivem em muita paz e quietação.

O seu principal trato e comércio com os portugueses é de marfim e mantimentos, que são muitos e muito bons. Os portugueses levam-lhes panos de que se êles vestem, estanho e contas; a terra é tão abastada e fértil, que tudo dará se a cultivarem; as fazendas são grandes, granjeiam-nas mulheres, com mais cuidado que entre nós os homens. Elas roçam, cavam, semeiam e colhem as novidades; êles comem, passeiam, conversam. Daqui vem serem por tôda esta terra algum tanto as mulheres escassas e os homens liberais. Dá-se nesta terra muito arroz, milho avantajado ao de Portugal, painço, feijões, gergelim e inhames; tem palmeiras e muitos côcos, dos quais não sabem tirar outro proveito que beberem-lhes a água e comerem as lanhas, e do suco fazerem seus caris. Têm pouca criação, e assim de galinhas como de gado, pôsto que a terra seja de muitos bons pastos; mas como é gente de pouco trabalho, dada mais ao ócio de bailes e festas, que a grangearias, contentam-se com o comer ordinário de arroz, milho e legumes. Comem também ratos, cobras, que êles estimam muito, e zombam de as nós não comer-mos; caçam algumas vezes, e tomam búfaras, merus, ga-

zelas; e se alcançam bugios e tigres, também os comem. Alguns dos portugueses houve que provaram a carne do tigre e disseram que não era de mau sabor. Há por aqui muitos tigres, onças, leões, alifantes e tantos gatos de algália, que muitas vezes cheiram a êles os matos, nos quais se viram muitas ervas com flores de cheiro suave, como mosqueta, madre-silva e outras ervas cheirosas, que os fazem muito alegres.

É o rio de Luranga muito aprazível, tem uma barra ou enseada muito boa; deve ter pescado, mas os negros não pescam, e quando o fazem é no rio, em covos, em que tomam sòmente peixe miúdo; e em uns esteiros, que pela terra entram, pescam as negras, com uns panos que metem pela água, em que tiram uns peixinhos pequenos, de que fazem seus caris com que comem o milho e arroz. Esta gente, no que toca à religião, adora um só Deus, crê na immortalidade da alma, não nega a providência de Deus; crê que há demónios. São grandes blasfemos, porque, se lhes as novidades não respondem bem ou lhes succede cousa contra seu gôsto, dizem mal de Deus, e que faz o que não deve, e palavras outras semelhantes. Nesta terra faleceu um sobrinho do padre Frei Tomaz Pinto; e alguns negros principais, querendo-o consolar, lhe diziam que o fizera Deus muito mal com êle, e que se não fiasse dele, que era mau. O padre Frei Tomaz Pinto, ainda que muito anojado, acudindo pela honra de Deus, lhes dizia o que em tal matéria convinha, e fâcilmente os convenceu, porque não são homens de muitas repostas nem réplicas.

As cerimónias de que usam são com os defuntos em seus enterramentos. Quando morre algum negro dêstes, a primeira cousa que se faz é esta: sai-se um dos parentes mais chegados da casa do defunto, e começa em vozes altas a pranteá-lo; a estas vozes acode tōda a aldeia, homens e mulheres, dando grandes gritos, e começam um

pranto mui sentido em vozes entoadas, tanto que lastimava aos portugueses e provocava a também chorarem; um dos principais é o que entoa o pranto, e a êste respondem os outros; e respondem sempre uma cousa como cabo de verso; dura o pranto perto de hora. Entretanto se amortalha o defunto, quási ao nosso modo, em um bertanjil azul, cingido por muitas partes com tiras do mesmo bertanjil. Enterram com êle suas armas tôdas, arco, frechas, azagaias. Os que o acompanham também levam suas armas. Dentro na cova lhe lançam milho, arroz, feijões e outros legumes; em cima da cova põem o leito em que êle dormia e as tripeças em que se assentava.

Queimam logo a casa do defunto, e juntamente com ela todo o móvel que tinha, porque não sòmente não podem ter cousa sua, mas nem tocá-la; e se acaso a tocam, não podem entrar em suas casas até se primeiro não irem lavar ao mar ou ao rio; tudo o que tocam, antes de se lavarem, não pode mais servir, e de necessidade se queima; a cinza da casa que se queimou, com alguns paus que não acabaram de arder, põem em cima da sepultura do defunto, e arvoram nela uma haste com uma bandeirinha branca, que dura por alguns dias.

O defunto se pranteia por espaço de oito dias contínuos; começam da meia noite por diante, entoando primeiro um sempre o pranto, a cujas vozes se começam os outros pouco a pouco a levantar, e assim vão prosseguindo na forma que atrás disse. Se em alguma aldeia perto está algum parente mui chegado ao defunto, êste só sai de noite nos oito dias, e só faz o pranto; o que o padre Tomaz Pinto e Duarte de Melo notaram, estando da outra banda do rio hóspedes de um filho do Bano, porque, dormindo em sua casa uma noite, êle se ergueu e fêz um pranto tão lastimoso, que lhes cortou a alma ouvi-lo. Entre dia se vão à sepultura do defunto, e dizendo algumas palavras lhe lançam ao pé milho, feijões ou farinha, da

qual põem por cima de um ôlho, de maneira que lhe toma parte da face. Perguntou-se a alguns mouros que era o que rezavam ou diziam quando faziam esta cerimônia. Responderam que encomendavam suas sementeiras e tudo o mais que possuíam às almas de seus defuntos, que criam que nisto lhes podiam valer.

Estas são as cerimônias que usam com os defuntos. Quanto aos casamentos têm de ordinário duas mulheres, e alguns, se são nobres, têm mancebas. A donzela que se há-de casar, em se concertando o casamento, se sai da aldeia, como posta em degrêdo, e nêle está um mês inteiro em pena da honra que há-de perder; pode todavia de noite ir dormir a casa, e pode ser visitada entre dia de todos. Acabado o mês começam logo pela manhã duas ou três negras a bailar; a estas se vão ajuntando outras, de modo que quando vem o meio dia têm feito um grande côro; tangem-se entretanto muitos atabales, e tudo o que se há-de oferecer à noiva se lança primeiro por cima do pescoço dos tangedores, e todos os que se acham presentes lhe oferecem arroz, milho, feijões, painço, figos e muita farinha, todos em competência de quem primeiro chegará; e da farinha põem pelo rosto, de modo que fique enfarinhada boa parte dele com o ôlho esquerdo; acaba-se por noite a festa, leva o noivo para casa a espôsa e fica tida por sua legítima mulher.

As negras são bem dispostas, pôsto que muito as afeia trazerem as faces furadas, e os beiços de baixo, por onde as ricas metem pedaços de chumbo redondos do tamanho de um tostão, e as pobres em lugar de chumbo uns tacões de pau, que parecem espelhos de odre, com que ficam feiíssimas.

As suas festas são muitas. Têm também suas superstições, porque guardam, como por cerimônia, não comerem nelas cousa alguma, sòmente bebem todo o dia e noite, ainda que o principal da festa é mais de noite, de

modo que, da hora em que se a festa começa até que se acaba, sempre andam bêbedos. Bailam, tangem, escaramuçam uns com os outros, fazem tantos ademães e visagens, andando todos enramados como Sátiros, que parecem soldados de Baccho quando triunfava da Índia. O seu vinho é de dois modos; o mais ordinário é de milho com certos cozimentos; têm outro melhor que fazem de uma fruta a que chamam pudó, que em verde toca de azêda, que lhe dá bom gôsto, e madura é doce, e saborosa. Portugueses houve que beberam de um e outro, que diziam não serem de mau sabor. É gente que dá muito crédito a seus feitiços e sortes, o que parece tomarem dos mouros que são grandes feiticeiros; as sortes têm conhecidamente alguma espécie de geomancia. Também para se descobrirem alguns furtos costumam um certo baile de muitas negras juntas, com certas palavras que vão cantando; e tanto bailam até que movidas de um foror diabólico parecem doudas ou endemoninhadas; no fim disto dizem que entra em uma delas o demónio, e descobre o que fez o furto.

O govêrno dêstes negros é de pouco estrépito; têm em cada aldeia uma cabeça a que chamam Fumó; êste determina verbalmente as diferenças, que são muito poucas, e se entre os Fumós se movem algumas dúvidas, o Bano as determina com conselho dos mais Fumós, que para o acaso se ajuntam em um pequeno terreiro defronte da casa do Bano. São homens de grandes cumprimentos; e em suas visitas usam de tantos, que, primeiro que comecem a falar do negócio a que vão, se gasta bom espaço de tempo em cortesias de uma e outra parte. São de boa condição, muito brandos, e mostram-se compassivos dos trabalhos dos portugueses. Isto é o que se pode saber da religião e costumes dêstes negros. Enquanto os portugueses estiveram entre êles lhes deram do seu, os primeiros dias com mais largueza, tanto que nem em Por-



tugal os puderam agasalhar com mais amor e caridade, sendo cinqüenta e sete pessoas; depois, como eram tantos os portugueses, não podiam acudir-lhes com todo o necessário, mas sempre davam do que tinham. Repartiram os portugueses entre si; alguns acertaram com hóspedes ricos, outros não tiveram tão boa sorte.

A maior parte desta gente veio a adoecer, e como não havia outras mezinhas, nem benefícios mais que remédio das sangrias, canjas de arroz ou milho, e estas não com abundância, acharam-se muitos mal, e morreram onze pessoas, três padres e um Irmão da Companhia de Jesus, o padre Pedro Álvares, o padre Sapata, o padre João Gonçalves, o Irmão Manoel Ferreira, António de Abreu, sobrinho do padre Frei Tomaz Pinto, António Gonçalves, guardião da nau, três marinheiros, e o despenseiro do feitor da nau, Manoel da Costa, sobrinho do guardião. Neste trabalho deu grandes mostras de caridade Luís de Caminha nas curas que fazia, e os religiosos nas confissões e outras obras de serviço de Deus e do próximo; em particular o padre Frei Adrião, da Ordem dos Prêgadores, que levou às costas e enterrou quási todos os que faleceram.

Neste tempo, estando todos em Luranga com muito apêrto de mantimentos, por serem pobres os negros e os portugueses muitos, tratou Jorge Soeiro Dória com uns mouros, Xalifaqué e Xequé Malveira, que moravam em uma aldeia chamada Moambalá, três léguas de Luranga, se queriam levar consigo seis ou sete pessoas para lhes darem de comer, que lho pagariam muito bem em vindo pangaio, ou em Calimané, terra de portugueses. Responderam os mouros que sim, do qual Jorge Soeiro deu logo conta a Gaspar Ximenes, por serem muito amigos; e vendo-se ambos com os mouros assentaram que iriam dez pessoas, as quais sustentariam até haver ordem de se irem para terra de portugueses; e assentado o dia e o

preço dos mantimentos, se fêz o concerto com Gaspar Ximenes, e êle deu escrito seu, que o cumpriria, que foi escrito com sangue de um companheiro dos doentes. Os que entravam nesta conta eram Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, seu irmão, Jorge Soeiro Dória, D. Duarte de Melo, D. João de Menezes, Scipião Grimaldi, Rui Pereira da Silva, Diogo Rodrigues Caldeira, Fernão Rodrigues Caldeira, seu irmão, e Duarte Gomes.

Ali estiveram sendo bem tratados dos mouros e dos seus, donde mandavam algumas vezes mantimentos aos que estavam em Luranga, pela falta que deles tinham. Após êles se foi um marinheiro chamado Manoel da Silva, o qual não foi ter a Moambalá, nem se soube mais dele; presumiu-se que se afogaria em algum rio, ou o comeria algum bicho, por naquela terra haver muitos; os que ficaram todos estavam doentes e padeciam muitas necessidades; os que se foram para Moambalá, desejando sua liberdade, e vendo que tardava pangaio, assentaram com os mouros que um dêles levasse dois dos portugueses a Calimané, os quais eram Gaspar Ximenes, que com muito cuidado e amor solicitava o remédio e liberdade de todos, e Diogo Rodrigues Caldeira; e estando para se partirem a négócio de tanta importância, assim para os de Moambalá como de Luranga, foi Deus Nosso Senhor servido que viesse a Luranga um pangaio, do qual foram logo avisados os que estavam em Moambalá, donde se partiram com os mouros, seus amos, os hóspedes, e chegando à praia de Luranga acharam já o pangaio aprestado para se partir, o qual fizeram deter; Gaspar Ximenes pagou aos mouros o que lhes devia, conforme ao escrito do concerto, por si e por seu irmão Fernão Ximenes, Jorge Soeiro, D. Duarte de Melo, Scipião Grimaldi e Rui Pereira, tudo à sua custa do dito Gaspar Ximenes sòmente, e os mais pagaram o que deviam, e além da paga contentaram

aos mouros dando-lhes algumas peças com que ficaram muito satisfeitos.

O pangaio veio a Luranga sábado, primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, que foi o dia de maior alegria que em tôda aquela desventura houve; nem mostraram menos contentamento os negros, assim por causa dos portugueses, como porque também cuidavam que vinha o pangaio a resgate, que êles muito desejavam. Embarcaram-se todos, e saíram pela barra fora. Em Luranga estiveram mais de mês e meio, porque, como fica dito, entraram em Luranga a treze de Setembro, e em sete de Novembro saíram pela barra fora de Luranga. Pagaram-se primeiro aos negros três corjas de roupa, que Duarte de Melo tomou à sua conta, e não foi isto com título de resgate, porque nunca os negros consentiram esta linguagem, nem os tiveram em conta de cativos, dizendo que portugueses em tôda a parte ficavam em sua liberdade; nem quando se deles apartaram lhes pediam roupa por conta de resgate, sòmente diziam que lhes pagassem corja e meia de roupa que pelos portugueses deram aos negros de Quizungo, que se lhes quisessem dar mais alguma coisa pelo amor com que os trataram, que isso deixavam em sua vontade. Esta roupa se deu em comum por conta de todos, que em particular se satisfez bastantemente a cada um dos negros o que se tinha obrigação.

Saíram de Luranga com tão bom tempo, que ao outro dia chegaram a Cuamá, à barra de Luabo, que são trinta léguas de Luranga; na viagem faleceram dois homens: António Ferreira, carpinteiro sobressalente, e Salvador Borges, criado do piloto. Lançando ferro, veio a bordo da almadia, em que vinham, Simão Rolim e Álvaro de Ornelas, seu irmão, dois fidalgos da ilha da Madeira, com outros, que se tinham por perdidos, porque nunca se creu que alguma das jangadas que se fizeram da nau se pu-

desse salvar; deles então, e de Rodrigo Migueis, sota-pilôto, depois em Sena se soube o successo da sua jangada, e dos que nela se salvaram.

Simão Rolim e seu irmão, Álvaro de Ornelas, quando a nau tocou se subiram em uma antena; depois, metidos em uma jangada, com Rodrigo Migueis, sota-pilôto, em dois pedaços da coberta da nau, amarrados um ao outro, foram ter aos penedos de que atrás se falou na descrição do baixo, terça-feira, vinte de Agosto, um dia depois que a nau tocou, e nestes penedos fabricaram uma jangada o melhor que souberam; as velas fizeram de linho que acharam em um escritório, e dentro de uma gaveta d'êle acharam uma cruz, que no vão tinha o Lenho Sagrado, que em tal ocasião foi para elles mais certa guia que astrolábio ou agulha de marear, porque, como todos afirmavam, por virtude desta Sagrada Relíquia foram a salvamento, metidos em quatro tábuas, atravessando tantas distâncias de golfão; trabalharam na jangada de quarta-feira até à quinta ao meio dia, vinte e dois de Agosto, em que desamarraram quasi em preiamar; e porque carregou muita gente sobre esta jangada, havia muitos que a nado a iam demandar, como fizeram Simão Rolim e seu irmão, que a nado a tomaram; lançou-se também a ella António Caldeira, feitor da nau, mas como não sabia nadar afogou-se logo em perdendo o pé, sem os da jangada lhe poderem valer; e foi tal a pressa, que o sota-pilôto não pôde tomar na jangada dois filhos seus, deixando um nos penedos e o outro na nau.

Partiram nesta jangada dezasseis pessoas: Simão Rolim, Álvaro de Ornelas, seu irmão, Rodrigo Migueis, sota-pilôto, e os mais da gente comum da nau; não levavam na jangada mais mantimentos que um almude e meio de vinho, um almude de água, seis barris pequenos de conserva, oito caixas de marmelada, das quais algumas consumiu o mar. Comiam uma só vez, que lhes durava

vinte e quatro horas, fazendo tal provimento por serem tantos e os mantimentos tão poucos, não fazendo bem a conta em a embarcação, que, por ser o que fica dito, não se podiam êsses poucos mantimentos preservar de corrupção. O que se dava a cada pessoa era uma pera em conserva, ou uma talhada de marmelada, e uma pequena vez de vinho, como a quarta parte de quartilho. Saíram governando sempre ao Nordeste, de dia por um relógio de sol, de noite pela Estrêla do Sul, que anda entre duas malhas brancas, ficando-lhe sempre ao lado direito, dando contudo resguardo às muitas correntes de águas, que por esta paragem há, e à mesma jangada, que, por não ser bem feita, andava mais atravessada que para diante. Tomaram esta proa porque o sota-pilôto, que mandava a via, estava persuadido não ser o Baixo da Judia o em que a nau tocou (como se mostrou que não era) e cuidou que pudesse tomar uns seis ilhéus [que lhe demoravam a êste rumo, metidos no parcel, e pela sua conta doze léguas do Baixo.

A primeira noite, remaram-na tôda com remos de aduelas de pipas; quando veio a manhã acharam-se tão cansados, que se não atreveram a remar mais; iam sempre com água pela cinta, quando menos, sem nunca poderem tomar sono, porque, se algum adormecia, vinha a onda e dando-lhe no rosfo o fazia estar sempre esperto; começaram todos a desanimar, uns contudo mais que outros. Vindo o sábado, vinte e quatro do mês, havia três deitados gritando por água, da qual se lhe não dava senão uma pequena vez à tarde, como os mais, até que se ela de todo acabou. Com todo êste trabalho diziam todos os dias as Ladaínhas, encomendando-se a Deus com grandes votos e promessas de emenda da vida, se êle fôsse servido salvá-los. Na noite do sábado para o domingo lhes deu uma aguagem tão rija, que lhes parecia que se sovertia a jangada, a qual não governava, por onde foi

necessário tomar-lhe o traquete e ficarem com a vela grande à trinca; ataram-se todos o melhor que puderam à jangada, porque os mares tódas as vezes que vinham os cobriam todos, com risco de os levarem atrás de si.

Desta maneira, passaram o domingo, até que por noite abonançou de todo o tempo, e deram tódas as velas, e, desconfiados já de poderem tomar os ilhéus que buscavam, mudaram a proa ao Norte, guiando todavia sempre para o Nordeste, receosos de os lançarem as aguagens para o Cabo das Correntes. Quando veio a segunda-feira, já quatro estavam de todo tresvaliados da muita fome e sêde, e de não dormirem em todo aquêlo tempo. O que mais os molestava era a sêde; com êste tresvalio, gritando sempre por água, se lançaram ao mar um soldado e um china, mas foram logo tomados. À terça-feira antemanhã, se tornou o china a lançar ao mar, gritando por água e afogou-se sem lhe poderem valer. Na tarde do mesmo dia se tornou o soldado a lançar ao mar com a mesma contina de água; e querendo-lhe acudir fugia de maneira da jangada, que o não puderam tomar. Ao dia seguinte, quarta-feira, de noite, se lançou Estêvão, mulato, com a mesma sêde de água, e também se afogou. À quinta-feira morreu o trombeta da nau à pura sêde, com os canos tapados. Neste mesmo dia começou o sota-piloto a tresvaliar, não perdendo contudo o tino do governo, que foi grande mercê de Deus. Já neste tempo Álvaro de Ornelas não estava em seu perfeito juízo; Mateus de Freitas, despenseiro da nau, e outros dous iam já deitados.

À sexta-feira, trinta do mês, entrando a noite, disseram que ouviram uma música suavíssima, como de vozes de meninos, que claramente se deixava entender e cantavam: *Todo o fiel cristão é mui obrigado a ter a devoção à Santa Cruz.* Isto contaram depois os que se salvaram da jangada aos religiosos, e em especial ao padre Frei To-

maz Pinto, que com mais diligência o inquiria dêles, attribuindo-se o milagre ao preciosíssimo Lenho da Santa Cruz, que êles consigo levavam, como fica dito, cujos louvores os Anjos cantavam, e em cuja virtude o Senhor foi servido salvar esta gente, porque, vendo-se êles em tanta aflição e perigo, com muita confiança e fé deitaram as Relíquias ao mar, por pôpa, em um cordel, e êste foi o mais certo govêrno da jangada. A música continuou-se cinco noites a fio até os pôr em terra, e com a música desapareceram as Relíquias. Ao sâbado, derradeiro do mês, faleceu Manuel Pires, marinheiro, também com os canos tapados, de que todos iam mal tratados pela grande sêde que padeciam, ainda que na bôca levavam chumbo para humedecerem os canos, vencendo tão grande mal tão pequeno remédio. Afirmava o sota-pilôto que metendo na bôca uma verônica, que trazia de perdões nunca mais sentira grossura nos canos.

Ao domingo, primeiro de Setembro, acharam-se só com vinho para aquêle dia, que a água estava já acabada. Com isto ficaram muito desconsolados, porque nem viam terra, nem tinham água que beber. Neste dia faleceu Mateus de Freitas, despenseiro da nau. Ao dia seguinte, segunda-feira, dois do mês, se viram todos muito trabalhados de sêde; desfundaram o barril, que fôra de vinho, e deitando dentro nêle água salgada e conserva que tiraram de um barril de peras, e destas três misturas, enxaguando por vezes o barril, fizeram uma calda de que beberam aquêle dia, sôbre uma pêra cada um. Neste dia viram a água branca como de fundo, e dois garajaus pequenos e uma baleia, que eram sinais de terra.

À têrça-feira em amanhecendo deu-se a regra costumada, e nela se acabaram as peras e a calda. Neste estado ficaram estes homens no meio do golfão, metidos nestas tábuas, botados nelas com a água pelos peitos,

morrendo à pura fome e sede; e indo assim com muitas lágrimas e gemidos, preparando-se para a morte que se lhes vinha avizinhando, foi Deus servido acudir-lhes com misericórdia, porque Vilas-Boas começou a bradar: *Terra, terra pela proa*. E logo após Vilas-Boas a divisaram outros, e daí a pouco espaço se deixou claramente ver. Levantaram as mãos ao céu com muitas lágrimas de contentamento, dando graças a Nosso Senhor por tal mercê e pelas mais que até ali lhes fizera, consolando-se uns aos outros. E diziam que não queriam mais que verem-se em terra, e morrerem ao pé de uma árvore com conhecimento de suas culpas.

Chegaram junto à terra já noite; houve conselho se varariam nela ou se esperariam a manhã. Resolveram-se em varar em terra, determinação de gente desesperada porque era de noite e não conheciam a terra, e podia haver baixos ou rolos do mar, em que se afogassem todos; e assim era, que logo ouviram rebentar os mares; e pegando-se bem à jangada, quis Deus que viesse um mar muito grande por pôpa, o qual, com ímpeto e fôrça que trazia, pôs a jangada em terra. Correram logo à proa, e a tôda a pressa saltaram na praia, onde, prostrados de joelhos com os olhos no céu, reconheceram esta mercê ser da mão de quem lhes tinha feito tantas outras. Encalharam em terra terça-feira, três de Setembro, às onze horas da noite; puseram em chegar a ela treze dias, porque partiram do Baixo a vinte e dois de Agosto e encalharam nela a três de Setembro. E como iam tão sequiosos, cavaram logo junto a um medão de areia, e acharam alguma água de que beberam; e querendo dormir o que restava da noite, não podiam, por respeito do frio, que era grande, e êles repassados da água da jangada e feridos nas pernas do coral do Baixo em que a nau tocou. Assim, que batidos de tais três inimigos, como são fome, sede e frio, passaram em contínua vigia,

acordados tôda aquela noite e deitados na areia com lastimosos gemidos.

À quarta-feira pela manhã, quatro do mês, não se atreveram a caminhar, por estarem tão mal tratados dos pés, que se não podiam ter nêles. O mestre dos calafates vinha sem narizes, corrompeu-se todo e faleceu. Estando assim indiferentes no que fariam, viram vir contra si muitos negros praia acima. Saíram a recebê-los Rodrigo Migueis e outros, e abraçando-os com muitas lágrimas, que eram a linguagem com que os podiam abrandar, lhes puseram alguns barretes vermelhos nas cabeças. Vieram-se os negros para onde estavam os mais, e deram-lhes algumas frutas do mato, que traziam. E porque entenderam que eram portugueses, por modo de consolação lhes nomeavam Sena, Calimané e Meirinho, dando a entender, como podiam, que tinham perto portugueses, e em Calimané estava Francisco Brochado, a quem os negros chamam Meirinho. Com estas novas se alegraram todos, dando graças a Deus quando ouviram nomear Meirinho, entendendo desta palavra que havia perto portugueses.

Deram estes negros ordem com que se foi buscar água, e foi com êles Rodrigo Migueis; chegaram ao lugar da água, e por Rodrigo Migueis não poder pôr os pés no chão, das feridas e fraqueza, deixaram-no os negros neste lugar e trouxeram a água aos outros companheiros. Após estes negros acudiram outros com um Fumó seu, que assim chamam aos que os governam, e chegando aos portugueses os roubaram e despiram a todos, levando-os consigo para uma aldeia onde Rodrigo Migueis foi ter também, despido pelos negros que o encaminharam para o lugar da água. Chegaram à aldeia a hora de véspera, onde foram agasalhados com uns poucos de feijões que lhes deram para a ceia; quando veio a noite meteram-nos em uma casa palhaça muito pequena, que foi a sua

pousada, enquanto ali estiveram. Aqui passaram muita fome, porque os negros eram pobres, ainda que já não eram mais que oito vivos, de dezasseis que se meteram na jangada. Assim estiveram êste dia e o seguinte; e à sexta-feira foram visitados de negros de outra aldeia, que lhes acabaram de confirmar as boas novas que tinham de portugueses estarem perto, nomeando claramente estes negros Brochado, que como está dito era Francisco Brochado, que estava em Calimané, de quem ao diante se tratará, dando-lhe os louvores que merece pelas obras que fêz aos que se salvaram do naufrágio.

Foram-se logo ao Fumó os portugueses, muito alegres, e por acenos lhe prometeram roupa, pedindo-lhe quisesse deixar ir algum dêles onde o Brochado estava, e que os mais ficariam em reféns. Tomou o Fumó seu conselho. Ao sábadò lhes disse que queria mandar três dêles com alguns negros seus: êstes foram Rodrigo Migueis, Bastião de Vilas-Boas e Pero de Araújo. Partiram no mesmo dia, a tempo que foram ainda dormir ao Rio de Linde, dali duas léguas. A êste lugar veio ter, à meia noite, um negro de Francisco Brochado, o qual por via dos negros da terra soube como estavam ali portugueses; mandava-lhes êle dizer que tomassem almadias e que fôssem ter com êle. Esta carta, com o negro, mandou Rodrigo Migueis aos companheiros que ficavam em reféns, e foram-se também com êle Bastião de Vilas-Boas e Pero de Araújo, porque os negros que os levavam houveram outro conselho, dizendo que não haviam de levar consigo mais que um; êste foi Rodrigo Migueis, o qual se embarcou em Linde, que é um esteiro que vai sair meia légua de Luabo.

Ao outro dia, domingo, oito do mês, chegou a Luabo, onde Francisco Brochado estava, que o recebeu com aquêle amor e gasalhado com que recolheu todos os mais que escaparam dêste naufrágio, com mais acolhimento de

pai que de amigo. Daqui mandou logo Francisco Brochado dous negros, um a Sena a buscar roupa para o resgate dos que ficavam em Linde, outro com mantimentos e provimento necessário para os que estavam em Linde, com que guarneceram de fôrças. E porque de Sena lhe tardavam com a roupa, os tornou a prover de mais mantimentos. Vindo a roupa, mandou logo por êles; e chegaram a Luabo a vinte e dous de Setembro, alegres de se verem com liberdade e em companhia de portugueses. Agasalhou-os e vestiu-os Francisco Brochado, fazendo-lhes muitos regalos, como todos êles publicavam. Então se soube que encalhara a jangada duas léguas de Linde, entre Calimané e Cuama-a-Vélha. Êste foi o successo da jangada do sota-pilôto e da gente que se nela embarcou. Das outras jangadas que se fizeram se não soube mais; presumiu-se que se perderiam, ou acabariam todos os que nelas se meteram à falta de mantimentos, porque nenhuma veio à terra.

Tornando aos que se salvaram no batel: desembarcaram em Luabo onde foram recebidos de Francisco Brochado com muito amor, em cuja casa estavam também parte dos que se salvaram no esquife com Fernão de Mendoça, pilôto e mestre da nau, dos quais logo se tratará o que lhes succedeu em sua viagem. Partido o esquife do Baixo, como fica dito, e não achando terra, os que nêle iam houveram seu conselho, e ainda que contra vontade de Fernão de Mendoça se determinaram todos em um corpo de não tornar à nau, mostrando Fernão de Mendoça disso muito sentimento, e desejando de tornar à nau para se fazerem as jangadas com melhor ordem, e com sua presença poder animar e consolar aquella miserável gente; mas como só não podia resistir à fúria de tantos, em tal ocasião conveyo-lhe calar-se. Esta foi a causa de fazerem sua viagem com poucos mantimentos e água, e sem aparelhos para poderem navegar; levavam

algumas caixas de marmelada, alguns barris de conservas e queijos, um frasco com duas canadas de água de flor, sem mais outra água nem vinho; todavia, indo correndo o Baixo, tomaram mais um barril de vinho, um pique e um remo; e com mais dous outros que levavam e um lençol se enxarciaram o melhor que puderam: de um remo fizeram o mastro; do pique, verga; do lençol, vela, cosendo-lhe alguns pedaços de panos; enxárcia e driça fizeram de uma linha de pescar. E assim se saíram do Baixo. Depois ordenaram traquete; o mastro dêle fizeram de um remo; a vêrga, de espadas; a vela de camisas. E porque o mar lhes entrava pelos bordos fizeram arrombadas de um pedaço de pano de côr que tomaram no Baixo. O leme ordenaram de tábuas que tiraram das tilhas. Levavam uma agulha de marear, e por ela, com vento Sueste, governaram a Nor-noroeste, que era como êles cuidavam atravessar e ir demandar a mais próxima terra. O esquife ia tão aberto, que a dous baldes não podiam vencer a água. A regra que tiveram foi uma talhada de marmelada e meio quartilho de vinho por dia; o vinho era misturado com água salgada, que de contínuo entrava no batel.

Dois dias navegaram com o vento que se disse, que foram terça e quarta-feira, com o mar muito grosso. À quarta-feira se lhes mudou o tempo, com vento Nordeste e Les-Nordeste, com que os fêz ir ao Noroeste; mas acalmou logo de todo. Desemmastream o esquife e armaram três remos com que foram picando com grandes correntes que havia. À sexta-feira viram muitas baleias, por onde entenderam que estavam no parcel de Sofala, e também por a água ser de fundo; não no tomaram contudo, por não terem mais que dez braças de linha. Ao sábado, vinte e quatro do mês, em amanhecendo, tomaram fundo em nove braças; quando veio ao meio dia viram terra; e, de antes não na terem visto, foi por causa de um

grande nevoeiro que havia, porque descobrindo o dia viram tóda a costã com muitos fumos de queimadas. Alguns diziam que se tomasse logo terra, e que fariam a guarda, que por haver cinco dias que navegavam sem beber água, sòmente um pouco de vinho misturado com água salgada, padeciam grande sêde; mas o mestre, como tinha experiência e idade, foi de parecer que corressem ao longo da costa para ver se podiam tomar as ilhas primeiras, donde lhes ficava fácil ir a Moçambique, e não ficarem à cortesia dos negros; e também entendia que, se desembarcassem, que se havia logo o esquife de desfazer com o rôlo do mar, como se desfez.

Depois dêste conselho foram correndo três dias. Vindo a noite escasseava-lhes o vento; iam correndo até dar em fundo de três braças, e logo surgiam com um frasco cheio de água salgada, que sendo de cobre lhes servia de âncora, e de amarra uns pedaços de cabo que se desfizeram em cordões, amarrados uns em outros. Mas, não bastando isto, desemmastreavam e estavam tóda a noite remando, de modo que pudessem sustentar a ponta, por não irem dar a través.

Nestes quatro dias que vieram ao longo da costa, andaria o esquife mais de quarenta léguas, por ir sempre com vento esperto em pôpa muito aviado.

Ao terceiro dia, que foi tērça-feira, vindo a noite, começou a engrossar o mar com vento Sueste, que nesta costa é travessão, e metia grande vaga; por onde, receando que os podia de noite cometer o mar, determinaram encalhar; disseram primeiro as ladafnhas, como tódas as noites atrás tinham feito, e, mareando o esquife com a prôa para onde lhes pareceu que o mar dava mais jazigo, cometeram a terra com perigo das vidas, por ser baixa-mar, o parcel grande, o vento travessão, os mares grossos e quebrarem muito longe da terra. Dizia o mestre da nau, homem esperto nas cousas do mar, que esta

desembarcação fôra milagrosa porque o mar era grande e vinha todo rebentando em flor, e parecia que a mais pequena onda era poderosa para desfazer um grande navio, quanto mais um tão pequeno esquife tão mal conser-tado. Afirmavam os que nêle vieram que em chegando os mares perto dêle se desviavam a uma parte, de modo que nunca por onde foram o mar quebrou, e assim tomaram a praia sem perigo e tiraram o fato em terra. O intento de encalharem o esquife em terra era para que, abonçando o mar e feita a sua aguada, tornassem outra vez a demandar as Ilhas Primeiras.

Saídos em terra, encheram um barril de água, que acharam em covas em uma campina pela terra dentro, e vindo com êle para a praia acharam um negro que trazia algum peixe miudo, pôsto que pouco, que lhes resgataram por um barrete; e mandaram Álvaro Rodrigues com o negro à aldeia, que estava duas léguas da praia, para trazer fogo e ver se achava língua que lhes dissesse onde estavam, para fazerem sua derrota. Os negros da aldeia, como viram homem branco, com muito alvoroço se vieram à praia, trazendo Álvaro Rodrigues às costas, por fraco e cansado. Entre estes negros vinha um que falava alguma cousa em português, a quem preguntaram por Calimané; e êle, apontando com a mão para a banda do Nordeste, dizia que perto estava; e, apontando para a parte do Sudoeste, lhes disse que para ali lhes ficava Luabo, onde estava Francisco Brochado. Com estas novas ficaram mais consolados, por saberem já aonde haviam de caminhar.

O Fumó da aldeia se ofereceu logo a Fernão de Mendoça, dizendo-lhe que êle o levaria às costas dentro a Calimané. Com tais novas, cearam do peixe e dormiram; o capitão-mór deitou-se dentro de um caixão sem tampa, que viera no esquife, o que vendo os negros pegaram dêle rijamente, cuidando que estava cheio de *reales*, mas ven-

do-se baldados do que esperavam o largaram. De noite acudiram muitos negros e negras das aldeias mais vizinhas, e tôda a noite estiveram em diferenças com os primeiros; devia ser sôbre a repartição dos pobres despojos; roubaram as velas e fato, do esquife, e começaram a cavar a praia em diferentes partes, cuidando que os portugueses esconderam nela os *reales*, que já entre êles são estimados mais que pregos velhos, de que faziam há pouco tempo tanto caso; e cavando na praia não acharam mais que algumas espadas desempunhadas, que os do esquife tinham enterradas pela areia. Pela manhã, alevantando-se o capitão-mór do caixão, arremeteram a êle outros negros, com grande fúria e sêde de *reales*, e não achando dentro nêle cousa alguma pegaram todos dêle e foi feito em pedaços, de raiva de o acharem vazio.

Caminharam logo os do esquife praia acima, para aquela parte onde os negros tinham apontado que ficava Calimané, o que vendo os negros, saltaram com êles, e de pulo lhes levavam os barretes das cabeças; após isto os começaram a despir, e o que com tôda a pressa não dava logo o fato era mofino, pagando pelo corpo, andando à porfia de quem levaria melhor quinhão, trazendo muitas vezes ao pobre despojado pisado aos pés, o que lhes era fácil, assim por êles serem muitos como por os portugueses estarem tão fracos que se não podiam ter em pé. Desta maneira, nús, caminharam para Calimané ao longo da praia, até darem na bôca do rio; e antes de chegarem a êle foram salteados de outros negros que lhes levavam os pobres farrapos, até as contas que traziam aos pescoços.

Chegados à bôca do rio não viram remédio para o passar, e entendendo que da outra banda estava a povoação de Francisco Brochado tomaram o caminho rio acima, até darem em um esteiro que safa do rio; e um pedaço além dêle houveram vista de um lúzio, que é em-

barcação desta gente; os negros do lúzio estavam fazendo lenha; não se atreveu nenhum a passar o esteiro e ir ao lúzio, receando a água, que vinha muito têsá. Nisto viram uma almadia, que andava no rio; fizeram-lhe sinal, mas os negros não acudiram a êle; então capearam aos do lúzio, de que, vendo os portugueses, saiu o mocadão e na almadia se veio a êles; e chegando, lhes falou em português, e lhes perguntou donde vinham. Deram-lhe os portugueses conta de si; respondeu que, assim êle como os mais negros que no lúzio vinham, eram cativos do Muinha Sedaca, um mouro muito amigo dos portugueses, que vissem o que queriam dêle porque tudo faria. Perguntaram-lhe os nossos por Francisco Brochado; respondeu que era em Luabo, que não tinha deixado em casa mais que algumas negras; então lhe pediram que os quisesse passar à outra parte do rio. Disse que sim; e logo meteram na almadia com êle o capitão mór e o mestre da nau. O capitão mór deu ao negro, cuja almadia era, uns calções que ainda trazia cingidos, e o mestre deu um pedaço de pano de côr que trazia na cabeça, porque sem estas pagas o negro os não queria passar.

Postos da outra parte do rio, saiu a êles um cavalo marinho, que pelo não terem nunca visto cuidaram ser badá, e com o mêdo e pressa se meteram pela vasa, atolando-se até à cinta, no que passaram trabalho, porque o cavalo marinho dava mostra de os seguir; mas logo se tornou a meter no mar. Chegaram ao lúzio, e, feita a lenha, tornaram com êle em busca dos companheiros; tomáram-nos, e atravessando o rio, que teria meia légua de largura, se passaram da outra banda; chegaram a casa de Francisco Brochado com duas horas de sol; as negras de casa, vendo-os nús, queimados (ou falando mais ao certo, assados) e disformes, começaram a levantar um grande pranto, recebendo-os com lágrimas e amor, como se foram portuguesas; deram-lhes a cear do que tinham,

arroz e bredos, que para êles foi banquete. Delas souberam como Francisco Brochado estava em Luabo esperando os pangaios de Moçambique e que não tinha em casa fato nem mantimento. Desconsolados ficaram com estas novas, porque as negras, como pobres, não os podiam sustentar.

Dos negros entenderam que encalharam com o esquite entre Linde e Calimané, duas léguas e meia de Calimané. Mandou no mesmo dia Fernão de Mendoça um marinheiro no lúzio em que vieram a Muinha Sedaca, que estava em um seu lugar chamado Menguanané, duas léguas da povoação do Brochado, mandando-lhe dizer como chegaram ali perdidos, que cumpria a serviço de Sua Magestade vir ter com êles, ou dar licença para o irem ver. É êste Muinha Sedaca um mouro nobre, natural de Qúfloo, irmão de Muinha Mafemedede, tirano de Angora; vive neste rio de Calimané como vassalo d'El-Rei de Portugal, e é rico. Vindo a noite, bateram à porta onde os portugueses estavam, dizendo que abrissem, que estava ali El-Rei. Era êste um mouro, Xeque de uma aldeia, a que os seus chamavam Rei; com êle vinha um seu irmão chamado Mocata, muito conhecido dos portugueses. Como souberam que tinha dado à costa perto dali a nau, trazendo o tino mais em roubar, que visitar, como fizeram na nau *S. Luís*, quando naquela paragem deu à costa, detiveram-se muito pouco, fazendo muitos cumprimentos fingidos.

Pela manhã chegou Muinha Sedaca com o marinheiro que fôra ter com êle. Trouxe vestido para o capitão-mór, camisa, calções, cabaia, sapatos, e dois caçopos de arroz para todos. Deu-se ordem com que partissem logo dois homens, um a Sena, outro a Luabo, a avisar o capitão de Sena e Francisco Brochado de sua perdição, pedir-lhes roupa e favor para estes homens irem. Deu Muinha Sedaca duas almadias, que logo partiram. Daí a

vinte dias chegou Manoel Brochado, filho de Francisco Brochado, em uma almadia, para os levar a Luabo, dizendo-lhes da parte de seu pai que se fôsem para Luabo, porque ao presente êle não tinha roupa, mas que tinha já despedida uma almadia a Sena a trazer um caixão com vestidos que lá tinha, com que os proveria a todos, e que entretanto mandava a Fernão de Mendoça um vestido e um ferragoilo. Após o filho de Francisco Brochado chegou Martim Simões, morador em Sena, com recado do capitão da terra que se fôsem para lá, se lhes parecesse bem, ou esperassem em Calimané os pangaios de Moçambique, por Sena estar então muito doentia, e que, se esperassem os pangaios, os proveria de fato para se vestirem e camisas; e por entretanto mandou para todos um baar de fato. O capitão-mor estava sangrado a êsses tempo seis vezes, e por êsse respeito quis antes ir a Sena para se purgar.

Ao outro dia se partiram todos nas duas almadias, e, chegando onde o rio se divide em dois braços, apartaram-se: Fernão de Mendoça e Martim Simões, com cinco mais dos da Companhia para Sena; o mestre com os mais para Luabo, em companhia de Manoel Brochado, onde chegados, Francisco Brochado os vestiu logo e agasalhou com o amor com que também recolheu aos da jangada, como fica dito. Salvaram-se no esquife as seguintes pessoas: Fernão de Mendoça, capitão-mor, Manoel Gonçalves, mestre, Manoel Rodrigues, passageiro, Diniz Ramos, barbeiro da nau, Vicente Jorge, criado de Fernão de Mendoça, Vicente, moço de nove anos, António Gonçalves, estrinqueiro, doze marinheiros — Álvaro Rodrigues Negrão, André Martins, António Neto, Baltezar Vicente, Lázaro Luiz, Luiz Gonçalves, Manoel Rodrigues, Miguel Falcão, Bento Ribeiro, Manoel Gonçalves, Pero Franco e Pero Carvalho que depois faleceu em Sena. Êste foi o successo do esquife e dos que nêle se salvaram. Em Luabo

estiveram todos, assim os do batel, como a maior parte dos do esquife e os da jangada, oito dias, muito bem tratados de Francisco Brochado, do qual é bem se diga alguma coisa, pela magnificência e largueza com que se houve com todos os portugueses que escaparam do naufrágio da nau *Santiago*, merecendo certo pelas grandes obras que lhes fêz seus devidos louvores e avantajadas mercês de Sua Magestade.

Francisco Brochado é natural da Villa de Amarante, da honrada familia dos Brochados, foi criado do Infante D. Luiz, há trinta anos que está neste rio de Cuama, do qual é guarda-mór, e traz todo o maneiio e fábrica dêle, porque tôdas as embarcações que nêle há são suas, excepto alguns couches de negros, mui pequenos; está concertado com os capitães de Sofala no frete dos seus navios, que são dezasseis, a um tanto por monção; tem grande casa e familia de escravos, com todos os officiais que lhe são necessários, cativos seus; reside conforme as monções, em Luabo e em Calimané, e em ambas as partes tem casas e povoações suas; pudera ser um homem muito rico, mas é tão bom e largo de condição, que não é possível ajuntar fazenda. Em tôdas as perdições de naus deu sempre do seu liberalmente aos que delas escaparam, achando todos nêle grande acolhimento e favor. Nem há capitão de Sofala ou Ormuz que com tanta largueza de condição acudisse e remediasse as necessidades que lhe representassem, como êle. Êle foi o que vestiu e deu todo o mais necessário aos da jangada do sota-pilôto e os resgatou à sua custa; assim se houve com os do esquife, que se foram para êle; e não vestiu aos que se salvaram no batel, porque em Luranga, estando ainda no rio sôbre ferro, houve quem os vestiu a todos, que foi um dos que se salvaram do naufrágio, o qual como nisto não pretendeu mais que o serviço de Deus, e em outros gastos que fêz com a mesma gente, quis por sua modéstia que dêle neste tratado se não fizesse menção.

Continuando os louvores de Francisco Brochado: êle sustentou a todos em sua casa, dando-lhes mēsa esplēndida de tudo o que na terra podia haver; havia dia que mandava matar cinqüenta galinhas; os enfērmos mandou curar com tanto amor e cuidado como se foram seus filhos ou irmãos, sofrendo com grande brandura os remoques dos doentes, que sãe nēles mui ordinários, e de tais doentes como aquēles que tinham passado os trabalhos que se contaram. Aconteceu que, desejando um enfērmo uma talhada de lombo de vaca, êle mandou logo comprar uma a um mouro a trôco de duas que lhe ficou de dar em Sena, só por acudir ao desejo do enfērmo, fazendo-lhe outros regalos e mimos que se não particularizam.

De Luabo se partiram a maior parte dos que ali se acharam para Sena, domingo, dezasseis de Novembro, ficando com os que não foram Manoel Brochado, para os agasalhar e levar consigo a Calimané em um pangaio que ali estava, porque de Sena haviam de ir a Calimané e daí a Moçambique. Partiram em duas embarcações com que se neste rio navega, a que chamam lúzios; sãe do comprimento das barcas de Cascais, mas muito rasas, têm no meio armada uma casa, em que vai metida a fazenda que se leva para Sena; sôbre esta casa se arma outra, em que dorme e se agasalha o português que vai no lúzio. Cabem neste camarote duas e três pessoas; desta câmara de cima sai uma varanda em que vão dois marinheiros, que têm cuidado das escotas, e nela estãe também os portugueses; como a calma passa, é aprazível estância, porque dela vão vendo o rio e tomando o fresco de tarde e manhã. Têm estas embarcações uma só vela redonda; é de esteira, que êles têm por melhor que a de pano de que usamos. Da casa para a pôpa se rema com quatro e cinco remos por banda, ou vão às varas; na proa vai sempre o mocadão, que é o arrais da embarcação, com uma vara nas mãos, assim para endireitar e botar o

lúzio, como para espantar os cavalos-marinhos, que lhe não cheguem.

Este rio, a que os portugueses chamam Cuama, é um dos famosos da Etiópia, e que pelas notáveis coisas que em si tem pode competir com os tão celebrados rios Ganges e Nilo; não se lhe sabe princípio e nascimento; dizem alguns que nasce das fontes de que corre e sai o Nilo; entra no mar com dois braços: o do rio, a que chamam o Grande, é Luabo, que está dezanove graus escassos da banda do Sul; o pequeno é Calimané, que está em dezóito graus menos um quarto. Pela terra de Luabo sai com tanto ímpeto a água, que afirmam que sete ou oito léguas ao mar se toma muitas vezes água doce nas vazantes; nas enchentes não entra por êle a água salgada mais que por espaço de cinco léguas; começa-se a dividir nestes dois braços trinta léguas das barras nas terras de Qui-pango. Entre estes dois braços do rio há uma ilha chamada Chingomá, e assim se chama também um senhor que possui a maior parte dela. Pela barra de Luabo se navega de verão e de inverno; pela de Calimané, que é o rio Pequeno, só de Fevereiro até Julho; todo êle se navega para Loes-Noroeste, inda que, por razão das voltas que vai dando, muitas vezes a Sudoeste e a Noroeste. O fundo é de areia com muitos madeiros, e mui grossos, cravados nela; êste é um dos maiores perigos que êste rio tem, porque, como é de grandes correntes, vêm por êle abaixo as embarcações muito aviadas, e dando muitas vezes nestes madeiros, que a água escassamente cobre, sossobram. O rio tem bastante largura, e no mais estreito um têrço de légua; tem de uma e outra parte muito arvoredo silvestre; as suas maiores cheias são em Março e Abril, sem neste tempo haver chuvas nem neves que se desfaçam (por onde se presume que vem de muito longe) e se lhes dá a mesma causa que attribuem às enchentes do rio Nilo.

Criam-se neste rio muitos crocodilos, que são os lagartos aquáticos, muito maiores do que se criam no Nilo; e alguns, dizem os negros, são tão grandes que parece incrível, por onde se não escreve aqui sua grandeza. É bicho cruelíssimo, na caça muito sagaz, quando quer tomar algum negro. Em Sena acontece às negras que vão lavar ou tomar água ao rio não os verem nem sentirem (tão agachados e cosidos estão com a areia), e dando com o rabo súbitamente cingem a presa, levando-a atrás de si; e depois de se mergulharem abaixo tornam outra vez a surgir com ela e mostrá-la de algum penedo; e depois de estarem assim um pouco tornam-se a mergulhar com ela; e os negros dizem que os lagartos fazem isto para os mais magoar. Os negros tomam alguns pequenos nas redes, que logo matam e comem com muita festa, em vingança dos danos que deles recebem. Na terra há outros lagartos grandes, de cinco, seis, oito até dez pés de comprido, que vão beber ao rio; e dizem os negros que têm ajuntamento os aquáticos e os terrestres. Vindo pelo rio abaixo, de Sena para Calimané, tomou Francisco Brochado um, vivo, e o levantou pelo rabo no ar, e depois o mataram os negros; têm estes da terra a língua negra e farpada, o que os crocodilos não têm; os cafres também comem estes. Há neste rio muitos cavalos-marinhos muito grandes e de feio aspecto; têm os pés tão grandes como de elefantes, as pernas curtas, o corpo disforme e que ao longe parece de badá; têm a bôca muito grande e rasgada, a côr é parda, que tira a prêto, como a de lobos-marinhos; só de cavalo têm o pescôco com grande cacho, orelhas e rincho. Arremetem às embarcações, e muitas vezes as viram; por onde o mocadão vai sempre com muito tento batendo a água com uma vara para os espantar, e desta maneira os afasta da embarcação.

Tem êste rio muito pescado; sessenta léguas pela terra dentro se comem cações tão grandes como os de Portugal;

os de Cuama são melhores e mais gostosos, e tão são que se dão a doentes, ainda que estejam com febres; os portugueses lhes chamam violas, e têm umas espinhas ou ossos largos de um palmo, e dois de comprimento, como espadas, que lhes saem das cabeças, com que, se encontrarem a qualquer outro peixe, não há dúvida que o atravessem da outra parte. Sobem estes cações como cento e vinte léguas pelo rio acima até Teté, e dizem os negros que passam de Teté.

Há em Sena e por todo o rio outros peixes que chamam cabozes, pouco menores que pescadas; também se dão a doentes, e são de melhor gosto que pescadas. Todo o outro pescado, pela maior parte, se parece mais com o do mar que com o dos rios. É mui povoado este rio, assim da banda do Bororó, que é da parte direita, rio acima, como da banda do Motonga, que é à parte esquerda; as terras que são regadas deste rio são férteis e mui abundantes de arroz, milho, feijões e outros legumes que se por ali colhem; têm muitos figos como os da Índia, muito gado e galinhas, e tão baratas que por um pano que vale dous tostões dão pelo menos dez galinhas, e muitas vezes doze e quinze. Há muita caça, assim ao longo do rio, como pela terra dentro, de patos, adens e outras aves, búfaras, gazelas, merús. Criam-se por aqui muitos elefantes, leões, tigres e muitos outros animais, tantos que andam em bandos.

Metem-se neste rio outros muitos caudais. Dez léguas antes de Sena se mete o Chiri, braço de Suabo, rio célebre na costa; na bôca do Chiri se começa a ilha de Inhagoma; é muito plana, e muito abastada de mantimentos; terá dez léguas de comprido, e no mais largo légua e meia; outras muitas ilhas há neste rio, e em outros mais pequenos; a principal ilha é Chingomá, de que atrás disse. Daqui passa o rio por Sena, povoação dos portugueses. Sessenta léguas das barras de Sena corre ao reino de Mongas, dividindo pelo meio as serras de Lupatá. Entre

Mongas e as nossas terras de Teté, recolhe em si o famoso rio de Chireira, no qual também se metem o Cabreze e Mavoso, rios em que se acha muito ouro, por cujo respeito são muito nomeados; daqui vai a Teté, povoação e forte dos portugueses, a cento e vinte léguas das barras do reino de Inhabazóé, que Monomotapa conquistou e repartiu entre alguns vassallos seus, dando aos portugueses uma boa parte, que são as terras que reconhecem aos portugueses. De Teté se navega até o reino de Sacumbé, donde por espaço de vinte e quatro léguas até entrar no reino de Chicová, onde estão as minas de prata tão desejadas dos nossos, se deixa de navegar, pela muita penedia que nêle há por onde vai quebrando com grandes correntes e sussurro; daqui por diante é navegável, pôsto que se não sabe até onde. Isto é o que se pode saber dos portugueses do rio de Cuama.

Tornando ao itinerário da gente do naufrágio: partiram, como se disse, de Luabo a dezasseis de Novembro, chegaram a Sena aos vinte e cinco do mesmo mês, onde foram agasalhados com muito amor dos portugueses que estavam em Sena. Antes de chegarem a Sena veio João Rodrigues, nela morador, com recado e ordem de Fernão de Mendoça, para os ir buscar a Luranga; trazia roupa feita, que deu de sua parte a todos. E nisto, e em tudo o mais, procedeu Fernão de Mendoça como bom fidalgo. Sena é povoação de portugueses; nas terras de Inhamioi têm um forte, que se chama S. Marçal, com capitão, soldados e artilharia, e, ainda que pequeno e de pouco presídio, basta contudo para ter enfreados e sujeitos os negros, os quais, cercando-o uma vez, desistindo da empresa se retiraram com muito dano seu. A terra é muito abastada, tem muito gado, galinhas muito baratas, como fica dito; é mui doentia, os moradores dela parecem homens de maleitas, sem côr de vivos no rosto, e os mais deles são tocados dêstes males, e tudo isto faz sofrer a sêde de ouro,

que aqui se vai buscar. Tudo o que lhes vem do reino ou da Índia — como farinha, azeite, conservas, roupa — é a pêso de ouro; e o vinho muito mais.

No tempo que aqui chegaram os portugueses do naufrágio da nau *Santiago*, sendo monção, em que as cousas valiam mais baratas, se vendia uma canada de vinho por cinco meticais, que são seis cruzados de ouro, e por esta conta vinha a valer a pipa de vinho mil e oitocentos e dois cruzados de ouro. Valia um barril de farinha de seis almudes, corrompida e de mau cheiro, trinta meticais, que fazem trinta e seis cruzados. Os doces custam tanto, que é incrível.

De Sena partiram para Calimané a vinte e sete de Dezembro, a segunda oitava do Natal; puseram no caminho quinze dias, chegaram a Calimané a dez de Janeiro, onde estiveram vinte e três dias esperando tempo. Em Calimané se embarcaram quarta-feira, três de Fevereiro; chegaram a Moçambique a vinte e um do mesmo mês. Saídos em terra, foram todos de joelhos em procissão a Nossa Senhora do Baluarte, que assim o tinham prometido por voto, que os do batel fizeram; acompanhou-os o povo todo, o vigário da igreja matriz e os padres de S. Domingos, onde prostrados por terra, com muitas lágrimas, deram as devidas graças a Deus e a Nossa Senhora, que de tantos perigos os salvaram.

ÍNDICE

| | Págs. |
|---|-------|
| VIII— Naufrágio da nau Santo António | 5 |
| IX — Relação do naufrágio da nau Santiago . . | 57 |

H. G.
30905-

INDICE

VIII - Memoria de don Santo Antonio 2
IX - Relato de la muerte de don Antonio 21

